

KATHERINE LACCOM'T

TRILOGIA

SAIN'TS



Autora premiada da Kindle Direct Publishing

• G A B R I E L •

LIVRO 01



Table of Contents

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Epílogo](#)



Gabriel
Trilogia Saints
Livro I



Copyright © 2016 by Katherine Lacom't®

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desse livro, sem autorização prévia da autora por escrito, poderá ser reproduzida ou transmitida, seja em quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Revisão: Evelyn Thuane Santana

Capa: Mia Klein

Imagem: www.123rf.com

ISBN: 978-85-921876-7-5

Esta é uma obra fictícia, quaisquer semelhanças com pessoas reais vivas ou mortas é mera coincidência.

Os versos das canções aqui reproduzidas foram usados com base no Art. 46 da Lei Brasileira do Direito Autoral.

contato@katherinelacomt.com.br

“Deus, me conceda serenidade para aceitar o que não posso mudar, tenacidade para mudar o que posso e boa sorte para não foder tudo com muita frequência”.

Stephen King

Sinopse

Muitas pessoas nos consideram anjos, outros acreditam que somos enviados do inferno. Na verdade, nós somos o que quiserem, desde que pague o nosso preço. Não nos importamos com ninguém, o centro do nosso universo, são nossas famílias. Somos descendentes da máfia italiana, fomos criados para assumir um império e programados para passar por cima de quem quer que for para atingir nosso objetivo.

Eu sou Gabriel, presidente da terceira geração do clã Saints. Minha missão de vida é a prosperidade e proteção dos meus. Sou um dos maiores negociadores mundiais, estou sentado acima do bem e do mal que aflige o mundo. Mas minha vida não é fácil e piora quando Micaylah cruza o meu caminho.

Sou Micaylah, assistente do presidente da terceira *blá blá blá* Saints. Minha missão de vida é infernizar a vida dele, coisa que fazia com muito gosto até o meu chefe cruzar os meus pensamentos, nu. Eu não sei o que aconteceu, mas em um dia eu o detestava e no outro, eu o desejava.

Nós somos os Saint's e essa é nossa história de amor.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Epílogo](#)

Prólogo

Sou herdeiro da presidência da Saints Worldwide, juntamente com dois vice-presidentes, que também herdaram as cadeiras que ocupam. Raziel Keruvim Saints e Elemiah Séraph Saints.

Somos a mais poderosa empresa na área de segurança e estamos por todo o mundo.

Sim, todos nós temos nomes de anjos. Só não me pergunte o porquê. Nossas famílias são católicas devotas e praticantes, somos obrigados a frequentar a missa matinal na igreja todos os domingos. O triunvirato Saint's comanda o mundo, mas são submissos às esposas e mães.

Muitas pessoas nos consideram anjos, outros acreditam que somos enviados do inferno. Na verdade, nós somos o que quiserem, desde que paguem o nosso preço. Diferente de outras empresas de segurança privada, nós lidamos com algo maior por trás das cortinas, lidamos com os mais poderosos do mundo. Dentre nossos clientes, temos presidentes de pequenos países a organizações mundiais.

Governos nos chamam para esconder alguém de suma importância, também nos chamam para encontrar alguém. Lidamos desde pequenos conflitos entre gangues em cidades a negociação de paz entre países. Podemos encontrar um ser invisível em um buraco no meio do deserto ou podemos tornar invisíveis pessoas publicamente importantes. Somos conhecidos por treinar os melhores homens, eles são verdadeiros fantasmas. Também somos reconhecidos pela tecnologia que desenvolvemos em nossos laboratórios. Tudo pode ser seu, se pagar o nosso preço, que não é baixo.

Somos descendentes da máfia italiana, criados para assumir um império e programados para passar por cima de quem quer que seja para atingir nosso objetivo. Apesar de comandar todo um clã, não somos filiados a nenhuma máfia, e todas elas estão um degrau abaixo de nós. Gosto quando as pessoas nos chamam de mafiosos modernos. Espalhamos a paz e, dependendo do

contrato, espalhamos o caos também.

Amor não faz parte dos meus planos, ainda vivo entre negociações, orgias, trabalho, festas e assassinatos. Vivemos sob as leis rígidas do clã Saints, uma delas diz que a família vem antes de tudo e de todos. E é aí que entra Micaylah Victoria Arigliato.

Eu sou Gabriel Archangelo Saints, e essa é a minha história.

Capítulo 01

Gabriel

— Matem todos!

— Ma-mas, senhor, não podemos fazer isso. Lá há mulheres que...

Levanto meus olhos dos papéis importantes à minha frente para encarar o homem que teve coragem de me questionar. O medo que desperto nas pessoas alimenta o monstro que vive em mim. Recosto-me na cadeira e delicio-me com o seu nervosismo. Poucos me questionaram e saíram ilesos.

— Está questionando uma ordem minha, Mike?

— Não-não, é-é que...

Nesse momento, Elemiah entra em minha sala com Micaylah ao seu lado. Esse dia está ficando cada vez melhor. Levantei e me deparei com a cozinha vazia, pois minha empregada se demitiu depois de me ver transando com três mulheres. Eu sabia que não demoraria a receber uma ligação da senhora Giovanna Saints. Dito e feito! Assim que Gregory, meu segurança pessoal, abriu a porta do carro para levar-me à Worldwide, meu celular toca e nem me dei ao trabalho de olhar o nome, eu tinha certeza que era ela.

— *Bom dia, mãe.*

— *Bom dia, Gabriel. Responda-me uma coisa, meu filho: quando você vai parar de foder tudo o que se move e achar uma esposa? – ouço alguém falar ao fundo e ela responde: — Dá um tempo, Ítalo. Até quando vou ter que procurar empregados para Gabriel? Ninguém suporta viver em uma casa onde serve-se sexo no café, almoço e jantar.*

— *Mamma...*

— *Não me venha com “mamma”, menino. Você e a tríade Saints podem ser donos do mundo, mas eu, Giovanna, sou quem mando nessa família.*

Esfrego a mão pela minha testa, já cansado. E o dia nem começou. Volto minha atenção ao homem que está à minha frente, quando urinando em suas calças, a Elemiah e à insuportável da Micaylah. Deus me ajude! Essa mulher é o diabo.

— Mike, o que eu mandei fazer? – meu tom de voz baixo e gélido, faz o homem tremer ainda mais.

— Li-limpar o clube que a má-máfia russa detonou – o homem troca de pés, pronto para fugir

porta afora.

— E você não o fez ainda, porque há mulheres. É isso?

— Si-sim, senhor.

Baixo minha caneta sobre a mesa e encaro-o.

— Mike, não foi sua esposa que o traiu com a metade da sua tripulação? – o homem empalidece e, pelos cantos dos olhos, vejo Micaylah balançar a cabeça em desaprovação. — Foi o que pensei. Vou lhe dar uma nova chance porque você é bom e corajoso o suficiente para me questionar. Mas não se acostume, pois não haverá próxima vez, já que estará morto. Encare aquelas vadias como se fossem sua esposa, despeje toda sua frustração limpando o lugar.

— Si-sim, senhor.

Ele sai fechando a porta atrás de si. Elemiah senta na beirada da minha mesa e o diabo da mulher à minha frente abre aquela maldita boca:

— Por mais que eu conviva com vocês, não consigo me acostumar com suas atrocidades.

Principalmente as de Gabriel.

— Ninguém pediu sua presença aqui, Micah – aponto para a porta. — Sinta-se livre para ir.

— Cada dia mais educado, Gabe – ela cospe meu apelido.

El limpa a garganta e fala:

— Micah é sua nova assistente pessoal.

— Nem fodendo! – rosno e encaro Elemiah. — Eu não solicitei nada. Está dispensada, Micaylah.

Ela ri e volta a analisar os papéis da pasta que está em suas mãos.

— Por mais que eu queria ficar longe de você, Gabe, sua mãe me comprou com uma viagem de férias para a Suíça com meu namorado.

— Seja quem for o coitado, dê a ele meus pêsames.

El. bate palmas e fala:

— Estou tão feliz que as crianças estão se dando bem. Estou indo acompanhar a limpeza do Mike. Até mais tarde. Não se matem!

Minha dor de cabeça piora. Fecho os olhos e esfrego minhas têmporas em busca de alívio. Como diabos meu pai controlou uma guerra e não consegue controlar a minha mãe? Tinha que ser o diabo da Micaylah? Olho para a mulher que está concentrada em coisas mais importantes do que eu e analiso sua figura.

Ela está elegantemente vestida com a roupa do seu namorado. Desde que Micah começou a trabalhar aqui, não a vejo com vestimentas femininas. Ela usa esses conjuntos de terno e calça. A única coisa que demonstra sua feminilidade são seus sapatos, mas vivem cobertos por esses farrapos de mau gosto. Seus cabelos sempre presos e óculos grandes terminam sua composição. Ela não é feia, mas também não é bonita. Não está nos meus planos sair com uma mulher que mais parece minha avó.

Micaylah veio para os Estados Unidos quando tinha onze anos, logo após a morte de seus pais, quando os meus a trouxeram para a nossa casa, e desde então é considerada família. Como eu, ela também é descendente de uma das casas mais perigosas da máfia italiana. Salvo que eu não tenho laços com “*la famiglia*”, Micah também não deveria ter. Seu pai lutou bravamente para seguir sem deixar-se envolver na lama em que seu clã estava se tornando. Infelizmente, não teve

êxito.

Ao contrário do meu avô, que fugiu com toda a sua família da Itália, na época em que a polícia começou a fechar o cerco. Em meio a perseguições e à queda do império criminoso, Giuseppe Luchese partiu clandestinamente em um navio cargueiro rumo à América. Com ele vieram Narciso Lugharelli e Carlo Vittore, também com suas esposas e filhos.

Chegando em terras americanas, viu-se acuado com o chefe da máfia daqui. Nesse momento, decidiu que sobreviveria à saída da *famiglia* e lutaria para que as futuras gerações dessas famílias desertoras pudessem ter uma vida lícita e tranquila. Reunidos, meu avô, Giuseppe, e seus primos, Carlo e Narciso, decidiram mudar de nomes e começar uma empresa de segurança. A ideia era tornarem-se necessários a tantas pessoas, que suas mortes provocariam uma nova onda de guerra no mundo em que já estava instalado o caos.

Eles trabalharam incansavelmente, tornaram-se Anthony Giuseppe Saints, Paul Narciso Saints e Joseph Carlo Saints, fundando, na década de cinquenta, a Saints Security, que anos depois se tornou Saints Worldwide. Como vovô era um líder destemido e colocou essas famílias em prumo, ele se tornou a cabeça do primeiro triunvirato Saints. Famílias italianas e descendentes se aproximaram na esperança de se tornarem membros desse novo clã.

Os que eram aceitos tinham que aderir Saints no meio do nome, e nunca ao final. Também tinha a regra de enviar um de seus filhos para ser soldado da Saints Security. Seus negócios recebiam recursos da empresa, tornando-a sócia de seu estabelecimento. Assim, aos poucos, nossos avós começaram a construir a fortuna que duplicamos hoje.

Com essas adições, o clã foi se tornando cada vez mais numeroso e forte, o que despertou o ódio de alguns. Sucessivos ataques contra as famílias do triunvirato e aos estabelecimentos associados levaram-nos à frente do novo *Capo di Capos* na Terra-Mãe, para formalizar a deserção. Não foi fácil, mas dar cabo de suas vidas naquele momento seria um erro, sendo que com *la famiglia* fraca, os russos e os irlandeses os destruiriam para vingar aqueles que faziam negócios com eles. No caso, os Saints.

Logo foram surgindo as regras que regem a família Saints. Dentre elas, estão as absolutas, que dizem que:

A segurança do “Presidente” e da tríade vem acima de qualquer outra;

Não chamar a atenção para si e nem para o clã;

Se mexer com qualquer um do clã, terá que se ver com todos;

Não mentir para a tríade, caso seja chamado para esclarecimentos;

Há também leis específicas para a tríade:

Todo herdeiro que não esteja iniciando sua família até os trinta e três anos de idade tem seus pais como responsáveis pela escolha do cônjuge para fazer com que a união aconteça;

Os herdeiros não devem, em hipótese alguma, crescer separados. É obrigatório que eles convivam próximos por toda a vida;

Os herdeiros do triunvirato devem passar por treinamentos que os preparem para sentar em sua cadeira e comandar o clã. Devem também ter estudo superior compatível com a sua herança. É de responsabilidade expressa de seus antecessores prepará-los para assumir o que lhes é de

direito;

É proibido que os herdeiros entrem em confronto iminente que poderá ocasionar seu óbito (é isso mesmo, somos proibidos de morrer).

Essas são algumas das leis estabelecidas pelos Saints da primeira geração. Meu pai, Ítalo Saints, e meus tios Felipe Saints, pai de Raziel, e Ândrio Saints, pai de Elemiah; a segunda geração levou a preparação dos herdeiros ao pé da letra, nos enviando para treinar com rebeldes da máfia russa e com a infame máfia italiana. Ensinarão-nos a roubar, matar, espancaram nossos corpos minúsculos de quatorze e quinze anos.

Fomos enviados a treinamentos no meio de matas, passamos fome, frio e sede. Conseguiram despertar a ira e a indiferença, aprendemos que o amor é restrito somente à família. Raziel, Elemiah e eu passamos por tudo juntos. Fomos para a universidade em cursos diferentes, mas vivíamos juntos. Somos leais e fieis uns aos outros. Desenvolvemos uma ligação em que palavras são desnecessárias, sabemos o que outro pensa, às vezes até mesmo antes que ele pense. Quando assumimos a presidência, há dois anos, decidimos que moraríamos juntos, mas de alguma forma separados. Assim, nossas futuras cônjuges e nossos filhos teriam sua privacidade assegurada. Construímos um complexo residencial com três casas interligadas por uma piscina gigantesca. Cada casa tem uma parte dessa piscina em seu terreno e todas elas são aquecidas. A área comum tem, além da piscina, uma quadra de tênis e um jardim robusto.

Possuímos três clubes noturnos na cidade de Nova Iorque e mais outros cinco pelo restante do país. Logo que saímos das nossas pós-graduações, adquirimos ações de hotéis em Las Vegas e, no começo desse ano, concretizamos a compra de um dos maiores hotéis-cassino da cidade do pecado. Ele é cem por cento nosso, sem participações; nem mesmo da Saints Worldwide. Entre nossos negócios, figuram ações de empresas de telecomunicações e petróleo. Tudo isso graças à perspicácia de Raze para ver um bom negócio, ao meu dom de negociação e ao charme intimidante de El.

Somos mais que uma tríade que divide a presidência de uma organização poderosa. Somos irmãos, a dor de um é a dor de todos. Quando Raze foi sequestrado e sua esposa adúltera morreu para proteger o amante, nós estávamos lá pessoalmente para resgatá-lo. Aquilo não cabia só aos nossos soldados. O que se passou em seu casamento e naquele fatídico dia, somente El e eu sabemos. As famílias tomaram conhecimento sem os detalhes sórdidos.

Quando se está em mata fechada, prestes a morrer, passamos a dar valor naquilo que realmente importa. Nesse caso, nos meus irmãos da tríade. Essa cadeira não era meu objetivo de vida, mas quando se nasce para um propósito, não há escapatória. Assim como meu filho primogênito tem como destino se sentar onde estou hoje, e não há para onde correr.

— Esses números não estão batendo. Raze deve ter deixado algo passar.

Não tinha me dado conta da distração e nem de que Micaylah continuava aqui. Quando ela chegou à casa dos meus pais, eu já não estava mais lá. Nas festas de família, sempre estive distante dela, pois a garota era insuportável. Bom, cresceu e ainda é. Ela é a melhor amiga da minha irmã caçula. Ambas estudaram juntas, se graduaram juntas e viajaram por meses pela Europa. São quase inseparáveis. Só não entendo como Martina, uma viciada em moda, pode andar com uma mulher que se veste dessa maneira.

— Você pode ir ao encontro dele, Micaylah. Não é porque estamos ligados pela vontade da senhora Giovanna Saints que precisamos ficar todo o tempo juntos – falo fazendo uma careta.

— Com medo de mim, Gabriel? – ela inclina a cabeça de lado com um olhar debochado.

Entendam, eu não sou um homem de sorrisos e nem de amenidades. As pessoas costumam tremer quando cruzam o meu caminho, outras tantas têm pavor. Basta olhar-me e verão a palavra PERIGO em neon. Mas Micaylah, não! Ela debocha, ironiza e irrita-me.

Aponto para sua roupa.

— Medo do modo como se veste. Sabe-se lá o bicho que pode sair daí.

— Eu poderia surpreendê-lo, prostituto das mulheres depiladas.

— Seu namoradinho não pede para você se depilar? Não, espera... – sorrio. — Uma mulher de vinte e poucos anos que se veste assim, não é adepta a depilação. Aquele seu namoradinho de pau pequeno deve brincar de macaca do Tarzan. Acertei?

Seu rosto fica vermelho de raiva e posso ver fumaça sair de suas orelhas. Exultante, volto a minha atenção ao computador. Pelo canto de olho, vejo Micaylah dando a volta na minha mesa e vira minha cadeira, para que eu possa encará-la.

— Você é um idiota repugnante, Gabriel Saints! Espero que você se engasgue com sua saliva e morra sufocado. Eu, como sua assistente, vou garantir que debata no chão até perder a consciência e só chamarei o socorro quando tiver certeza que seu coração de gelo parou de bater. Ela vira-se e sai batendo a porta atrás de si. “*Va con Dio, bella.*”

Capítulo 02

Micaylah

— *DIO SANTO!* EU O ODEIO! – jogo os papéis que tenho em mãos no chão.

Gabriel “*Porrangelo*” Saints é um filho da puta egocêntrico que acredita que todas as mulheres morrem por seu pau. Mas olha, bastardo, eu não! Urgh...

— Tudo bem, Micah? – Raziel entra em minha sala olhando para a bagunça, preocupado. — O que acontece?

— Gabriel acontece. Tia Gio ligou e me convenceu a ser assistente pessoal do Gabe para ver se consigo frear as orgias dele.

— E como você pretende fazer isso? – Raze me pergunta com curiosidade.

— Não sei. Acho que só aceitei para infernizar a vida dele. Mas já me arrependi – abaixo-me para pegar os papéis, mas Raze segura-me e o faz. — Ainda existe um Saints cavalheiro. Ele sorri e coloca os papéis sobre a minha mesa.

— Você sabe que todos acreditam que vocês acabarão ficando juntos, não é? Você é a única que o enfrenta, além da tia Gio.

— Morra, Raziel!

Ele dá um sorriso de canto que faz as calcinhas das idiotas caírem. Raziel é deslumbrante! Aliás, todos os três são de acabar com a sanidade de qualquer mulher. Eles são loiros, mais ou menos

da mesma estatura de um metro e oitenta e cinco. Os três possuem uma escuridão no olhar que faz as pessoas temerem por suas vidas. Às vezes um olhar torto faz calafrios de pânico atravessar nosso corpo. Eles são os mais belos exemplares masculinos da humanidade e não tenho dúvidas de que são os mais perigosos também.

Raziel tem olhos verdes cinzentos e o contorno de sua íris o faz mais deslumbrante. Seu corpo é forte e totalmente definido. Seus cabelos loiros têm corte executivo curto, e parecem estar sempre bagunçados. Ele é o mais ponderado, ousa dizer que é o equilíbrio entre o louco Gabriel e o sarcástico Elemiah. Mas sua ponderação tem limite, e é curto. Raze é o financeiro da tríade. Os olhos de Elemiah também são de um verde acinzentado, mas não têm um contorno tão acentuado quanto os de Raze. Seus cabelos são mais compridos, fazem a volta no ombro, dando-lhe um ar mais descontraído mesmo em seus ternos impecáveis. Ele é o mais sorridente, não dispensa uma boa piada, mas não queira cruzar seu caminho. Ele pode ser tão letal quanto seu sorriso fácil. El é responsável pela segurança da tríade, tudo o que diz respeito à segurança é com ele. Ele treina pessoalmente os soldados do exército da Worldwide.

Gabriel é o rei. Ele é um negociador nato e gosta do jogo, se tiver perseguição é ainda melhor. O homem é um caçador por natureza, a ele cabe comandar tudo e a todos. Seus olhos azuis estão sempre atentos a tudo, nada passa de sua percepção aguçada e é extremamente inteligente. Para Gabe não há negociação perdida. Seu rosto é sempre imparcial, raramente alguém tira uma reação dele, sua frieza é doentia e sua arrogância é tentadora. Seu maxilar quadrado, e por vezes com a barba sem fazer, faz mulheres mendigarem sua atenção. Seus dentes perfeitos e lábios levemente desproporcionais prometem um mundo de luxúria.

Vai parando, Micah! Não cobizamos Gabriel há anos e não começaremos hoje!

O homem é o epítome da beleza. Cabelos curtos sempre bem penteados, roupas ajustadas perfeitamente àquele corpo cheio de músculos salientes. Sei que ele gosta do verão, pois quando estava na casa de seus pais, Gabriel passava grande parte do tempo na piscina, nadando e descansando ao sol. Sua pele dourada realçava seus incríveis olhos azuis, deixando-os mais intensos. Seu olhar tem o poder de matar e de deixar qualquer mulher molhada.

Tenho essa relação de parentesco com todos os Saints, exceto com Gabriel. Quando seus pais me trouxeram à América, ele já tinha partido para a universidade. Gabe aparecia nos feriados, mas sempre ficava na dele. Abria-se quando Raze e El juntavam-se a ele, caso contrário, só interagia com seus pais, tios ou irmã.

Aos quinze anos tive uma queda por *Porrangelo-Saints* tomando sol à beira da piscina de sunga preta e óculos escuros. Aos dezesseis, toda queda se transformou em nojo quando o vi na biblioteca da casa dos seus pais, ordenando a uma garota que ela ficasse de joelhos e o chupasse. Enquanto ela o tinha em sua boca, Gabe segurava seus cabelos e gemia. Na minha ingenuidade dos dezesseis anos, acreditei que ele estava abusando dela. Com o passar do tempo, entendi que aquilo era o que todas as mulheres desejam fazer a Gabriel. E aos dezessete passei a desejar fazer o mesmo. Não com aquele ogro, mas com um homem que me desperte o mesmo desejo.

— Você é a melhor analista que tenho. Essa será sua segunda ocupação de agora em diante.

Raziel traz-me de volta à realidade. Sorrio ante a sua afirmação.

— Por um momento fiquei preocupada em ser rebaixada a babá do bebê real.

Raze fecha a pasta e olha-me.

— Particularmente, eu não acho que seja uma boa ideia você trabalhar com o Gabriel. Vocês não se suportam e você é uma das únicas pessoas que o encaram de frente. Só que Gabe não pensaria duas vezes em te estrangular, Micaylah. Eu gosto muito de você. Inferno, mulher! Você é da família. Não quero ir ao seu funeral.

— Eu sei, Raze – falo exasperada.

— Gabriel não é volátil, acho que é a pessoa mais fria que conheço. Só que, quando se trata de você, ele se transtorna. Não sei se aconteceu algo para que vocês se odeiem ou simplesmente o fazem gratuitamente. Na verdade, eu nunca vi vocês conversarem, a não ser que sejam obrigados.

— Não aconteceu nada – ra verdade, nos odiamos gratuitamente.

— Você é nossa protegida, responsabilidade dos pais dele. Você é uma prima para mim, mas com ele não é assim. O que quero dizer é, por mais que Gabe respeite seus pais, ele não deixaria de dar um fim em você por causa deles. Ele é o chefe, todos nós estamos abaixo dele, suas vontades são lei.

Interrompo-o:

— Você e El também são chefes...

— Você vem do mesmo berço que nós, Micah. Sabe o respeito que todos têm em relação a um *Chefe*, sabe que não há possibilidade de ir contra um. Só, por favor, tome cuidado com esses joguinhos com ele.

— Eu sei. Obrigada por se importar comigo – falo com carinho. Por mais que eu seja próxima a Elemiah e a Raziel, eles não costumam demonstrar afeto a ninguém, essa é a primeira vez que Raze o faz a mim. — Serei cuidadosa.

Ele levanta-se e coloca um envelope sobre a mesa.

— Tia Gio pediu para lhe entregar as chaves da casa do Gabe. Aí também está um cartão de crédito corporativo e a senha para entrar no complexo. A segurança já foi avisada, você tem livre passagem por lá.

Raze sai e eu fico pensando em suas palavras. *Gabriel é o Chefe, não há como ir contra ele*. Eu sei que ele não hesitaria em colocar uma bala no meio da minha testa. Para homens como eles, sentimentos são fraquezas, exceto por sua família. E como sabemos, eu não sou família. Pelo menos não para Gabriel Saints.

Eu sei como a cabeça de um mafioso funciona, meu pai era um dos chefes da *Famiglia*. Ouvi sobre coisas ruins que aconteciam “inesperadamente” às pessoas. Pude ver a ferocidade que um ser humano pode desencadear quando outro atravessa seu caminho. Apesar disso, a máfia é uma família. Ao contrário do que pensam, ela existe para proteger um determinado grupo.

Meus pais eram muito achegados dos tios Saints, eles sempre nos trataram como parentes próximos. Meus pais foram mortos em uma emboscada, permaneci viva porque não estava no carro. Ninguém nunca solucionou o caso, não sabem até hoje quem teve coragem de matar um chefe da máfia.

Não me lembro de muita coisa, mas não esquecerei quando os tios reuniram toda a sua família para me contarem. Eles queriam que eu visse o quanto se importavam e que nunca sairiam do

meu lado, pois somos família. Sei que o meu tio, o único irmão que meu papa tinha, ficou em seu lugar à frente da tripulação e ocupando nossa casa na Itália. Lembro que éramos ricos, só que não herdei nada, como se tudo o que tínhamos não nos pertencesse de verdade.

O tio Ítalo assumiu minha tutela depois que o *Capo di capo*, Dionísio Lucarinni, disse que meu pai tinha deixado tudo encaminhado para que ele fosse meu tutor. Nunca entendi isso, visto que meu tio deveria ser meu tutor. Não que eu esteja reclamando, nas poucas vezes em que estive na presença dele, eu o vi bater em sua esposa e espancar seu filho. Sou grata por *papa* ter me deixado com pessoas que me amam.

Eles cuidaram do meu futuro. Frequentei as melhores escolas e universidades que o dinheiro pode pagar. Tive uma mesada ostentosa até pouco tempo atrás e só não a tenho mais porque chantageei tio Ítalo. Disse-lhe que se continuasse a depositar a mesada em minha conta, eu me demitiria e fugiria. Não precisou de muito para ele parar. Trabalho no setor administrativo da Saints Worldwide há muitos anos e meu salário é mais alto do que deveria ser.

Martina, irmã caçula de Gabriel, é minha melhor amiga. Acho que por termos a mesma idade, contribuiu para nos tornarmos próximas. Consideramo-nos como irmãs, somos inseparáveis, e, de quebra, ganhei um grande amigo, Brandon, seu noivo, que é um advogado bem-sucedido e um cara muito legal. Estudamos juntas até a graduação, onde optei por administração com MBA em gestão de risco, e ela, por moda.

Retiro um pequeno espelho da minha gaveta e olho-me. Sorrio com a ideia de Gabriel me ver como realmente me visto; com certeza ele não me reconheceria. Essa fachada conservadora é minha armadura. Não vamos tapar o sol com a peneira, somos mafiosos e todos sabem quão machista essa organização é. Se eu viesse trabalhar com o que costumo usar para sair, ninguém me respeitaria.

Tenho olhos verdes, cabelos castanho-escuros longos e ondulados. Minha pele é pálida, traços finos, lábios carnudos e vermelhos. Aos meus olhos, tenho um corpo desproporcional. Seios grandes demais, quadris largos e uma bunda que dança a cada passo. Se me importo? Mais ou menos. Sou italiana, gosto de comer bem e minhas curvas exuberantes devem ser minha identidade. Eu me acho bonita... às vezes. Bom, a maioria dos homens também acha. Mas eles se encantam com qualquer bunda saliente.

De vez em quando, aos sábados à noite, costumo colocar as roupas que amo, soltar os cabelos e ir a algum lugar distante para dançar e flertar. Bom, quando Tina e Brandon estão comigo, mantenho-me mais quieta, afinal, tenho um “namorado”. Mas há aquelas noites em que eu quero extravasar, dançar com caras desconhecidos, flertar e, em raras vezes, beijar.

Meu namorado, Colin, é contador. Nós nos conhecemos em uma lanchonete próxima daqui, há alguns meses. Não temos um compromisso sério, nunca alegamos exclusividade nem nada assim. Só gostamos da companhia um do outro. Ele é um cara doce, daquele tipo *engomadinho*, sempre impecável. Quando tento compará-lo, logo vem em minha cabeça o tipo *nerd* com óculos e terno marrom. Não temos nada em comum, ele me viu como sou. Colin só conhece a Micaylah de grandes óculos e roupas largas.

Martina vive me questionando sobre o relacionamento, já que não temos nada em comum. Mas ela não sabe que eu prefiro os cafajestes maus. Gosto daqueles homens sombrios que exercem

poder sobre outros, pegam sem pedir e mantêm aqueles sorrisos de canto prometendo um inferno de luxúria. Colin me salva disso, se estou com ele, tenho que guardar esse desejo pela loucura. Sou viciada em intensidade e se não fosse por Colin, eu já teria caído na cama de Gabriel há muito tempo. E é por isso que eu o odeio tanto!

Capítulo 03

Micaylah

— Como a senhora pode ver, o lugar é impecável. — aponto para o ambiente à nossa frente. Estou impressionada com a casa de Gabriel, luxo não define o lugar. Volto minha atenção para a senhora ao meu lado: — Vamos caminhar lá fora para que a senhora tenha noção da grandiosidade do complexo.

Alessia Carmone é uma senhora de sessenta e poucos anos, esposa de um dos homens que se juntou à família Saints há décadas. Sua família possui um pequeno restaurante nos subúrbios da cidade. Não havia ninguém melhor para vir trabalhar com aquele depravado. Além de ela conhecê-lo desde que nasceu, também cozinha muito bem. Sou frequentadora assídua de seu bistrô, eles me tratam com muito carinho e a comida é a melhor.

Caminhamos pelas áreas sociais, cumprimentando alguns seguranças para que Alessia se acostume a eles, e eles, a ela. Eu a conheço e sei que, depois de criar cinco filhos homens, poucas coisas que Gabriel fizer a assustarão. Ela saberá como lidar com as eventuais aventureiras que frequentam esse ostentoso antro. Tia Gio ficou eufórica quando sugeri a senhora Carmone, disse que era para pagar-lhe em ouro, se fosse necessário.

Andamos por todo o complexo e conversamos por um bom tempo com um dos seguranças, que é seu sobrinho. Em meio à conversa, percebo que ambos, tia e sobrinho, sentem-se agraciados por serem escolhidos para trabalhar com a tríade. Sou a primeira a dizer o quanto os Saints são especiais com o seu clã, mas o Chefe, esse não me agrada em nada!

Quando voltamos para a casa de Gabriel... casa é o eufemismo do ano. Quando voltamos para o castelo do “Porrangelo” Saints, caímos na besteira de entrar pela porta da sala, em vez da cozinha. Nada me preparou para aquela cena. Gabriel nu, segurando sua arma apontada diretamente para minha cabeça, enquanto uma loira, também nua, percorre com a boca o corpo viril dele. Excito-me ao vê-la masturbá-lo. *Dio Santo! O homem é enorme.*

— Por que caralho você está invadindo minha casa, Micaylah? — em nenhum momento sua mão vacila. Seu aperto é tão firme na arma quanto no cabelo da mulher aos seus pés.

Caio na real e percebo a gravidade da coisa. Por muito pouco ele não atirou em minha cabeça. Volto-me para a senhora ao meu lado, esperando vê-la desmaiada, e choco-me ao perceber que ela apenas sorri, achando tudo engraçado. Reviro os olhos e volto-me para Gabriel.

— Você poderia... hum... — aponto para a mulher que o chupa com entusiasmo. — Poderia parar com isso?

A loira parece se dar conta do que se passa e tenta parar, mas Gabriel segura sua cabeça no lugar.
— Continue seu trabalho, querida – um gemido gutural escapa de sua boca e minha pele se arrepia. Sua voz volta a me puxar para a realidade: — Agora responda-me, Micaylah.

Respiro fundo e encaro-o.

— Sou sua assistente pessoal, encarregada de colocar sua vida em ordem. Trouxe a senhora Carmone para olhar o ambiente em que irá trabalhar. Ela será sua governanta, Gabriel.

Nesse momento, assisto de camarote à mandíbula do homem tensionar, assim como o resto de seu corpo. Ele olha para a mulher aos seus pés e fode sua boca sem compaixão. Sem perder-me da mira, volta a olhar-me justamente na hora em que goza na boca da loira. *PORRA! Acho que gozei.*

O movimento da senhora chama minha atenção. Ela logo fala:

— Perdoe-me, senhor, mas posso ir até o banheiro?

Olho para a vovozinha saindo e balanço a cabeça. Será que ela vai se masturbar? *Nãããooo...*

Antes de meus pensamentos afundarem ainda mais na lama, a senhora Alessia volta com uma toalha em mãos e a entrega a Gabriel, que agradece. Ele baixa a arma sobre a mesa ao seu lado e afasta-se da mulher aos seus pés, enrolando a toalha em torno de sua cintura. Ele ajuda a mulher a ficar em pé e a beija sem tirar os olhos dos meus. Lança um olhar sombrio que faz-me tremer.

— Vá para o quarto e espere-me de quatro, gostosa. Só colocarei Micaylah em seu lugar.

Idiota!

Fico ainda mais chocada ao ver quem era a figura loira. Nada mais, nada menos que uma das maiores atrizes hollywoodianas do momento. Eu já vi os caras da tríade acompanhados de modelos e atrizes, mas nunca os vi fazendo sexo em público. Isso é surreal. Sua irritação traz-me de volta ao momento:

— Quer dizer que agora você é uma empata-foda, Micaylah? Quem diabos deu autorização para invadir minha casa e passear pelo meu complexo? Eu ainda mando nessa porra e não me lembro de termos falado sobre isso.

— Gabriel...

Ele levanta a mão, cortando-me:

— Senhor Saints. Não sou seu amigo, Micaylah. Sou o *CHEFE!*

Agora é minha vez de ficar tensa. Eu não quero engolir isso, na verdade, quero pular em seu pescoço e arranhar esse rosto perfeito. Mas como Gabriel acabou de dizer: *ele é o chefe!* Apenas engulo a mistura de raiva e orgulho ferido e respondo:

— Perdoe-me, senhor Saints. Achei melhor trazer a senhora para conhecer o lugar e errei em não pedir-lhe permissão – limpo a garganta. A mistura ficou entalada. — Alessia e eu pensamos em tê-la em tempo integral, com uma ajudante, e em dois dias da semana uma equipe de limpeza completa. Assim não correrá o risco de ser incomodado com a arrumação, uma vez que será feita em poucas horas. Espero que esse arranjo lhe agrade.

— Gosto da senhora Alessia e será um refresco ter ao meu redor pessoas que não surtarão a cada manhã. Seja bem-vinda, senhora Carmone. Diga ao seu marido que espero seus polpetones pelo menos uma vez por semana.

Gabriel vira-se e sai sem nem ao menos se despedir. Sorrio sem graça para a senhora e falo que a

levarei para a Worldwide, a fim de encaminhá-la para efetivação de seu contrato. No caminho, a imagem de Gabriel volta à minha cabeça e minha respiração acelera. Ele é absurdamente lindo e aquelas tatuagens o deixaram ainda mais gostoso. Balanço a cabeça para desanuviar a loucura que pretende instalar-se em meu ser. Preciso ver Colin. Estar em sua presença vai ajudar-me a ficar sóbria.

Após terminar meu expediente, me arrumo e saio do edifício da Worldwide para ir para casa. Não moro muito longe e a caminhada permite-me espairecer. No meio do caminho, minha pele arrepia e aquela sensação de ser seguida e observada que venho sentindo nos últimos dias volta com força total. Olho para trás, procurando algo estranho, mas não encontro nada.

Acho que estou ficando louca...

Compro um chocolate e volto caminhar com tranquilidade. Novamente, sinto-me perseguida e acelero meus passos. Olho para cima e vejo que o semáforo está vermelho, então começo a atravessar a rua. Quando estou prestes a pisar na calçada, um alto rugido chama minha atenção e levanto meu olhar. Um carro preto vem em minha direção em alta velocidade e eu fico completamente paralisada, assistindo à minha morte chegar. Como em um filme de ação, outro carro bate na lateral deste, o desviando da minha direção. No baque de ambos, estilhaços voaram e alguns acertaram meu braço, que usei para proteger meu rosto.

Não sei quanto tempo fiquei abaixada, apenas estava ali, inerte e dormente pelo medo. Ouvi sirenes, mas não pude medir a que distância estavam, não sabia de mais nada. Sinto alguém me tocar, mas meu corpo não obedece meu cérebro, que grita desesperadamente. Quando me levantam, assisto a cena de caos ao meu redor.

Crianças chorando eram tiradas do carro e entregues a seus pais, ensanguentados, que gritavam desesperados. Pessoas se aproximavam para ver o que aconteceu. Paramédicos, bombeiros, policiais... tudo rodando como em um carrossel... tudo roda... roda...

* * *

Acordo em um quarto desconhecido, mas imediatamente reconheço ser o hospital. Passo a mão pela minha cabeça que lateja e tento virar-me, mas não consigo. O que houve? Por que estou aqui? Em um piscar de olhos, toda a cena horrenda da minha quase morte retorna e um soluço escapa da minha boca, acompanhado de gordas lágrimas caindo dos meus olhos.

Sinto mãos quentes acariciarem meu braço e uma voz doce pedindo-me para que me acalme.

Abro os olhos novamente e vejo Martina olhando para mim com preocupação.

— Shhhh... estou aqui, Micah. Por favor, não chore, querida... — sua voz morre quando ela sente suas próprias lágrimas.

Sento-me da melhor maneira que posso e ela toma-me em seus braços. Martina acaricia minhas costas, transmitindo o conforto que tanto preciso. Logo sinto fortes braços envolver-nos e o cheiro conhecido de Brandon. Ele nos segurou até que meus soluços pararam e eu consegui recompor-me.

Ambos continuam sentados na beira da cama, olhando-me com preocupação, até Brandon quebrar o silêncio.

— Lembra-se do que aconteceu, Micah?

— E-eu acho que senti a-alguém me seguindo e atravessei a rua. E-então... — engulo em seco e

minha garganta arde. — O ca-carro preto vinha... depois outro... o barulho foi ensurdecedor e... e...

Lágrimas caem dos meus olhos novamente. Tentei falar, mas nada saía. Uma enfermeira entra, faz todo o procedimento e anota em uma prancheta. Em seguida o médico aparece e fala que me levaram até ali porque eu estava com o braço sangrando e em estado de choque, encolhida no chão.

Duas horas mais tarde, entramos no nosso apartamento e vou direto ao banheiro, tomar um banho para tirar o cheiro de hospital. Minha mente está em branco, talvez seja por causa dos medicamentos injetados em mim antes de sair do hospital. Lavo-me tomando cuidado para não abaixar e nem molhar a atadura do braço.

Já deitada em minha cama, Martina entra com uma bandeja contendo um prato de sopa, seguida por Brandon. Eles se sentam e esperam até que eu coma tudo para conversarmos. Ele me passou o relatório da polícia que dizia que um dos motoristas desapareceu sem deixar rastros. *Estranho*. Ele deveria estar ferido, não?

— Você disse que vem sentindo que a seguem, não é? — Brandon insiste nisso, como o bom advogado que é. Assinto e ele continua: — Talvez o que aconteceu seja um acaso, mas talvez não. Acredito que seja hora de ter um fantasma, querida. Agora você é assistente de Gabriel, uma posição de risco.

— O que você quis dizer com talvez não tenha sido o acaso? — Martina dirige-se ao seu noivo. — Você acha que Micah está correndo risco de vida?

Brandon pensa antes de falar.

— Não. Pelo menos não ainda. Vou conversar com Gabe sobre sua segurança, Micah.

— Não, Brand. Eu não quero seguranças atrás de mim. Já bastam os de Martina, que temos que carregar — falo exasperada.

Recosto-me ao travesseiro e mergulho em um sono profundo com as palavras de Brand rolando em minha mente.

* * *

— Minha cabeça dói! Meu corpo dói! Minha vida dói! — ainda bem que a função de ser assistente do idiota tem suas vantagens, o carro com motorista é uma delas.

Essa noite foi conturbada. Além de dormir muito mal, cada vez que fechava os olhos, tinha um pesadelo. Martina insistiu que eu ficasse em casa, mas eu prefiro trabalhar, preencher minha cabeça para não pensar demais. Admito que coloquei minha pior roupa para vir à empresa, só que eu preciso estar confortável para suportar o humor de Gabriel.

Passo a mão pela minha testa, tentando aliviar a dorzinha chata que se instalou. Deus! Eu nem sei se tenho sala para exercer minha função. Do jeito que ele é estúpido, deve ter montado uma jaula para colocar-me aos seus pés. Rio sozinha, até chegar à mesa da secretária da presidência. Os medicamentos estão deixando-me atordoada.

— O que aconteceu, senhorita Arigliato?

— Tive um pequeno acidente. Você sabe se eu tenho uma sala?

Ela sorri.

— Sim! Acompanhe-me, por favor — a senhorita sorriso-fácil caminha à minha frente. — Essa

sala está desocupada há algum tempo, mas o senhor Raziel pediu para que deixassem tudo impecável para o seu uso. Espero que goste das flores.

Ela abre a porta que fica ao lado das portas duplas da sala do Chefe. Christine dá um passo para o lado, para que eu possa entrar em minha nova sala, que por sinal é deslumbrante. Ao contrário das salas confinadas e sem janelas em que os assistentes são acostumados a trabalhar, esta é ampla, arejada e da janela pode-se contemplar a área social que tem um grande jardim e cafeterias para os funcionários da WorldWide. Olho todo o lugar, feliz da vida por não haver portas de ligação para a caverna do ogro ao lado.

Christine dá alguns passos à frente, abrindo uma porta até então despercebida.

— Essa sala é para descanso... — *oi?* Tudo bem que a empresa preza pela satisfação do funcionário, mas sala privada para assistente?

Caminho para ver o que essa sala tem de especial e deparo-me com um sofá preto de três lugares, duas poltronas, também pretas, um tapete felpudo marfim, uma televisão enorme e um barzinho localizado no canto. As cortinas pesadas não permitem que a claridade entre, deixando o ambiente ainda mais minimalista.

— Quero morar aqui... — falo.

A secretária ri.

— O presidente costuma refugiar-se aqui. Esse ambiente é a ligação de ambas as salas, sua e dele — eu sabia que a minha cruz estava leve demais! Ela aponta para uma porta. — Ali é uma suíte e a porta ao lado é o acesso para a sala da presidência.

Christine sai e eu me sento em minha nova cadeira, desfrutando o silêncio, até o telefone sobre a minha mesa tocar insistentemente. Alcanço o fone e atendo:

— Micaylah falando.

— Minha sala — o infeliz desliga sem ao menos dar um bom-dia ou um oi.

Caminho para sua sala e assim que abro a porta, Gabriel começa a latir. Onde esconderam a focinheira desse homem? Ele parou de falar quando enxergou meu braço com curativo.

— O que aconteceu com o seu braço? — sua expressão preocupada deu lugar à debochada. — Não me diga que veio trabalhar pulando de galho em galho e acabou caindo.

Minha vontade é de estapear o rosto desse maldito presunçoso!

— Oh, não — respondo. — Eu tenho o fetiche de masturbar Colin para vê-lo gozar em minha mão ou seios. E ontem acho que exagerei...

Assisto à névoa gélida descer sobre seus olhos e sei que não devia ter reagido dessa maneira. Sento-me à sua frente e tento mexer no tablet da melhor maneira possível. O sistema que implantaram para a agenda da tríade facilita a vida de um assistente e é de fácil manuseio, fazendo meu trabalho menos complicado.

Depois de um dia em torno de sua agenda e de sua partida para a Ásia, dou adeus ao meu chefe e digo olá à televisão de várias polegadas da sala privada. Vida difícil. O sorriso de Coringa toma conta do meu rosto enquanto tiro a pipoca do micro-ondas. Sento-me no sofá, abro meu refrigerante e brindo:

— Quero agradecer o senhor Gabriel “Porrangelo” Saints por colocar seus funcionários sempre em primeiro lugar! — caio na risada e me engasgo com a bebida. — Maldito Saints!

Capítulo 04

Gabriel

— Rumores dizem que há movimentos estranhos na Itália.

Volto minha atenção a Elemiah, que está na poltrona em frente a mim, mexendo sem parar em seu tablet.

— Devemos nos preocupar? – pergunto.

— Acho que ainda não – seus olhos encontram com os meus. — *Ainda.*

Assinto e volto a analisar a papelada desorganizada à minha frente. Admito que preciso de um assistente comigo a todo momento, mas não ela! Prefiro ficar milhas e milhas de Micaylah. Tento organizar conforme a cronologia de dados, mas é trabalho perdido, perco-me rapidamente. *Que porra de bagunça!* Como posso analisar isso se os dados estão bagunçados?

— O que está o incomodando, Gabe?

— Isso está confuso e eu estou cansado. Tive uma merda de noite.

El faz uma careta.

— Eu vi Katrina Morstalker sair de sua casa ontem à noite. Até onde sei, ela o distrai como nenhuma outra.

Bufo.

— Micaylah apareceu com a senhora Carmone no momento em que Katrina chupava meu pau – Elemiah ri alto. — Por pouco não atirei nas duas.

O sorriso de seu rosto cai.

— Micah quase foi atropelada ontem à noite. Machucou o braço e foi parar no hospital porque estava em estado de choque.

— Isso justifica o curativo no braço – falo distraído. — A cadela falou que exagerou ao masturbar o *nerd* virgem que ela chama de namorado.

El tenta conter o riso, mas falha vergonhosamente. Mostro o dedo do meio, jogo a pasta sobre a mesa e olho pela janela. Daqui podemos ver o sol que ainda brilha forte, e, logo abaixo, uma cama de nuvens pesadas cobrindo uma parte do mundo. Recosto-me na poltrona, fecho os olhos e as imagens da confusão de ontem voltam com força total.

Inferno!

Ter Katrina aos meus pés e ser chupado sob o olhar quente de Micaylah fez com que eu ficasse tão duro a ponto de doer. Quando ela umedeceu os lábios inconscientemente, minha libertação veio rasgando. Não, eu não a desejo! Mas há algo nela que tem chamado minha atenção. O problema é não saber exatamente o que é.

Mesmo estando dentro daquela loira deslumbrante, por diversas vezes me peguei pensando na boca de Micah. Em meio ao sexo ameno, minha mente ficou em branco e eu apenas vibrava de raiva de Micaylah. Então fodi Katrina para descontar toda a frustração que Micaylah traz. Eu a mordi, chupei, lambi até que a loira gritava descontroladamente em seus orgasmos. Quando dei

por mim, estava gozando em seus pequenos seios redondos e em seu rosto.

Eu não sou um homem descontrolado, tenho absoluto controle sobre meus sentimentos. Mas quando o diabo de coque aparece, o inferno parece se abrir e queimar toda minha paciência. Não sei o que acontece quando estamos próximos, talvez não sejamos compatíveis nem para estar no mesmo ambiente. Nunca brigamos, lembro que quando ela era uma adolescente entrando para a vida adulta, gostava de censurar-me sempre que possível. E isso foi ficando mais intenso a ponto de detestar ficar próximo a ela.

— Por que você não pede à sua nova assistente para fazer a avaliação dessa papelada? Raze elogio a sagacidade dela para os negócios. Você deveria aproveitar isso.

— Talvez – *talvez eu deva colocá-la para chupar-me sob a minha mesa*. Balanço a cabeça para que os pensamentos ridículos se desfaçam. — Alguma informação relevante sobre Druk Gyalpo, do Butão?

— Não. Mas ele nos espera com boas notícias – El. responde.

— Só espero que ele consiga colocar algum juízo na cabeça daquele príncipe idiota. Se o G7 se voltar contra ele, não sobrar nada desses pequenos países. E temo que Druk Gyalpo acabe atingido somente por ser amigo e conselheiro de Gyanendra – falo pesaroso.

— Ele sabe os riscos que corre. Não cabe a nós sermos babás.

Fico em silêncio e concentro-me no trabalho, fechando-me para o mundo. Quando estou assim, todos ao meu redor sabem que é melhor evitarem-me. E por mais que eu tente focar nesses números, minha mente corre solta na lembrança da plateia assistindo-me ser chupado. A boca úmida de Micaylah e aqueles olhos azuis sob os óculos tipo tartaruga causam alguma sensação estranha em mim. Tesão, raiva, não sei...

Maldita Arigliato!

* * *

Após intensas horas em reunião com o líder do pequeno país e com o cansaço estampado em nossos rostos, o seguimos até a sala de jantar de seu palácio, onde sua linda esposa nos esperava. Ao sentar, finalizo a conversa explicando que a destruição está próxima e o quanto o seu amigo, que é ex-ditador de um país vizinho, está prestes a iniciar uma guerra que não será capaz de ganhar.

— O que posso lhe dizer, amigo? – digo com franco pesar. — Eu não gostaria que chegasse a vias de fato, mas, infelizmente, é o que acontecerá se seu protegido insistir em iniciar essa batalha.

O rei vira-se para sua esposa e beija sua mão. A relação que o casal mantém é muito bonita. Há cumplicidade em seus olhares e carinho exalando para quem está ao redor. Mas isso também é uma desgraça, pois quanto mais ela souber, mais estará envolvida na vida profissional de seu marido. Druk volta-se para nós:

— Eu sei, Gabriel. Tentarei dissuadi-lo mais uma vez e será minha última tentativa. Caso ele insista, me afastarei. Agradeço por vocês terem vindo pessoalmente, isso diz muito sobre vosso caráter.

— Nós fomos contratados para negociar, Gyalpo. Não se engane. Viemos a você primeiro,

porque sabemos sua proximidade com o bastardo e acreditamos que isso pode ser resolvido da melhor maneira possível, sem que ninguém tenha seu país devastado – falo.

— Vossa cortesia é agraciada, Gabriel e Elemiah – ele levanta a mão e um de seus ajudantes aproxima-se, conversando em particular. Logo, pessoas adentram o ambiente ocupando as cadeiras vazias. O anfitrião volta-se para nós e fala: — Esses são parte de minha família – ele aponta para as belas moças à direita. — Minhas sobrinhas e, à frente, dois de meus sobrinhos. Por favor, nos acompanhem no jantar.

Sem nos dar a chance de responder, empregados entram preenchendo a mesa em poucos minutos. Fomos apresentados uns aos outros e seguimos o ritual da lavagem de mãos antes de comermos. E em meio ao rito, surpreendo Elemiah piscar para uma das sobrinhas do homem. *Inferno!* Se ele fode a menina, ambos seremos mortos em um piscar de olhos.

Após a refeição, levantamo-nos para partir, mas o rei insistiu em nos hospedar pela noite. Para o meu desgosto, não podíamos negar, e algo me dizia que deveríamos sair dali imediatamente. Pelo sorriso de El, pude ter certeza que o homem já tinha planos para a sobrinha do “rei leão”. Não que ela não seja bonita, a garota é gostosa. Mas não devemos abusar do nosso anfitrião, ainda mais quando as mulheres vivem em um regime restrito.

Assim que os fantasmas fizeram uma varredura nas luxuosas suítes que nos foram cedidas, caminho para a ducha para tomar um banho relaxante. Essas negociações esgotam-me, ainda mais quando uma batalha sangrenta poderá ser desencadeada a qualquer momento. Alcanço uma toalhinha de banho, já embebida com sabonete, e esfrego-me na intenção de lavar o cansaço de meu corpo e de minha mente.

Levo minhas mãos à parede e fico sob a ducha de água fria enquanto a maldita cena erótica corre por meus pensamentos. Katrina chupando-me e Micaylah assistindo. O frenesi corre pelo meu corpo quando imagino aqueles gordos lábios úmidos em volta do meu pau. Nesse momento, posso sentir as duas ao meu redor; enquanto uma chupa, outra beija-me. Alcanço a maldita toalha de banho e envolvo-a em meu pau, masturbando-me forte a ponto de sentir o ardor.

Detesto tudo em Micaylah, o modo como se veste, como não se cuida, a falta de feminilidade, seu desrespeito, sua boca... Sua boca tem me perseguido. A mulher não tem nada que possa interessar-me, mas a sua boca... seus lábios úmidos. Com isso, minha libertação vem forte, sujando a parede à minha frente. Jogo a toalhinha longe como se ela estivesse contaminada, enxágua a parede e termino meu banho. Sabe o que é pior? O caralho do meu pau continua duro! Maldita bruxa Arigliato!

Volto para o quarto, visto uma calça de pijama e ligo para Raze.

— Em que posso ajudá-lo, Gabe? – como ele sabe que sou eu? Era para a porra do celular não me identificar. Isso significa que o imbecil do Elemiah não programou o antigrameador telefônico. — Gabriel?

Respiro fundo e amaldiçoo Elemiah.

— Estou aqui. Aqueles papéis que me enviou, para análise, quero que os encaminhe para Micaylah e diga que quero os pareceres assim que desembarcar.

— Encaminharei em breve – ouço gemidos ao fundo. O filho da puta deve estar na sua foda matinal. — Quanto a Micah, você terá que ordenar diretamente. Afinal, você é o Chefe. E... huh-

huh... não era para o homem invisível aparecer.

Ele pergunta por que estou em uma chamada identificada.

— Não, e não faço ideia do porquê acontece. Mande o número dela por mensagem assim que desligar. Até.

Mal desligo e a notificação de mensagem já está na tela. Ligo para Micaylah e nada de resposta.

Tento mais uma vez e nada novamente. Faço uma última tentativa e ela atende no segundo toque:

— Sério, Gabriel? Às seis da manhã? – voz de sono sexy pra caralho! Ouço um barulho como se ela tivesse caído e sua maldição confirma minhas suspeitas.

— É assim que você cumprimenta o seu chefe, senhorita Arigliato? Esse é o código de tratamento da Worldwide? – repreendo-a e não dou chance de resposta. — Raze encaminhará uma documentação para você e quero os pareceres disso assim que eu desembarcar.

Desligo e jogo o celular na cama. Saio à caça do idiota do Elemiah, que deve estar fodendo alguém por esse castelo. Caminho em direção à sua suíte e praticamente arrombo a porta. Meu relógio começa a emitir o sinal de pânico e o desligo imediatamente antes que a minha segurança pessoal invada o castelo e destrua tudo.

Nós desenvolvemos esse relógio por medida de segurança. Quando ele é retirado ou detecta disfunções do corpo, emite um alerta para todos da nossa guarda pessoal e para os outros membros da tríade. Foi assim que chegamos a Raziel quando a cadela de sua ex-esposa e o amante o sequestraram. Episódio que enterramos juntamente com a cadela.

Bato na porta mais uma vez e, em seguida, um Elemiah corado e suado abre a porta. Não dou chance para dispensar-me, apenas entro fechando a porta atrás de mim e tranco-a. Passo os olhos por todo o ambiente e não detecto nada, apenas um leve cheiro de sexo no ar. Encaro-o e estreito meus olhos.

— Quem está com você? – pergunto.

O idiota sorri.

— Ninguém.

Alcanço seu celular e aciono a primeira playlist que está na tela. Assim que a música preenche o lugar, aproximo-me de El e falo:

— Você não ativou o dispositivo telefônico, seu babaca. Lhe darei uma morte digna se encontrarem a sua acompanhante, desde que conte-me quem é.

Seu sorriso desaparece e ele recompõe-se.

— Uma das sobrinhas do Druk...

— Porra, El!

— Em minha defesa, – ele fala, com as mãos levantadas — quando saí do banho, ela já estava na minha cama, nua! E é gostosa pra caralho.

Antes que ele pudesse piscar, alcanço sua arma e aponto para o meio de sua testa.

— Dê-me a porra de um motivo para não matá-lo agora por colocar toda essa negociação em risco.

— Ela ainda é virgem. Eu não fodi a boceta dela.

Não sou um cara de boa índole, minha preocupação não é o rei ou a virgindade de sua sobrinha.

Meu negócio é o contrato! Fomos pagos para intermediarmos com o louco de ex-ditador, que

quer tomar posse do que não lhe pertence. Druk Gyalpo é nosso aliado, nos deve favores que não quero botar a perder agora.

— Acha que sou idiota? – digo entre os dentes. — Você está suado e corado de foda. Se você não a fodeu, está fodendo a quem?

Ele revira os olhos.

— Ela me disse que é obrigada a se casar virgem, então me ofereceu a bunda. E posso dizer que não foi o primeiro pau que a garota chupou.

Continuo com a arma colada em sua testa.

— Ela pelo menos é maior de idade? Você se preocupou em perguntar isso, Elemiah?

— Qual é, Gabriel? – seus lábios são uma tensa linha branca. Ele volta a falar: — Você me conhece muito bem para perguntar isso. Temos um dossiê completo sobre a família do “rei leão”, e lá diz que Tenyng tem vinte e dois anos.

Solto a arma e, antes de sair, aviso-lhe:

— Tire-a daqui antes que descubram e eu tenha que te matar – encaro-o. — Eu farei sem hesitar. Elemiah engole em seco.

— Eu sei, chefe. O farei assim que você sair.

Minhas ordens nunca são contestadas, nem mesmo pelos outros pilares da tríade. Cabe a mim, zelar e proteger toda a família, não importando o preço. E qualquer dia desses Elemiah me dará um enfarto de presente. A última vez que estivemos no Oriente Médio, na casa de um sultão, o filho da puta dormiu no quarto com três das esposas do xeique. Um guarda ouviu a orgia e acionou toda a tropa de segurança. A sorte dele é que as mulheres estavam enlouquecidas com a foda, que distraíram os homens e o idiota saiu pela janela, pulando para a minha suíte, nu. Assim que entro em meu quarto, encontro duas mulheres vestidas com lenços coloridos e transparentes. Ambas caminham até mim e ajoelham-se.

— O soberano Druk ordenou que fizéssemos de sua estadia inesquecível – a voz da mulher era tão suave quanto a coloração de sua pele.

Elas não parecem ser parentes do rei. E são muito bonitas. Meu pau endurece ao vê-las de joelhos em frente a mim. Arqueio minha sobrelanceira esquerda e dou meu melhor sorriso de predador.

— E o que vocês farão para tornar minha estadia inesquecível?

Elas sorriem e levam as mãos para desatarem minha calça. Assim que o tecido cai, elas levantam e direcionam-me até a cama. Pedem para que deite de costas, coisa que não faço. Então, proporcionam-me um strip-tease, tirando os lenços uma da outra. Ambas têm corpos esculturais e há poucos pelos cobrindo suas bocetas, que parecem ser suculentas.

Elas sobem na cama, colocando-se uma de cada lado, e esfregam um óleo perfumado em meu corpo. Conforme suas delicadas mãos tocam-me, meu pau exige atenção. Mas eu quero mais, quero saber até onde essas asiáticas podem satisfazer-me. Sento-me e puxo a mulher de olhos verdes, beijando-a. A seguir, trago a de olhos castanhos claros para beijar-me também. Recosto-me na cabeceira e ordeno:

— Beijem-se – elas fazem sem pestanejar. Trago a de olhos castanhos para sentar-se entre minhas pernas, alcanço o óleo morno e passo pelo seu corpo, massageando seus pequeninos seios

e descendo por sua barriga, até chegar em sua abertura. Esfrego seu clitóris e ela geme como um pequeno gatinho.

Olho para a outra mulher, que nos assiste com pura luxúria. Abro as pernas da que está no meu colo, deixando-a exposta. Faço sinal para que a outra se aproxime e, sem pedir, ela cai de boca na boceta de sua parceira. As mulheres são seres divinos! Até nas cenas mais sujas, as cadelas são lindas.

Beijo a menina, que geme louca de tesão, e tiro-a do meu colo. Derramo óleo em minha mão e deslizo pelo corpo da mulher de olhos verdes. Enquanto ela me beija, penetro-a com um dedo. Elas são apertadas da maneira que gosto. Comigo não há preparação, gosto de foder bruto a ponto de dor. Não entendam mal, sexo para mim tem que ser consentido. Mas quando a mulher está no ápice do prazer, qualquer pitada de dor fará com que seu tesão multiplique cem vezes mais.

Acaricio meu pau com o óleo enquanto elas assistem. Estão famintas para saboreá-lo. Aceno e ambas caem de boca e mãos em meu pau, fazendo minha estadia nesse pequeno país perfeita. Chupam, masturbam, massageiam minhas bolas e em uma distração, uma delas tenta enfiar o maldito dedo na minha bunda. Eu a interrompo imediatamente:

— Não, querida. O único a comer rabos aqui sou eu! Preparem-se, essa noite vou fodê-las até que não consigam andar.

Vou até minha bolsa de produtos de higiene pessoal e pego preservativos. Volto para a cama, encapo meu pau, viro a mulher de olhos verdes de quatro e entro em sua boceta molhada. Todos os três gememos. As mulheres se envolvem e seus olhares dizem-me que será um inferno de noite.

Capítulo 05

Micaylah

Olho para os lados, mas não vejo nada de anormal. Os dias passam e a sensação de ser observada aumenta. Ontem, ao chegar em casa, tive a impressão de ter alguém lá. Não poderia ser Martina, pois ela estava com Brand. Olhei em todos os lugares, mas não achei nenhum sinal de que havia alguém. Ou essas sensações estão ficando cada vez mais fortes, ou eu estou ficando mais paranoica, tanto que corri para a casa da tia Piah, mãe de Elemiah.

Tio Ândrio perguntou-me quando Gabe e El voltavam de viagem, olhei-o em choque, pois me dei conta de que não sabia. Eu sou assistente pessoal de um dos caras mais influentes e poderosos do mundo e não faço ideia de quando ele volta de viagem. Tia Piah com a sua docilidade puxou-me a orelha.

— Sabemos que não é fácil estar em torno da tríade, principalmente de Gabe, mas, Micah, você tem que relevar e fazer o seu papel. Você é o braço complementar da presidência. Imagina se precisar tomar uma decisão na ausência dele e falhar porque não gosta da sua função. Parou para

pensar quantas coisas sairiam do lugar? Quantas pessoas seriam abaladas? – ela segura minha mão com carinho. — Aqueles meninos não tiveram uma vida comum. Você pôde desfrutar da sua juventude viajando pelo mundo, nessa época da vida deles, estavam em meio a matas passando fome ou em algum trabalho para a máfia. Tenha paciência, escolha as batalhas que realmente valem a pena e terá aqueles meninos em suas mãos.

Desde então venho trabalhando com afinco, colocando em ordem o escritório e a casa do Chefe. Inteirei-me de toda sua agenda e resolvi o que já poderia ser feito. Organizei suas correspondências e arquivos para agilizar a rotina. Desenvolvi uma dinâmica legal com a secretária sorriso-fácil e até aqui tudo está caminhando bem. Em três dias eu pude fazer tudo isso e ainda dedicar-me à documentação que o meu “doce” chefinho gentilmente pediu que eu analisasse. Por falar nisso....

— Nico! – grito para o motorista, que estava saindo da empresa em direção ao carro. Assim que ele para, apresso meu passo. — Está indo buscar o presidente?

— Sim. Por quê? – Nico não é o homem mais bonito que já vi, seu rosto é austero e suas marcas de expressões estão profundas. Mas o cara tem um corpo, uma bunda... — Senhorita Arigliato?

— Oi? – volto à realidade. Abro a porta traseira do grande carro preto e jogo a pasta lá dentro. Encaro-o e falo, com fingida adoração: — Uma leitura de bordo para o meu chefinho querido.

Viro-me na intenção de entrar no edifício, quando uma mão forte segura-me:

— Aonde pensa que vai, *fragolina*? Não sei o que há dentro dessa pasta, mas se tratando de você e do Chefe, é melhor garantir que não seja uma bomba – ele abre a porta do carro. — Entre. Vamos buscar nosso chefinho, como você diz.

Resmungo enquanto entro no carro com o “motorista-segurança-fantasma-cara feia”, mas gostoso, e caímos no trânsito caótico da cidade. No caminho faço algumas anotações que tenho que passar a Gabriel e mais uma vez a imagem dele nubla meus pensamentos. Balanço a cabeça para desfazer a fantasia e trago a lembrança de Colin. Meu doce, querido e inocente Colin. Sorrio ao lembrar-me dos pequenos bombons que ele trouxe, ele sempre traz. Bombom recheado com cereja. Eu detesto cereja! Mas não tenho coragem de dizer-lhe e sempre provo um na frente dele, para fazê-lo sorrir. Gosto muito de Colin, ele desperta o melhor em mim com o seu carinho. Mas o sexo... bem... é aquela coisa de virgem. Aposto pouco em preliminares e termina rápido demais. Nem sempre gozo e, na maioria das vezes, termino querendo sexo sujo e pervertido. Então sinto-me mal ao olhar aquele jovem corado e satisfeito ao meu lado.

Reprimo meu lado selvagem, não por achar anormal. Anormal é o meu apetite por esse tipo de relação. Quero para mim uma relação estável, onde não correrei riscos de machucar-me física e emocionalmente. Sabe o pior disso tudo? É que desejo essa coisa perigosa. Mas minha razão traz-me à luz e dou-me conta de que preciso do que é bom para mim, e não do que quero para mim. O bom para mim é Colin! Não homens como Gabriel, que pega as mulheres com força, chamando-as de cadelas e fodendo-as como se não houvesse amanhã. Que as chupa como um homem no deserto anseia por água e as morde marcando-as, como um macho alfa faz em suas presas. Xingo-me por pensar nessas besteiras. Assim como ele deve xingar as vadias que usa para satisfazer-se, puxando-as pelos cabelos e estocando seu pau em suas bocas até gozar, fazendo com que seu néctar desça por suas gargantas abaixo.

— Algum problema, senhorita? – a voz de Nico traz-me à realidade e olho-o sem reação. Ele se explica: — Você está corada, suada e gemendo. Quer que a leve ao hospital?

Vergonha inunda-me. Por favor, Deus, abra um buraco nesse banco e deixe-me cair no asfalto para que o carro de trás passe por cima de mim, livrando-me do constrangimento. Limpo minha garganta e balanço a cabeça.

— Só tenho que ir à igreja mais vezes, somente aos domingos não é o suficiente para curar o meu problema.

Como todo bom católico, Nico assente em entendimento e volta sua atenção para a estrada. E eu volto para as minhas anotações nas papeladas que Raze enviou-me para avaliar a compra de uma companhia na América do Sul. Em poucos minutos estávamos parando na pista de pouso, ao lado do exército de seguranças que os esperavam. Eu não saberia viver assim, rodeada por seguranças que, na maior parte do tempo, nem sabemos onde estão!

Assim que o jato taxia na pista, saio do conforto do carro para esperar o meu “adorado” chefinho, ao lado de Nico. O dia está frio, o vento gelado e as escuras nuvens anunciam a neve que está para chegar. A porta abre e o comandante sai, seguido pelos seguranças, surgindo Elemiah e Gabriel com seu rosto sério e ar austero. Deus! Eles são lindos!

Eu sou atraída pelo poder, ou melhor, pelos riscos e desafios que o poder traz consigo. Não é o dinheiro e o que ele pode comprar, é a essência que uma pessoa exala quando é poderosa, não há medo, não há hesitação, apenas suas ordens e vontades. El, Raze e Gabe dominam o ambiente em que estão somente com suas presenças. Mas Gabriel pode ter todos aos seus pés apenas com o olhar obscuro que tem.

Quando ele apontou aquela arma para mim, a escuridão de seus olhos atraiu-me como a mariposa é atraída pela luz, que pode ser uma armadilha à espera, o final de ambas poderia ser o mesmo: a morte. Droga! Estou excitada. Afasto-me do grupo e, enquanto caminho para longe, tiro o celular da bolsa e ligo para Colin, que atende no segundo toque.

— Bom dia, querida. Como está essa manhã?

— Bom dia. Estou melhor agora que ouço sua voz – respondo o que minha razão diz, mas o burro do meu corpo debocha.

— Algum problema, Micah? Aconteceu algo? – seu tom é preocupado.

— Não, querido, não aconteceu nada. Estou cansada – respondo digo com remorso.

Por um momento cogito terminar esse namoro com Colin, mas a reação do meu corpo à presença de alguém atrás de mim dá-me coragem para fazer o certo.

— Esperarei você essa noite, amor. Uma daquelas suas massagens relaxantes é uma boa pedida.

— O-o quê? – Colin até gagueja. O homem mal sabe enfiar o pau no buraco sem um mapa, que dirá uma massagem relaxante. — Estarei lá e levarei o jantar, Micah.

— Beijos, meu amor – depois de fazer esse papel ridículo de namorada apaixonada, desligo e suspiro para passar a mensagem para a pessoa atrás de mim.

Sinto seu corpo tremer e viro-me para ele.

— Massagem relaxante? O virgem Colin? O máximo de massagem que ele faz é bater punheta como um louco quando folheia uma revista pornô.

Gabriel fala sério com aquela sobranceira arqueada enquanto Elemiah gargalha. *Idiotas! Estúpidos! Figlios di puttana! Testas di minchia!* Respiro fundo, engolindo a raiva, e sorrio.

— Fez boa viagem, senhor Saints? Elemiah?

— Foi tudo bem – El responde e me dá um beijo na testa. — Tudo bem por aqui, Micah? Seu braço está melhor?

— Sim, está tudo bem.

Nesse momento, aquela sensação de ser observada volta e olho freneticamente para os lados.

— O que foi, Micaylah? – ouço a voz de Gabriel.

— Na-nada... só um... deixa para lá. Vamos? – entrego a papelada para ele. — Os documentos que você me pediu.

Nico abre a porta, entramos no carro e voltamos para o caótico trânsito da Big Apple. Elemiah estava perdido em seu tablet, resmungando sobre alguma coisa que seu assistente, que logo será demitido, não fez o que deveria. Gabriel analisava minhas anotações sobre o documento, quando percebemos que Nico acelerou o carro. Imediatamente, aquela sensação ruim fecha minha garganta.

— Nico, o que há de errado? – Elemiah pergunta ao motorista.

— Estamos sendo seguidos, senhores. Os fantasmas estão tentando desviá-los, não se preocupem.

El e Gabe voltam às suas coisas como se isso não fosse absolutamente nada. Mas o meu sexto sentido diz que é, e meu peito está apertando a cada segundo que passa. Assim que abro a boca para dizer-lhes isso, uma rajada de tiros é disparada contra a limusine, que, graças a Deus, é blindada. Mas no minuto seguinte, tudo veio abaixo. Gabriel joga-se sobre mim e Elemiah, grita ordens enquanto éramos amassados contra algo.

Eu estou tentando ficar bem...

— Respire, Micah. Ficaré tudo bem – acho que é a voz de Gabriel, *meu chefinho nada doce e gostoso de pau grande e muito, muito perigoso...* — Micaylah, abra os olhos, querida. Não durma.

Tento falar que não dormirei, que apenas estou descansando os olhos, mas nada sai.

— Micaylah! – está ficando longe... — Micay...

Longe...

* * *

— Já sabem quem são?

— Irlandeses – eu reconheço essa voz. Raze.

— *Irish Mob?* – tio Ítalo? Irish o quê?

— A-a máfia irlan... – minha garganta está seca e dói ao falar.

— Shh, querida. Está tudo bem. Chame o médico, Raziél.

Faço um bom trabalho ao abrir os olhos. Percebo que estou em um hospital, e tio Ítalo segura minha mão. Sorrio ao ouvir tia Gio falando alto enquanto entra no quarto seguida por uma enfermeira aflita.

— Está para nascer quem me impedirá de alimentar a minha menina!

— Mas, senhora, o médico tem que liberá-la...

— Silêncio! A minha menina acordou e não quero que fique agitada – ela beija minha testa e acaricia meu rosto. — Tudo bem, Micah?

— Melhor agora com você, tia.

— Essa menina sabe como conquistar a gente – ela fala sorrindo. — E você, mocinha? Vai ficar aí olhando ou vai atrás do médico para avisar que a minha menina acordou?

Coitada da enfermeira. Tia Giovanna não faz ideia do papel que tem em nossas vidas, ela considera-se apenas uma *mamma*, mas é muito mais que isso. Ela é nosso porto seguro, nossa fortaleza. Gabriel, mesmo poderoso como é, às vezes vai até sua mãe apenas para sentir-se protegido. Parece infantil, mas não é. É mais ou menos como Jesus em relação à sua mãe, Maria. Ele é o dono de tudo, mas sua mãe aqui na Terra foi uma parte essencial de seu poderio eterno.

— O que aconteceu? – pergunto.

Raziel fala:

— O carro foi atacado pelos irlandeses. Ainda não descobrimos o porquê, e o chefe deles está no escuro tanto quanto nós. Havia homens dele, mas alguns eram de fora, nem mesmo o próprio homem conhecia. Apesar de tudo isso, Micah, está tudo bem. Não é a primeira vez que a tríade é atacada. Infelizmente, você foi pega em meio a isso.

— Gabriel, Elemiah e Nico estão bem? Houve mortes? – até eu surpreendo-me com o desespero em minha voz.

— Sem mortes, todos bem – Raziel responde sorrindo. — Gabe e El tiveram uns arranhões, mas logo estarão bem.

Respiro aliviada, mas algo dentro de mim pressente que isso é muito mais do que apenas mais um atentado aos Saints. *Dio santo!* Estou ficando louca, essa é a única explicação. Esses pressentimentos e a sensação de ser perseguida são coisas de quem tem sua vida entranhada na máfia. Eu estou longe! Eu fui salva dessa vida. Mas por que esses sentimentos me acompanham?

Capítulo 06

Gabriel

— Vamos lá, Higgins. Nos ajude a lhe ajudar. Porque seu silêncio pode decretar não só a sua morte, mas a de toda a sua família, mafiosa ou não – encaro o atual líder da máfia irlandesa em seu escritório, enquanto cravo um abridor de envelope em sua virilha, a um centímetro de sua artéria. — Tenho três homens e minha assistente feridos – volto ao meu lugar, à frente dele, cruço as pernas e mexo em meu anel de *Chefe*, lembrando-lhe quem eu sou. — Sabe como é difícil arranjar bons funcionários hoje em dia? Ela é a única assistente que prefere trabalhar e facilitar minha vida, em vez de ficar tentando engravidar de um herdeiro Saints.

Para quebrar o clima e tentar aliviar o nó em sua garganta, Gopher Higgins faz uma piada.

— Você é esperto demais para se deixar cair nessa – sua risada sai entrecortada por gemidos

assim que ele remove o pequeno utensílio.

Sorriso impaciente.

— A não ser que elas engravidem pelo estômago, pois o máximo que conseguem de mim é minha porra descendo por suas gargantas. É a última vez que perguntarei: por que o seu pessoal nos emboscou três dias atrás, Higgins? O que você tinha na cabeça para tentar algo tão estúpido assim? – levanto e arrumo meu terno. — Esqueceu quem somos e do que somos capazes? Entrei nesse seu quartel de terceira categoria e cheguei a você em menos de três minutos sem problema algum. Se eu quisesse, tinha você e todo seu exército mortos nesse meio tempo. E mais, acreditava que tínhamos um acordo. Como falamos mesmo? Ah, sim, uma mão lava a outra. Puxo-o pela sua desbotada camisa e o arrasto sobre a mesa, levanto todo o conteúdo ao chão. Seus olhos abrem-se ainda mais. Por um momento, achei que iriam cair de seu rosto.

— Eu tenho lavado as suas bolas há um bom tempo. Aqui... – aponto entre mim e ele. — É você quem me deve.

— Se-senhor, não faço a menor ideia do q-que esses caras estavam fazendo aqui. O que co-consegui apurar com o *boss*, é que eles eram soldados baixos que se envolviam em constantes guerras desnecessárias, m-mas ele t-também não soube dizer a mando de quem vieram e por que o atacaram.

Afasto-me e El acena para um de seus fantasmas deixar tudo bem claro com Higgins.

Caminhamos de volta para o carro enquanto um exército irlandês impunha suas armas em nossa direção. Estou tranquilo, porque não seriam loucos de nos matarem. Todos sabem disso, mas parece que alguns têm esquecido. Confio que a equipe que Elemiah preparou para fazer isso, reafirme nosso poder.

Nos últimos três dias, venho repassando o atentado e não cheguei a lugar nenhum. Esse tipo de situação é corriqueiro, mas algo não se encaixa. Quem enviaria mercenários irlandeses para ferir-nos? Falei com Eoghan, atual líder dos irlandeses, e ele disse exatamente o que Higgins repetiu agora há pouco. Estão tão surpresos quanto nós, e disse que espera nossa retaliação. Todos sabem que não é assim que as coisas funcionam conosco, nossa lei não é como a máfia, “olho por olho e dente por dente”. Cobramos de outra forma, tão dolorosa quanto a perda da vida.

Esfrego minha testa na tentativa de aliviar a dor de cabeça. O carro mal para em frente à Worldwide e salto do carro com pressa, sem esperar os seguranças na formação de costume.

Preciso da escuridão da minha sala e de descanso. Não consigo ter um sono decente desde que embarquei para a Ásia. Assim que as portas do elevador abrem, encontro Micaylah esperando-me com sua agenda e alguns papéis.

— Bom dia, senhor Saints. O cliente das nove está na sala de conferência. Como o senhor estava atrasado, o enviamos para lá com um bom café da manhã – ela entrega-me uma pasta. — Esse é o assunto que ele veio tratar e essas anotações em vermelho são detalhes que devem ser alterados na documentação oficial. Se deixarmos isso de lado agora, podemos ter que lidar com eventuais problemas no futuro, por causa de interpretação.

Paro na porta da sala de conferência e volto-me para ela. Analiso seu semblante abatido e o curativo em seu pescoço desperta minha ira. Eu encontrarei o filho da puta que fez isso. Não porque eu goste da minha assistente ou nada assim, mas tudo tem limite, não é? Ferir minha

assistente foi um pouco demais. Não que eu me importe... Ótimo! Agora estou redundando os pensamentos.

Aproximo-me dela e pergunto, próximo ao seu ouvido:

— Está tudo bem, Micaylah? – tenho a impressão de senti-la tremer. Ela ainda deve estar em estado de choque. Qualquer aproximação pode amedrontar-lhe.

— Estou bem. Obrigada por perguntar, senhor – ela abre a porta para que eu entre e me segue assim que passo.

Raze comandou a reunião, visto que ele é quem cuida dessa parte administrativa, estou aqui apenas de figurante. Olho para Micaylah, que presta atenção em Raziel e faz anotações em um momento ou outro. Ela não é feia, apenas veste-se como um homem. Não é graciosa e sua feminilidade é tão escassa quanto água no deserto, mas seus traços são bonitos. O formato de sua boca é tão perfeito, que parece que foi desenhada.

Ela me pega encarando-a e sorri. Céus! Seu sorriso é lindo e sua pele parece ser tão sedosa. Não faço a menor ideia de como é seu corpo, mas será que por baixo daquelas roupas horrorosas há um corpo bonito? Seus traços dizem-me que ela é magra demais, do tipo sem peitos e sem bunda. Não tenho problema com isso, mas gosto de mulheres com curvas, peitos fartos e uma bunda que dá gosto de colocar a mulher de quatro e foder.

Micah coloca a caneta na boca enquanto pensa e logo a imagino vindo em minha direção, ajoelhando e abrindo minha calça, tomando-me em sua boca, chupando como uma mestra. Sua língua quente rodopiando em torno da cabeça do meu pau e eu segurando sua cabeça, forçando-a a levar mais de mim...

— Tudo bem, Gabriel? – a voz de Raze traz-me ao momento e encaro-o, à espera de explicação.

— Você estava olhando fixamente para um ponto e gemeu. Algum problema com a apresentação?

— Estou cansado apenas. Há dias que não descanso e não lembro a última vez que tive um sono decente. Vou para a casa. Tudo o que eu precisar saber, Micaylah repassará para mim depois. Aceno e me retiro, indo direto para o elevador. Nico vem em meu encalço, seguido por mais três seguranças, que fazem questão de serem vistos. Prefiro a política dos fantasmas, assim sinto mais liberdade nessa minha cadeia de ouro. Na maior parte do tempo, sinto-me sufocado por ter tamanho poder e responsabilidade. De vez em quando, me pego pensando em como seria se eu fosse um cara normal, com um trabalho normal... o cansaço está afetando-me!

Faço todo o trajeto até o complexo em silêncio, pensando que em breve chegarei em casa e terei uma esposa a me esperar. Faço uma careta para a ideia que está cada dia mais perto de ser concretizada. Enquanto estávamos no hospital, logo após o acidente, meu pai teve a amabilidade de anunciar que a minha mãe está esperando o nome da minha escolhida, pois meu casamento será anunciado daqui a um mês, no meu aniversário de trinta e três anos.

A moça foi escolhida a dedo, ela não é tão jovem, mas foi criada para ser uma dona de casa perfeita. Também não criará problemas quanto às minhas indiscrições, afinal, a maioria das esposas não o fazem, exceto minha mãe e minhas tias. *Minchia*[\[1\]](#)! Essas mulheres nasceram com um gene alterado. Sei de histórias de arrepiar sobre as atitudes delas em relação à segunda tríade Saints. Minha mãe, sem dúvida nenhuma, é pior!

Entro em casa e vejo a senhora Carmone dando ordens à sua ajudante. Aviso que estou indo para o meu quarto e que não precisa se preocupar com o jantar, pois pretendo acordar só amanhã. Gosto da presença da pequena senhora em minha casa e fiquei mais tranquilo ao saber que ela e Micaylah aprovaram as ajudantes das outras casas do complexo. Micah pode ser um nojo de pessoa, mas a garota sabe como comandar uma casa dando ao homem a tranquilidade esperada. *Lá vem a cadela em meus pensamentos novamente. Vá dormir, idiota!*

Abro os olhos e espreguiço-me, cada osso meu estala, indicando que dormi mais que o necessário, como há muito não fazia. Vejo no relógio de cabeceira que são duas horas da tarde e levanto-me, indo para o banheiro tomar um banho para curtir meu sábado de folga, que não tenho há mais de dez anos. Sempre estou resolvendo algo aqui ou fora do país, mas ontem, no caminho para casa, resolvi dar-me um final de semana de descanso. Afinal, sou Chefe da porra toda!

Desço e encontro a senhora Carmone ajeitando algo na cozinha. Assim que percebe minha presença, coloca à minha frente uma caneca de café da maneira que eu gosto. Em seguida, aparecem ovos, panquecas, frutas, bolos, o mais variado cardápio para um ser humano só. — Deve estar faminto, senhor Gabriel. A comida que deixei para você ontem estava intocada. Sorrio para a pequena senhora.

— Eu estava morto para o mundo. A senhora não precisava vir trabalhar hoje, acredito que já conversamos sobre isso – falo com gentileza.

Ela faz um gesto de desdém com a mão.

— Prefiro cuidar de um jovem bonito a ficar ouvindo as reclamações de um velho bobo – sei que fala isso para convencer-me. Ela pegou gosto em cuidar da tríade. Falando nela, Elemiah e Raziel entram pela porta da cozinha, sentando-se para o café como de costume. Aponto meu garfo para ambos. — Vocês precisam arranjar uma governanta ou uma esposa, e não vir à minha casa comer todo o santo dia!

— Você é muito egoísta, Gabe. E qual é a graça de comer sozinho? – El fala enquanto se serve.

— Viemos dizer-lhe que essa noite iremos ao Hell's – Raze anuncia antes de encher a boca com panquecas.

— E o que diabos é Hell's? – pergunto.

— O novo clube de Nikolov – respondeu El. — Ele disse que poderemos desfrutar de todo o espaço VIP do piso superior. Faz tempo que não saímos para curtir a noite e estamos prestes a nos casar, o que tornará as noites ainda mais escassas.

Raziel faz um som de desgosto e assentimos em compreensão. Nenhum de nós quer se casar, mas de nós três, Raziel é o que detém a mais amarga experiência. E eu não o culpo por detestar a ideia de casar-se novamente. Durante a refeição, voltamos a conversar sobre os atentados e eles me disseram que, por enquanto, não chegamos a lugar nenhum. Assim que terminaram de comer, levantaram-se e anunciaram que sairíamos para o clube logo após a meia-noite. Voltei para o meu quarto e entreguei-me ao sono mais uma vez.

Há muito tempo não tinha paz e nem tempo para malhar. Logo após meu breve cochilo, fui à

academia descarregar a energia acumulada ou a falta dela. No início da noite, abro meu e-mail e respondo os que foram encaminhados. Tenho que admitir que Micaylah facilita minha vida. A triagem de e-mail e telefonemas diminuiu meu fardo em cinquenta por cento. Minha agenda permite folgas como essa, coisa impensável pouco tempo atrás.

Mais tarde, saímos em direção ao clube que fica aos redores da cidade. Não entendi por que Nikolov inaugurou seu novo negócio aqui. De longe, percebe-se que é algo de luxo, a maioria das pessoas que mora ao redor teria que dar um mês de seus pagamentos para entrar.

— Estou ficando velho para isso – digo a Raze, assim que sentamos na ala VIP do clube do chefe da máfia russa.

— Ninguém pode estar velho para essas jovens beldades – grita El antes de virar sua dose de bebida na boca.

Gregory fica na escadaria, apontando quem sobe e quem desce, enchendo o ambiente de mulheres. Logo, parte da segurança pessoal do chefe russo junta-se à nossa e Leonid Nikolov, entra sentando-se para beber conosco.

— Soube do que aconteceu e ofereço meus préstimos. Caso julguem necessário alguma investigação impessoal, sabem que o posso fazer – ele fala e vira sua dose de vodka.

— Está tudo certo. Mas se precisarmos, nos lembraremos de seus favores – digo-lhe deixando bem claro a posição de todos aqui. Somos os Saints, somos necessários a cada máfia ou gangue existente, a cada presidente ou chefe de Estado.

Entre risos e bebidas, garotas rebolando em nosso colo, passamos boa parte da noite entretidos, como não fazíamos há muito tempo. Nessas horas dou-me conta do quanto estou afastado do mundo. Na minha posição, vive-se acima de tudo, olhando a todos do alto, não dando oportunidades para desfrutar da nossa própria vida.

Como se algo me chamasse, caminho até a grade, onde se pode ver a pista de dança. O lugar é um breu cortado por luzes coloridas e meus olhos são puxados para a lateral da pista como se soubessem em que focarem. Não precisou de muito tempo para acharem algo, ou melhor, alguém. Nessa confusão de luzes coloridas, é impossível saber se conheço ou não; ou pelo menos para admirar sua beleza. Mas os movimentos de seu corpo me hipnotizam. Ela se remexe ao ritmo da música para seduzir todos que estão à sua volta.

Os caras até se aproximam, mas logo ela dá um jeito de afastá-los. Ela levanta seus cabelos longos, que parecem ser escuros, como se fossem um acessório importante nesses movimentos de sedução. Se esse é seu intuito, está indo muito bem. Eu, particularmente, estou de pau duro apenas olhando-a de longe, naquelas roupas justas.

Como se minhas pernas tivessem vida própria, desço as escadas em direção àquela mulher. As pessoas abrem caminho, dando-se conta de quem sou e não atrapalham minha caminhada.

Aproximo-me dela, que dança despreocupada e encosto meu peito em suas costas, enlaçando sua cintura com um braço. Não sou um bom dançarino, mas não me importo nada de ter essa gostosa esfregando-se em mim.

Ela tenta se desvencilhar, como faz com os outros homens, mas seguro-a com mais força e coloco seus cabelos de lado, deixando sua orelha descoberta:

— Apenas dance comigo – digo em seu ouvido. Sinto seu corpo tensionar e falo, acalmando-a:

— Eu não farei nada de ruim para você, querida. Bom, a não ser que você peça. Apenas dance para mim.

A soma da música Pillowtalk de batida sexy e o jogo de luzes vermelhas que cortam a escuridão, deixam o lugar exalando sexo – “... Suba a bordo. Iremos devagar e em ritmo elevado. Claro e escuro. Abraça-me com força e delicadeza. Eu estou vendo a dor, vendo o prazer. Ninguém além de você, ninguém senão eu. Ninguém, mas nós! Corpos juntos. Eu adoraria abraçá-la, hoje e sempre. Eu adoraria acordar ao seu lado. Eu adoraria abraçá-la hoje e sempre. Eu adoraria acordar ao seu lado...”

Viro-a de frente para mim, na expectativa de ver seu rosto, mas o máximo que consigo enxergar são traços delicados e um sorriso diabólico que faz um calafrio percorrer minha pele, estremecendo-me. Coloco uma perna entre as dela, acompanhando-a como se estivéssemos fazendo sexo. Minhas mãos percorrem seu corpo, parando uma em sua cintura e outra em sua nuca. Pressiono-a contra mim para que sinta minha ereção. Em certo momento, perco-me em nosso mundo.

“... Então, iremos irritar os vizinhos. No lugar em que sente as lágrimas é o lugar de perder seus medos. Sim, é um comportamento imprudente, um lugar que é tão puro, tão sujo e cru. Ficar na cama o dia todo, transando e lutando com você. É o nosso paraíso e é a nossa zona de guerra. Na conversa de travesseiro, vejo que é minha inimiga e minha aliada. Então somos prisioneiros e então somos livres, é um terror...”

A intensidade do momento mexe comigo, fazendo cenas eróticas passarem pela minha cabeça. Como rasgar sua roupa aqui mesmo e chupar seus grandes seios, que estão quase pulando de seu top. Jogá-la na parede, abaixar sua calça e penetrá-la, marcando-a como minha... Inferno! Eu estou enlouquecendo... ela é perigosa... é nociva... ela é linda! E sua boca é...

Em um impulso animal, seguro seus cabelos da nuca e trago sua boca para a minha.

“... Sinto a dor, sinto o prazer. Ninguém além de você, ninguém senão eu. Ninguém, mas nós! Corpos juntos. Eu adoraria abraçá-la, hoje e sempre. Eu adoraria acordar ao seu lado. Paraíso, o paraíso... Zona de guerra, a zona de guerra... Paraíso, o paraíso... Zona de guerra, a zona de guerra...”

Travamos uma guerra de desejos, mas ao mesmo tempo posso sentir que ela, assim como eu, sabe do perigo que corremos. Nossas razões gritam para pararmos, mas nossos corpos pressionam-se ainda mais, como se pudessem fundir-se.

“... Sim, é um comportamento imprudente, um lugar que é tão puro, tão sujo e cru. Ficar na cama o dia todo, transando e lutando com você. É o nosso paraíso e é a nossa zona de guerra.”

Pessoas esbarram e nos empurram, trazendo-nos para a realidade. Estamos quase transando em meio a uma pista de dança, em um clube noturno. Rapidamente, ela se desvencilha de mim e sai. Com o pequeno espaço abarrotado de pessoas, perco-a em meio à multidão. Atordoados, passo a mão pelos cabelos e ajeito minha ereção. Por muito pouco quase gozo em minhas calças como um adolescente. Mas que demônio de mulher é aquela?

Será que ela realmente existe ou é fruto da minha imaginação?

Olho para os lados e resolvo procurá-la. Em meio à minha caçada, Gregory aproxima-se, dizendo

que os outros estão partindo. Aceno e dou minha noite por finalizada.

— Viu a garota que estava comigo na pista de dança? – pergunto a ele, que assente. — Descubra quem é.

Já deitado em minha cama, vejo que os primeiros raios de sol surgem. Inquieto, ajeito-me para dormir. As cenas de agora há pouco voltam e repasso cada detalhe, deleitando-me com a lembrança do encaixe perfeito de nossos corpos e imaginando-a sob mim, gritando meu nome enquanto a fodo. Minha razão continua a gritar perigo e, ainda assim, meu corpo diz que aquela mulher é minha mesmo podendo destruir-nos.

Assim que fecho os olhos, o despertador grita, me lembrando da missa à qual somos obrigados a ir todos os domingos pela manhã. É uma boa oportunidade para pedir perdão pelos meus pecados e tentar livrar-me da lascívia que toma conta do meu ser. Rio da ironia da vida. Nasci em berço mafiosamente católico, tenho nome de anjo e frequento a missa todos os domingos. Mato sem piedade e não me lembro de sentir remorso, não importando se era culpado ou inocente. Fodo a boceta que desperta meu tesão no momento. Não me preocupo com que os outros precisam, somente com o que eu quero. E, ainda assim, vou à igreja todos os domingos, expiar meus pecados.

Capítulo 07

Micaylah

“Deus, eu prometo ser uma boa pessoa pelas próximas semanas, não discutirei com o meu chefe, prometo terminar com Colin e não mais usá-lo como bote salva-vidas. Só, por favor, não permita que Gabriel descubra que a mulher do clube era eu. Porra, Micaylah...” Bato na minha boca, apesar da minha conversa ser em pensamento. “Rezar e xingar logo em seguida não nos ajudará, Micaylah Victoria Arigliato!”

Paro na cafeteria e pego meu café preferido antes de ir para o trabalho. Assim que dou um passo para fora, lembro-me de ter prometido ser uma boa pessoa, então, que tal começar agora? Volto e peço um café para Gabriel, de quebra e para fazer uns pontinhos com o Altíssimo, pego também para Raze e Elemiah.

Peço três cafés fortes, doces e com creme duplo. Parecem crianças! Eles contrataram uma pessoa somente para fazer café. Acredite! E pagam uma fortuna para a mocinha só fazer café. No começo achei que fosse a transa de um deles, mas depois entendi que a menina que não é tão menina assim, é casada e seu marido trabalha para eles. O negócio é: Quando estão em casa ou no escritório, eles tomam litros de café puro e muito doce. Cafés de fora, eles gostam que coloquem creme para quebrar um pouco o café expresso.

Façam como eu, não tentem entender! Também percebi que eles gostam muito do café da senhora Carmone... e da comida... e da presença da pequena senhora. Ela foi minha melhor jogada. Graças a Deus! Imagina ter que ficar caçando governanta para os prostitutas toda semana? Eles não perceberam ainda, mas desenvolveram uma rotina. Sempre que estão no

complexo, comem na casa de Gabriel. Então, a senhora Carmone e eu, decidimos que pelo menos uma vez por semana, a equipe de limpeza que limpa a casa do Chefe, também fará limpeza na casa dos outros dois.

Isso já faz duas semanas. Se eles perceberam? Acho que não. Homens! Dão um tiro na cabeça de alguém, de olhos fechados, mas não são capazes de enxergar quando a casa aparece limpa do nada. Tolos! Será que acreditam que tudo acontece em um passe de mágica?

Saio da cafeteria e esbarro em alguém. Desculpo-me tentando equilibrar-me com os cafés e, ao levantar os olhos, um calafrio de terror percorre meu corpo, deixando-me paralisada no lugar. Eu não conheço, mas seu rosto não me é estranho. É aterrorizante!

— Está tudo bem, moça? – seu sorriso é distorcido e seu olhar anuncia a morte.

Dou um passo para trás e balanço a cabeça, só que nenhuma palavra sai da minha boca.

— E-eu...

O estranho dá um passo para trás, vira-se e vai sem dizer uma palavra. O medo forma um nó em minha garganta. Então um pensamento vem: *Essa sensação de ser observada não é um sentimento, é instinto. Há algo, há alguém lá. Mas quem? Onde? E o principal, por quê? Deus do céu!* Apresso meu passo e entro quase correndo na empresa. Corro para o elevador, que está cheio, e, no meio do caminho, assim que as portas abrem, eu salto para fora desesperada e subo as escadas, frenética.

Meu desespero é tão grande, que subo dez lances de escadas sem perceber. Quando me deparo com a mesa de recepção da presidência, solto um suspiro de alívio. A vontade de chorar sufoca-me e meus olhos ardem. Sinto uma mão tocar-me e grito, ainda mais desesperada.

— Micah?

Viro-me e vejo Raziel.

— Raze... – engulo todo o pânico que está em minha garganta e entrego-lhe os cafés que, a essa altura, estão frios. — O-o c-café...

Vou para o banheiro da sala privada, entre a minha e a de Gabriel. Assim que tranco a porta, desabo no chão, tentando recuperar meu fôlego. Quando me acalmo, levanto e lavo meu rosto, removendo toda a maquiagem que passei. Raramente uso maquiagem, mas hoje senti essa vontade. Encaro o espelho enquanto me recomponho e refaço meu coque.

Estou pensando seriamente em procurar um psiquiatra, eu estou ficando louca. Primeiro a sensação de ser observada e perseguida, depois ceder a Gabriel na Hell's. Por que ele estava lá? E por que foi até mim? Minha mão desce pelo meu corpo, exatamente como ele fez na noite de sábado. Assim que o corpo quente se aproximou do meu, senti seu perfume. Na hora pensei que era impossível ser ele. Mas quando falou em meu ouvido, tive certeza e quase surtei.

Então seu corpo se moldou tão perfeitamente ao meu e suas palavras percorreram minha pele, despertando um louco desejo. Quando ele virou-me de frente, sorri, pensando que ele me reconheceria e ficaria em choque. Só que isso não aconteceu e eu aproveitei cada minuto. Jamais pensei que Gabriel soubesse dançar, mas ele sabe e me levou no seu compasso... e quase me possuiu ali, no meio da pista de dança. Onde eu estava com a cabeça? Inferno!

Detestamos um ao outro. Ele é frio, odioso, sarcástico, não se importa com ninguém. Lembro-me de sentir sua ereção entre minhas pernas e ambas retesam imediatamente na tentativa de suprimir

o desejo que se constrói outra vez. Gabriel exalava sexo e poder, entreguei-me sem pensar duas vezes. Deixe-me envolver em uma batida sexy e ele fez-me gozar em meio à multidão.

Quello che ho fatto, Dio santo? [\[2\]](#)

Tenho que esquecer! Bem... será impossível esquecer, se ele descobrir que era eu. Caso isso não aconteça, prometi coisas demais a Deus e terei que cumprir cada uma delas. Respiro fundo e termino de arrumar-me para trabalhar. Vou para minha sala, onde El e Raze me esperam. Tento dar-lhes meu melhor sorriso, mas sinto o rosto repuxar. Isso não é bom.

— Bom dia, senhores Saints. Em que posso ajudá-los?

— Corte a gracinha e nos conte o que aconteceu – Raziél cospe.

Jesus Cristo!

— N-não aconteceu...

El levanta-se e caminha em minha direção. Seu olhar tem um misto de preocupação e irritabilidade. Isso também não é bom.

— Raze nos disse que você chegou pelas escadas, branca como se tivesse visto um fantasma e desesperada como se estivesse fugindo de alguém. Você não perde sua compostura por nada, Micaylah. Algo sério teve que acontecer para isso.

— E parece que você está tendo um ataque e não sorrindo – Raze aponta para mim. — Seu olho direito não para de piscar.

Penso rápido para tirar a dupla do meu pé.

— Entrei em pânico no elevador – falo enquanto sento em minha cadeira. — Estava cheio e deu um solavanco inesperado. Senti como se as paredes se movessem. O pensamento de que iria cair deixou-me em pânico. Desci e subi as escadas, dez lances de escadas.

Ambos assentem e Gabriel escolhe esse momento para entrar, conversando com Gregory.

— Como assim não sabe quem é? Descubra de uma vez! Temos a porra de toda tecnologia do mundo à nossa disposição, impossível que não descubra a identidade daquela mulher.

Fico tensa e tento disfarçar. Repito em minha cabeça: *armadura de solteirona mal comida, ativar! Ativa. Ativa.* Respiro fundo e foco na conversa à minha frente. Raziél pergunta:

— Ainda está atrás da mulher do clube?

Gabriel aproxima-se da minha mesa.

— Sim.

Limpo minha garganta:

— Não querendo ser intrometida, mas já sendo: que mulher procuram?

Prendo a respiração enquanto Gabriel encara-me. *Ah, meu Deus! Ele descobriu.*

— Tudo bem, Micaylah? – ele aponta para o meu olho. — Seu olho direito está estranho.

— Isso acontece quando ela se esforça para guardar suas tensões – Raze responde como se fosse graduado em mim.

Bufo e eles continuam a encarar-me.

— Está tudo bem. Acredito que o café que eu trouxe para os senhores estava frio. Vou até a copa pedir que tragam um quente para cada um de vocês. Gostariam de um acompanhamento?

Eles negam e ficam em minha sala como se fosse o ponto de encontro da turma. Reviro os olhos

e saio para providenciar os cafés. Enquanto os sirvo, percebo que sou o assunto da tríade da fofoca.

— Aposto mil dólares que a tensão de Micah é falta de sexo – El fala.

Fico chocada com o que ouço e abro a boca para falar, mas Gabriel adianta-se:

— Aposto três mil que o problema dela é aquele namorado virgem que não a fode direito.

Faço um som de nojo.

— Aposto toda a minha fortuna que o problema de Micah é Gabriel – Raze pisca para mim e eu mostro língua. — Muito maduro, senhorita Arigliato.

— Agora que já temos três probabilidades que podem ser a causa da tensão da Micaylah, podemos trabalhar? – pergunto. — Passo alguns papéis para Raze e El, dizendo-lhes o que são, e repasso parte da agenda de Gabriel.

Trabalhamos todo o dia próximos, mas em nenhum momento ele tocou no assunto de que poderia ser eu a mulher que ele quase fodeu no clube do Nikolov. No final da tarde, meu celular toca e Tina fala, preocupada:

— Você esteve em casa em algum momento do dia, Micah?

Pergunta estranha.

— Não. Por quê?

— Hum... Acho que fomos assaltadas.

— Oi? – minha cabeça fica em branco e meu coração acelera. — M-Martina... – *ótimo! Agora comecei a gaguejar.* — O que aconteceu?

— Cheguei em casa agora há pouco e tudo estava fora do lugar – ela faz uma pausa e isso faz-me ficar com medo. — Mas o seu quarto é o mais detonado.

Fico em silêncio até entender o que ela não disse.

— Você acha que eu fiz isso?

— NÃO! Só que é estranho – Tina começa a narrar: — Você saiu para se divertir e voltou quase de manhã. Não quis ir à missa, não queria conversar, ficou trancada em seu quarto todo tempo. Você estava esquisita... não sei. Pensei que estava com problemas e resolveu descontar no apartamento. Só isso. Enfim, desculpe preocupá-la. O nosso apartamento está quase arrumado e Colin lhe enviou flores lindas.

Colin... gemo com a ideia de que tenho que terminar com ele.

— Até daqui a pouco – despeço-me e desligo.

Quando minha vida começou a ser complicada?

Arrumo minhas coisas para ir embora e vou à sala de Gabriel, organizar sua mesa. Como tenho que pegar alguns arquivos para deixar ali, entro pela porta secundária que liga nossas salas.

Encontro Gabriel de braços cruzados em frente à janela, mandíbula tensa, e, nessa posição, seus músculos ficam evidentes. Seu corpo é um espetáculo e seu...

— Diga, Micaylah?

Gabriel fala sem mesmo voltar-se para mim. Mas excita-me o modo com que ele pronuncia meu nome. Sempre foi assim.

— Tudo bem, senhor? Parece preocupado.

Ele vira-se e seu olhar intenso segura-me a ponto de meu corpo acordar e pedir por ele. Desvio meus olhos dos seus e coloco as pastas sobre sua mesa.

— Está tudo bem. E você? – sua pergunta pega-me de surpresa.

— E-eu estou bem – tento sorrir.

— Não parece – seu sorriso é maquiavélico. — Eu acho que o seu problema, Micah... – ele cospe meu apelido. — É falta de foda!

Minha raiva começa a intensificar.

— Pois saiba que tenho uma vida sexual satisfatória, senhor Saints. E realmente não vejo necessidade desse tipo de conversa entre chefe e subordinado. Isso é assédio.

Ele ri e senta-se em sua cadeira.

— Você tem uma vida sexual satisfatória. Essa expressão pertence a pessoas que nunca foderam de verdade, Micaylah – seu olhar aprisiona-me. — Estou falando de sexo cru e duro, com palavras sujas, puxões de cabelo. Estou falando de transar, ter inúmeros orgasmos, gritar de prazer e acordar no outro dia dolorida, mas satisfeita.

Ok. Acho que gozei! Minha boca fica seca e passo a língua para umedecer meus lábios. *De repente, ficou calor aqui, não? Não estou passando bem...* E esse sorriso mau em seus lábios faz coisas em mim.

— Eu sei o que você está pensando, querida. Mas eu não como minhas assistentes. Elas devem se contentar somente em ver meu pau – ele dá de ombros. — No seu caso, ver alguém me chupar.

Um som de nojo sai da minha boca. Mas não se enganem, não sinto nojo desse monstro. Sinto nojo de mim mesma por desejá-lo ainda mais depois dessa asquerosa descrição. Tento recompor-me da melhor maneira e dou meu pior sorriso.

— Você se gaba de seu pau como se ele fosse o maior do mundo. Meu querido, já vi coisas maiores nos banheiros da Worldwide. E mais funcionais também! – pisco e viro-me, indo em direção à porta. Antes de sair, volto-me para ele: — Boa noite, chefinho.

Saio correndo antes que ele venha e me estrangule.

Capítulo 08

Micaylah

Não posso mais protelar isso, tenho que ser firme e dar adeus a Colin. O sermão da missa do domingo foi justamente sobre promessas não cumpridas. Deus está dando diretas para mim. *Já entendi, Todo Poderoso.* Depois de semanas e um sermão com o título “*Cumpra o que prometeu*”, estou finalizando minha relação com Colin. A parte em tentar ser boa para as pessoas, principalmente para o meu chefe, tem custado toda a minha paciência, mas cumpro numa boa... com algumas recaídas. Até porque ninguém é de ferro e aquele homem acaba com a bondade de qualquer um.

— Já estava na hora.

Olhei para Tina, que comia ao lado de seu noivo, Brand.

— Na hora de...? – pergunto.

— Você terminar com o coitado do contador – Brand fala. — Não me olha assim, Micah. Vocês não combinam em nada!

— Em algumas noites eu pensava que ela estava o devorando, sabe? O coitado uivava tanto que me dava até pena. — Tina fala e todo o líquido que tinha em minha boca foi parar sobre a comida deles, enquanto Brandon gargalhava.

— Como você é cadela, Martina! Eu não fazia isso – ambos olham-me, questionando sobre o que falei. — Eu não o devorava.

Cadê os buracos negros quando mais precisamos deles?

Depois da refeição, eles ajudaram-me a limpar a cozinha e fecharam-se no quarto para dar mais privacidade para o meu término. *Muy amigos*, esses dois. Por mais que eu tivesse insistido para que ficassem – e Brand insistiu em ficar —, Tina disse que era algo muito pessoal e que eu tinha que fazer o quanto antes.

A campainha soa, tirando-me da divagação, e abro a porta para Colin entrar.

— Boa noite, amor – ele passa por mim e beija-me nos lábios.

— Boa noite.

Eu preciso de uma ajudinha aqui, Deus. Minha coragem está indo embora. Caminho até o sofá onde Colin se sentou e sento-me ao seu lado. Fico em silêncio, caçando as palavras corretas para dizer-lhe que não o quero mais. Mas minha língua parece ter inchado na boca. Como se o cara lá debaixo, o que não é Deus, na verdade é seu antagonista, soubesse o que penso, meu telefone toca e a imagem de Gabriel aparece na tela. O alerta de *mayday* soa em níveis alarmantes em minha cabeça.

Atendo sem ter o cuidado de me afastar de Colin.

— Boa noite, senhor. Em que posso ajudar-lhe? – pergunto, na intenção de irritá-lo.

— Sabe, Micah, eu gosto quando você é uma boa menina – fecho os olhos e conto até dez, para controlar minha raiva. Nesse momento, meu quase ex-namorado resolve beijar meu pescoço.

Minha pele arrepia e, ao contrário do que levo Colin a pensar, o efeito provém da voz de Gabriel.

— Preciso dos documentos da inspeção daquele armazém...

Colin geme muito perto do telefone e eu o afasto, levantando-me e caminhando para longe.

— Você me atendeu enquanto transava com o punheteiro? Sua vida sexual precisa de mais emoção do que eu imaginava, Micaylah.

— N-não! – o que sinto nesse momento é ódio desse metido a *capo* de uma figa! — Para que horas precisa dos documentos, Gabriel?

Sua risada fica ainda mais sexy, como se isso fosse possível.

— Quero os documentos da inspeção do armazém que foi adquirido recentemente sobre a minha mesa na primeira hora da manhã. Vou deixá-la aproveitar sua noite. E, Micah?

— Sim? – respondo desconfiada.

— Faça um favor a nós todos, transe muito!

— EU TE O...

— *Boa noite, signorina Arigliato.*

O imbecil desliga, deixando-me com cara de idiota, e acabo jogando o telefone na parede, quebrando-o em pedaços. Eu simplesmente ODEIO o “Porrangelo” Saints! Volto meu olhar para Colin, que está estupefato.

— Era só o meu chefe. Ele costuma despertar o melhor que há em mim. — sento-me novamente ao lado dele. — Serei direta. Colin, acho que estamos em momentos diferentes da vida e, infelizmente, não nos encaixamos um na vida do outro.

— M-mas, Micah... se for por causa da Mariah.

Estreito meus olhos.

— Quem é Mariah, Colin? — minha voz é tão suave que assusta a mim mesma.

— É a nova... — ele limpa a garganta. — A nova recepcionista do escritório.

— E o que Mariah, a nova recepcionista do escritório, tem a ver conosco, Colin?

— E-eu a be-beijei... — fecho os olhos e respiro fundo. Só um beijo. Eu fiz muito pior com Gabriel. Acredito que Colin tenha interpretado meus gestos mal e continua a falar, quando claramente deveria se calar: — Be-bem... não foi só um beijo. Eu nã-não sei como fomos parar na ca-cama dela.

— Está dizendo que me traiu com a nova assistente, punheteiro de uma figa?

— Recepcionista — ele corrige, e minha raiva aumenta.

— Você me traiu com a porra da secretária, quer algo mais clichê? E a idiota aqui, pensando que o doce e generoso Colin era fiel! O que a idiota não levou em conta, é que o Colin é a merda de um homem. E homens são egoístas, pensam somente em seus paus! Quer saber? Fora da minha casa!

— Mi-micah, querida, eu posso explicar — sua voz parecia a de um menino, o que me irritou ainda mais.

— Explique-me. Estou doida para ouvir o que vem logo após de: *Eu não sei como fomos parar na cama dela.*

— Você não está sendo justa...

Solto uma gargalhada.

— Eu e o adjetivo justa não cabemos na mesma frase — levanto e marcho até a porta, abrindo-a em seguida. — Passar bem, Colin. Seja feliz com a Mary.

Ele passa por mim e tem a audácia de corrigir-me:

— É Mariah.

— Mary, Mariah, Marrie, Maria, são todos a mesma merda! Tchau!

Bato a porta na cara dele e vou direto à cozinha, procurar a garrafa de tequila com que Nikolov costuma nos presentear. Abro a garrafa, sentando-me na banqueta, e a viro, engolindo grande quantidade de bebida. Não sei quanto tempo fiquei ali, só que quando o casal resolve sair do quarto, eu estou para lá de Bagdá.

— Micah?

— *Micah? Micah? Micah?* — imito o modo da minha amiga falar e tomo mais um gole. Eu sei

que estou sendo cadela, julguem-me!

— Está tudo bem? – agora é Brand quem fala.

— Estou com cara de quem está bem, Brandon? – antes que pudessem responder, volto a falar:

— Colin me traiu! E eu achando que o ser era meu bote salva-vidas. Idiota! – bebo mais um generoso gole. — Seu irmão é um idiota também, assim como todos os homens. Eu odeio os homens!

— Opa! Olha eu aqui! Não fiz nada para levar a culpa deles – Brandon resmunga.

Aponto para Tina.

— Desde quando ele ficou chato assim? – volto-me para ele. — Para mim, você não é homem.

— Melhorou muito – ele cruza os braços e reclama como uma criança. Deus tinha que ter um propósito ao criar o homem. Ele não criaria um ser imperfeito assim só por brincadeira.

— O que quis dizer, imperfeito, é que você é mais que apenas um homem para mim. Mas se reclamar muito, eu retiro e o rebaixo à categoria do Colin-Judas e do Porrangelo Saints.

— Ela está completamente bêbada. Vamos para a cama, querida. – Tina tenta carregar-me para o quarto. Ela até tentou tirar minha amada amiga vodca, ou *caca*, para os íntimos, da minha mão. Mas sua tentativa foi infrutífera, e, daí em diante, não enxergo mais nada.

* * *

— Ok, Deus. Pode diminuir a luz. Apreendi a lição, não encherei mais cara. Para que esse sol forte em pleno inverno? Cadê as nevascas? – gemo e coloco a mão em frente aos olhos novamente. Estou mais de duas horas atrasada para o trabalho, minhas pernas não me obedecem e minha cabeça dói. Maldita vodca!

Essa cidade é um caos, uma multidão dividindo as calçadas que são pequenas para o volume de transeuntes. Todos se esbarram e, se alguém cair, passam por cima. Gosto disso, mas hoje estou de ressaca, não estou gostando nem dos meus pensamentos. Esbarro em alguém, que segura-me. Levanto os olhos para agradecer ao meu herói, mas aquele calafrio de terror percorre meu corpo. Eu já o vi antes, na porta da cafeteria.

— Que coincidência mais agradável. Não acha, senhorita Arigliato? – seu sorriso de escárnio embrulha meu estômago.

Tento desvencilhar-me, mas ele segura-me ainda mais forte. O medo começa a borbulhar em mim e meu estômago revoltado anuncia que estou prestes a passar mal.

— Solte-me, por favor – minha voz não passa de um sussurro.

Seu sorriso amplia.

— *Ní!* Vamos dar uma volta, *álainn* – esse sotaque é diferente, ele não é daqui. *Álainn?* Sinto algo pressionar a lateral do meu corpo e posso dizer, mesmo sem olhar, que é uma arma. — Venha comigo e não resista. Seria um desperdício ter que acabar com a sua vida antes de prová-la.

Acho que todo o sangue se esvaiu do meu corpo. Provar-me? Ele empurra-me para um beco onde há um carro velho estacionado. Em meio ao caminho, eu lhe perguntava o porquê daquilo.

Repetia sem parar que tinha algum dinheiro e poderia dar-lhe, mas o homem apenas resmungava na língua que eu não entendia e continuava a empurrar-me.

Deus, ajude-me, por favor. Ele vai... engulo em seco. O mal encarado pressiona-me entre a parede e o carro, de modo que ninguém poderia nos ver. O desespero não permite que eu raciocine direito e abro a boca para gritar. Ele me bate no rosto e sufoca-me, tapando minha boca.

— Cale-se! – seu sorriso monstruoso retorna e sua mão livre corre pelo meu corpo. — Olhando você de longe não dá para ter ideia do quanto é gostosa. Perdi as contas de quantas vezes me masturbei vendo-a trocar de roupa.

Pânico me resume nesse momento. Todas aquelas sensações de ser observada e seguida não eram loucura, eram reais, eram o meu instinto. Sua mão nojenta toca meu seio por cima da roupa e ele coloca sua perna entre as minhas. Fecho os olhos e rezo para que Deus tire minha vida nesse momento. Eu suportaria muitas coisas, mas ser violada não é uma delas. Em meio à minha oração, ouço um baixo estampido.

Abro os olhos, sabendo exatamente o que aconteceu. O aperto do desconhecido afrouxa, seus olhos arregalados e sua boca aberta confirmam meu pensamento. Enquanto o corpo inerte cai ao chão, a imagem de Gabriel com uma pistola com silenciador surge diante de mim. Nossos olhares se encontram e algo estranho acontece.

Seu olhar obscuro percorre meu corpo, levando todo o pânico embora, e no lugar do desespero fica algo mais poderoso: desejo. A cada passo que ele dá em minha direção, minha libido eleva-se. Gabriel para à minha frente, encarando-me como se sentisse o mesmo que eu. Ambos olhamos para baixo, para o único obstáculo que nos separa de rasgar nossas roupas e agarrar-nos aqui mesmo. Seus olhos caem para os meus lábios enquanto passo a língua por eles, umedecendo-os.

— Gabriel... – minha voz sussurrada passou de amedrontada a excitada. Naquele momento, eu pedia por ele em nome do meu corpo.

— Micayah...

Antes de sua mão estendida tocar-me, um batalhão de seguranças surge e quebra o clima. Caímos na realidade do que acabou de acontecer e minhas pernas cedem. Se Gabriel não estivesse a um passo de mim, eu teria desabado sobre o meu sequestrador. Braços fortes me enlaçam e sua grave voz ressoa em meu ouvido:

— Está tudo bem, Micah. Eu estou aqui com você.

Por mais que eu tente me mover, meus membros não obedecem. Fico paralisada e tremendo, não de frio. Percebo que sou erguida e pressionada contra um corpo quente. Minha cabeça pende para o peito firme que vibra a cada palavra dita pelo meu salvador. Seu perfume conforta-me e meu cérebro entende que estamos salvos, fazendo com que meu corpo relaxe.

— Nos leve para o complexo e chame um médico.

Depois disso, tudo passa em um borrão. Lembro-me de terem me colocado na cama e de o médico ter dado a mim algum medicamento, mas não me lembro dos detalhes. Volto a mim pouco a pouco, como se estivesse acordando pela manhã. Abro os olhos e me espreguiço após ter dormido o melhor sono da minha vida.

Olho ao redor e vejo que estou em um lugar diferente, mas não sei exatamente onde. O ambiente é tão luxuoso que lembra aqueles quartos de castelos em filmes. A mobília, apesar de ser nova,

nos remete à era vitoriana com adornos em ouro e veludo da melhor qualidade e um enorme lustre de cristal. Caminho até uma das janelas e abro a cortina, vejo um grande jardim e o gramado que se estende diz-me que estou no complexo dos Saints.

As imagens do que aconteceu voltam, fazendo-me ofegar. Dio santo! Eu quase fui estuprada por um desconhecido para mim, mas que me conhecia. Então Gabriel apareceu e todo o medo que eu sentia se foi como em um passe de mágica. O olhar negro de Gabriel em meu corpo... o desejo... seus passos decididos em minha direção. Céus! Como eu pude ficar excitada naquela situação?

Na verdade, ver o corpo daquele monstro no chão e ter Gabriel ali fez minha libido dar piruetas efusivamente. Fiquei presa ao seu olhar e por muito pouco não me ofereci a ele, ali mesmo. Aquele homem lindo com uma arma em mãos, decidindo sobre a vida de outro, exalando poder como se comandasse o mundo, trouxe à tona meu lado louco. Sorrio com a lembrança da noite no clube. O homem é tão nocivo quanto é gostoso.

Alguém bate na porta e viro-me em tempo de ver Tina entrar.

— Como está, Micah? – ela me abraça.

— Estou bem – sinto o tremor de seu corpo e vejo que ela está chorando. — Está tudo bem, Martina. Eu estou bem.

— E-eu sei. Mas fiquei tão preocupada. Eu te amo tanto, Micah, e a ideia de vê-la ferida deixa-me mal – sentamos na beira da cama e deitei minha cabeça em seu ombro. Ficamos em silêncio até nos recompormos. — Eu trouxe algumas roupas para você. Achei que iria querer tomar um banho, após acordar.

— Obrigada. Eu realmente quero tomar um banho – ela se levanta e caminha até um sofá próximo a uma das janelas do enorme quarto. — Onde estamos, Tina?

— Na casa do Gabe. Vou preparar sua roupa enquanto você toma banho – ela fala, apontando para o que eu acho que seja o banheiro.

O banheiro é tão suntuoso quanto o quarto. Uma enorme banheira, que mais parece uma piscina, em frente à janela, com uma bela vista para o jardim. Tiro a roupa que escolhi hoje para trabalhar, algo largo, mas muito confortável. Solto o cabelo e entro sob a água quente da ducha, deixando-a levar embora todo o horror desse dia.

Eu deveria estar em estado de choque pelo medo que senti, mas estou sentindo apenas o alívio. O peso que eu vinha carregando nas últimas semanas, por causa da sensação de ser observada, foi embora junto com o meu perseguidor. Graças a Gabriel. Meu corpo acorda somente com a menção de seu nome. Droga!

Termino meu banho rapidamente e saio para me vestir. Martina não está mais no quarto, dando-me privacidade para me arrumar. Assim que fico apresentável, abro a porta para sair e lembro-me de que estou como fico em casa. Gabriel me reconheceria quando pousasse seus olhos em mim. Volto, prendo o cabelo e coloco meus óculos desnecessários. Caminho pela casa admirando o bom gosto de quem a decorou.

Quando desço as escadas, sigo em direção às vozes e encontro seus donos em uma sala de estar onde tive o prazer... não... a expressão correta é *desprazer* de ver Gabriel nu. Entro no exato momento em que Brandon falava de mim.

— Há semanas Micah fala que tem a impressão de ser observada e perseguida. O acidente em que ela machucou o braço foi suspeito demais. Aquilo foi um atentado. Esses dias Martina entrou no apartamento e se deparou com tudo fora do lugar. Micaylah não estava em casa, alguém tinha invadido. — Brand andava de um lado para o outro. Sua voz preocupada representa o rosto de cada um nesse momento. — Não falei antes porque as duas insistiam que era o acaso da vida e loucura de Micaylah. Outra coisa, eu não acho que foi um simples caso de tentativa de estupro, há mais.

— Concordo! — Elemiah fala com veemência.

— Fico feliz que todos vocês estejam falando de mim sem a minha presença — falo com deboche. Raziel aproxima-se e beija minha testa.

— Como se sente?

— Muito bem — respondo com sinceridade.

Gabriel retira-se para a cozinha e El entra em meu campo de visão.

— Que bom que esteja bem, *princesa*. Pois a nossa conversa será longa. Temos que interrogá-la.

Nesse momento, Gabriel volta seguido pela senhora Carmone e sua ajudante, com um carrinho cheio de comida. Elas dispõem os pratos sobre o aparador e a senhora Carmone vem abraçar-me. Aceito seu carinho e o prato cheio de delícias que ela faz. Entre conversas e risadas, me mantenho quieta em meu canto, observando todos. Ao passar os olhos pela sala, deparo-me com o olhar que tem mexido comigo. Sorrio e inclino a cabeça em saudação ao meu salvador. O Porrangelo Saints não é só um rosto bonito, também é corajoso e tem um pau enorme. Engasgo com o meu próprio pensamento e Tina, que está ao meu lado, dá batidinhas em minhas costas. Viro para lhe agradecer e lembro-me de algo.

— Você e Brand não viajariam hoje?

— Sim. Mas resolvemos que ele vai sozinho e eu ficarei com você.

Coloco o prato sobre a mesinha à minha frente e volto minha atenção para ela.

— Não mesmo! Vocês programaram isso há meses. Eu estou bem e sei me cuidar. Não me importo em ficar sozinha no apartamento.

— NEM PENSAR! — todos falam ao mesmo tempo.

Reviro os olhos.

— Eu não sou criança.

Eles começam a falar uns por cima dos outros e o caos ítalo-americano se instala. Gabriel interrompe o falatório sem precisar levantar a voz.

— Ela ficará aqui — *oi*?

Agora, sim, todos deveriam gritar, mas, em vez disso, eles apenas o olham, tão chocados quanto eu.

— Não é uma boa ideia, Gabriel — Tina fala e se arrepende no minuto seguinte.

Ele arqueia a sobrancelha e a encara.

— Está me questionando? — todos sabem que antes de ele ser irmão, é o Chefe. E suas vontades nunca são questionadas. Bem, a não ser que a pessoa que o questiona esteja tentando se matar.

Gabriel olha todos, esperando que mais alguém o contradiga. — Micaylah é minha assistente,

estar sempre comigo a manterá segura, visto que tenho uma forte equipe de segurança. E creio que o complexo seja o lugar mais seguro da cidade. Sendo assim, não vejo motivo para que ela não fique. Mas caso essa explicação não os satisfaça... – ele me encara e eu reviro os olhos ao me dar conta de que agora ele estava falando para mim. — Micaylah ficará aqui porque quero! Nossos olhares se cruzam e uma disputa de poder ergue-se entre nós, até eu não suportar e baixar meus olhos, em submissão. O idiota é poderoso até em uma disputa de olhares.

— E-eu não quis lhe questionar – Martina tenta se justificar.

O olhar de Gabriel suaviza e ele se aproxima da irmã.

— Eu sei, *sorella* – ele beija sua testa. — Mas você há de convir que é o mais seguro para todos, não é? – Tina assente e ele continua: — Assim você poderá viajar e descansar em paz, sabendo que sua amiga está sendo bem cuidada – ela o olha com desconfiança e é a vez dele de revirar os olhos. Gabriel nunca pareceu tão jovem quanto agora e esse pequeno gesto faz-me sorrir. — Sua amiga estará inteira e viva quando você voltar.

Ele a abraça e olha-me, um arrepio corre meu corpo. Aqueles olhos prometem mais coisas do que eu gostaria e não acho que a morte esteja incluída. Mas de qualquer modo, Gabriel está me afetando mais do que eu gostaria. Minha guarda baixa a cada vez que ele fala assim ou está nu.

Afinal, ele nu não baixa só a guarda das mulheres, baixa a calcinha e todo bom senso junto!

Quebro o olhar e volto a comer.

Elemiah senta-se ao meu lado.

— Agora, conte-nos o que aconteceu hoje.

Volto até a hora em que saí de casa, reclamando do sol, das pessoas e da ressaca. Faço uma careta quando sinto uma pontada de dor de cabeça.

— Saí de casa atrasada devido à ressa... – limpo a garganta. — Caminhei devagar por causa da dor de cabeça. Como estava de cabeça baixa, não vi quem estava próximo até que esbarrei nele. Quando levantei o rosto para me desculpar, vi que era aquele cara... – estremeço com o calafrio. Tina segura minha mão, encorajando-me a continuar: — Nós já havíamos nos esbarrado anteriormente, mas não teve nada de estranho. Só que dessa vez, o sorriso dele era mais sombrio que antes, me chamou pelo meu sobrenome com um sotaque diferente...

— Diferente como? – Raze pergunta.

— E-eu não sei. Mas não é americano e posso apostar que ele também não era inglês. E a palavra... – forço meus pensamentos a voltarem ao momento em que ele me abordou. — Algo como alan... alian...

— Álainn? – Gabriel questiona.

— Isso! – percebo que a tríade troca olhares e Brand acena para que eu continue a falar, com a mesma delicadeza com que faz com seus clientes. — Ele pressionou uma arma em minha costela e levou-me para o beco. Disse... di-disse... – engulo em seco. — Disse que seria um desperdício tirar minha vida antes de provar-me. Ele me encostou contra a parede e logo Gabriel apareceu e o matou.

Gabriel conta que foi ao meu apartamento, já que eu não atendia aos telefones. Parados em um cruzamento, Nico apontou quando esbarrei no desconhecido. Gabriel percebeu que algo de errado acontecia, pediu a Nico para acionar os outros e serem discretos, enquanto ele iria

pessoalmente ver o que era. Viu-o bater em meu rosto e aquilo despertou sua ira, levando-o a atirar no infeliz.

Então, dou-me conta de que Gabriel salvou a minha vida. Procuro-o para agradecer-lhe, mas ele estava em uma conversa privada com Raze, Brand e El. Martina aperta a minha mão e viro-me para ela.

— Martina? É normal não entrar em pânico cada vez que repenso o que aconteceu? – ela me olha como se eu fosse louca e tento explicar: — No momento do ataque eu estava desesperada, mas quando fui socorrida, parece que o sentimento de alívio foi maior que o desespero – eu não posso dizer a ela que alívio, na verdade, era um tesão desgraçado por seu irmão. — Compreende?

— Acho que sim. Talvez a vida molde-nos desse jeito... – nunca vi minha melhor amiga com essa expressão séria. — Ou talvez o problema seja o nosso sangue, Micaylah. As mulheres da máfia não são mulheres comuns, temos algo diferente. A morte iminente não nos assusta, mas a violação, sim.

Abro a boca para rebater sua declaração sobre sermos mulheres da máfia, mas calo-me, aceitando a realidade. Os homens começam a rir e prestamos atenção na piada para rirmos junto. — Depois que o Gabriel ligou, ela atirou o celular na parede. Então o tapado do contador acabou contando que saiu com a assistente. Micah encheu a cara de vodca e deu um apelido bacana para você, Gabriel. Porrangelos Saints.

Enquanto todos os outros estouram em gargalhadas, eu empalideço sob o olhar divertido do Chefe Saints. Ele é cruel e aquele sorriso só pode ser porque está planejando a minha morte. Talvez seja melhor eu viajar com a Martina. Não! Eu poderia ficar na casa de Raziel, que é o mais sensato de todos. Ou... matar Brandon. Martina é linda, arranjaria outro noivo fácil, fácil!

— Então quer dizer que eu não preciso liberar a entrada do punheteiro traidor no complexo? – Gabriel pergunta sem tirar os olhos de mim. Eu apenas aceno que não, e seu diabólico sorriso de canto surge. — Garota esperta.

Deus me ajude...

Capítulo 09

Gabriel

— Bom dia, senhor Saints.

— Bom dia, Pierina – cumprimento a ajudante da senhora Carmone e a pequena senhora. — Bom dia, Alessia.

Sento-me para tomar meu café da manhã e ler as notícias. A ajudante da senhora Carmone serve-me enquanto folheio e separo os cadernos que leio, deixando o restante do jornal de lado. Depois de alguns minutos, ouço alguém se aproximar e levanto meus olhos para ver Micaylah pronta para trabalhar.

— Bom dia, senhor Saints.

— Bom dia, Micaylah. Como se sente essa manhã? – levo a xícara de café à boca enquanto

encaro-a, à espera da resposta.

— Sinto-me muito bem. Obrigada pela preocupação – ela responde secamente.

Mulher exasperante.

Ela caminha até mim e pega os cadernos do jornal que deixei de lado. Micaylah se senta à minha direita, concentrando-se nas notícias e em se alimentar. A senhora Carmone entra e as duas conversam, repassando a agenda do dia e o cardápio da semana. Observo a interação entre as mulheres comandando a minha casa e tenho uma sensação estranha, como se isso fosse comum... sei lá.

— Não se preocupe comigo, senhora Carmone...

— Preocupe-se sim – falo sem tirar os olhos do papel à minha frente. — Micaylah ficará conosco por tempo indeterminado. Acredito que isso facilite a vida de todos, já que ela comanda a casa. E quando estivermos aqui, chame-me pelo meu primeiro nome, Micaylah.

— Tudo bem. Acho que estamos atrasados, Gabriel.

Respondo:

— Comando o tempo, Micaylah – levanto os olhos e encaro-a: — Eu nunca estou atrasado. Vejo-a estremecer e dou um sorriso de satisfação. Essa mulher não é bonita, é irritante e, ainda assim, tem mexido comigo. Ontem, após matar o filho da puta que a atacou, eu quase a fodi ali mesmo, sobre o corpo. O olhar dela brilhava com desejo e quando sua língua saiu para umedecer os lábios, eu quis mordê-los, chupá-los... inferno! Tive que tomar um banho com água fria, depois de masturbar-me como um louco.

Levanto em um impulso, deixando o jornal de lado, e saio irritado em direção ao meu quarto.

Porra! Por que eu a trouxe para cá?

— Gabriel? – quando ela não está sendo uma cadela, até sua voz é melodiosa.

Viro-me para atendê-la.

— Sim – respondo.

Ela diminui a distância entre nós.

— Queria agradecer por tudo – abro a boca para cortá-la, mas ela levanta a mão, parando-me. — Eu tenho que fazer isso, só ouça-me, por favor. – assinto e ela continua: — Se aquele homem tivesse... se ele conseguisse o que queria, eu não estaria aqui hoje – seus olhos encontram os meus. — Obrigada por salvar a minha vida.

— Não me agradeça por isso. Eu faria por qualquer um.

Observo seus traços delicados sob aqueles óculos monstruosos e delicio-me com seus lábios vermelhos e carnudos. Estou excitado só por essa porra de conversa no corredor. Era só o que me faltava! Viro para retornar ao meu caminho, mas paro ao sentir sua mão.

— Eu sei que você faria por qualquer um, mas ontem fez por mim. Não há palavras para expressar minha gratidão. Só aceite, por favor – sua voz ficou ainda mais doce.

— É importante para você que eu aceite? – minha voz sai rouca. Ela assente. E como se algo puxasse-nos um para o outro, diminuímos a distância. — Eu aceito seu agradecimento, senhorita Arigliato.

Estou completamente perdido nessa boca. Dou um passo, pressionando-a contra a parede e aspirando o perfume de sua pele. Fecho os olhos e me regozijo com o seu gemido ao sentir meu

nariz na curva de seu pescoço. Mordo o lóbulo de sua orelha e falo:

— Mas prefiro que me agradeça de outra forma.

Afasto-me o suficiente para ver seus olhos semicerrados e sua voz sai entrecortada e ofegante.

— Como?

Encosto meus lábios de leve nos dela, apenas para excitá-la ainda mais.

— Com um...

— Senhor? – dou um passo para trás quando ouço Gregory chamar-me do final do corredor.

Putá que pariu! O que eu estou fazendo? Fico tenso ao mesmo tempo em que Micaylah se dá conta do que aconteceria e a raiva ferve em seus olhos.

— Você ia se aproveitar de mim, seu bastardo! – ela fala entre os dentes.

— Você não reclamou quando minha língua passeava pelo seu pescoço – digo com deboche.

— Senhor? – Gregory aparece onde estávamos.

— Sairemos em cinco minutos, Micaylah – anuncio e vou para o meu quarto, pegar minha pasta.

A vinda de Micaylah não foi a minha melhor ideia. Onde eu estava com a cabeça quando pronunciei que ela ficaria aqui? Pensando era que eu não estava, porque em sã consciência, eu não a teria trazido. A última coisa de que preciso é de uma mulher temperamental em casa para atormentar minha vida. E o que caralho passava em minha cabeça ao pressioná-la contra a parede? Deus me ajude com essa louca andando livre pela minha casa.

Assim que entramos em minha sala, vejo Raze e El esperando-me. Não que seja estranho tê-los aqui, mas algo me diz que é sério. Dispensso Micaylah, que sai batendo os pés e fervilhando de raiva.

— Por que você a provoca, Gabe? – Raze pergunta sorrindo.

Abro o terno e sento-me em minha cadeira, satisfeito.

— Porque eu posso. Agora digam-me por que me esperavam.

— Acabamos de saber que o cara que atacou Micah era...

— Irlandês – completo. — Soube disso quando ela falou a palavra *álainn*. É um elogio, bonita, em gaélico irlandês.

— A questão aqui é: por que os irlandeses estão nos perseguindo? – Raze questiona sem levantar o olhar de seu telefone.

— Não! – Elemiah fala perdido em pensamentos. — A verdadeira questão é: por que estão perseguindo a Micaylah?

Nós nos encaramos por um momento, intrigados com a afirmação. Raziel dá de ombros e, por fim, fala:

— Micaylah é a única da família que não tem segurança. Eles encontraram uma fraqueza em nossa fortaleza. Porque se fizeram a lição de casa, saberão o quanto valorizamos Micah.

— Micaylah não é da família – falo, irritado.

— Talvez não seja para você, chefe. Mas para o resto da família, assim é – Elemiah fala sutilmente. — Ainda assim, algo não se encaixa. A irish nos deve muito, eles, mais do que ninguém, não dariam início à sua própria destruição.

Volto minha atenção ao computador e inicio meu dia de trabalho. Não gosto de ficar no escuro. Raramente não descobrimos o que as máfias tramam antes mesmo que tramem. Por que

Micaylah? Por que agora? Nada... nenhuma explicação lógica. Sem tirar os olhos do computador, pergunto:

— Sabem onde o chefe irlandês está?

— Charlestown – Raze responde.

Olho para Gregory, que está no canto da sala.

— Mande uma equipe fazer uma visita e mostre ao chefe o quanto prezamos as pessoas do nosso clã.

— Sim, senhor – ele assente e sai.

— Ele pode estar com a família, Gabriel – Raze lembra-me. Eu não costumo atacar famílias, acho baixo demais. Mas aquele filho da puta tentou fazer com que violassem Micaylah, não vou deixar passar. — Se eu não chegasse a tempo, o desgraçado teria estuprado Micaylah. E achei ter ouvido, agora há pouco, que ela é da família.

Ambos assentem. Nesse momento, minha assistente entra com uma bandeja e a deposita sobre a mesa. Em silêncio, ela serve cada um de nós.

— Sei que é minha obrigação servir café, mas esse é especial. É um agradecimento por cuidarem de mim.

— Fico feliz em ver que ambos estão ilesos – Raze fala rindo.

— Está fazendo com que eu me arrependa de ser gentil, Raziel – Micaylah fecha a cara enquanto fala.

— Você nos ama, admita! – Elemiah fala e pisca, usando todo seu charme, e a moça se desfaz em sorriso.

— Acabou o intervalo! Todos para as suas salas. Menos você, Micaylah – ela fica ali, em pé, esperando que eu diga alguma coisa. Sua impaciência cresce na mesma medida que a minha irritação. Por fim, viro minha cadeira e a encaro: — Estava gostando de flertar com o meu primo?

Ela abre a boca em um perfeito “o”, fazendo-me fantasiar sobre aqueles lábios em torno do meu pau. Micaylah fecha os olhos e respira algumas vezes para se manter controlada. E quando os abre, o fogo da raiva brilha apesar do doce tom de voz.

— Eu não estava flertando com ninguém. Foi apenas um gesto de gratidão.

— Não foi o que pareceu.

Micaylah revira os olhos.

— Eu fiz uma promessa de tentar ser uma pessoa melhor, mas você dificulta a minha missão de ser uma boa pessoa, senhor Saints.

Sorriso.

— Então estou fazendo o meu trabalho direito – volto a trabalhar em meu computador. — Pode se retirar.

Eu não preciso olhá-la para saber que está querendo me matar. Mal sabe ela, que por vezes o sentimento é recíproco. Outra infeliz que se derrete com o charme de Elemiah. Desligo-me de tudo e foco no trabalho.

O dia passou em um piscar de olhos. Entre reuniões e ligações, não almocei e não saí da empresa. Negociar contrabando de armas bélicas requer muito mais que paciência, requer

talento. Esses ditadores disfarçados de presidentes de pequenos países são clientes cansativos. Tentam nos enredar em seus pseudomotivos para armarem-se até os dentes e iniciar guerras civis em seus territórios.

Mas nada é tão deprimente quanto ter que lidar com os asiáticos, que insistem em fazer armas nucleares. Negociar com esse tipo de gente nunca é uma tarefa fácil. Não querem ouvir e agem sob o lema da defesa de seu povo. Deprimente! O infeliz está para dar início à Terceira Guerra e age como se estivesse acima do bem e do mal. Sua morte está mais próxima do que ele imagina e, dependendo do preço, eu mesmo serei o executor.

Às vezes, essas atitudes são necessárias. O que é um homem enlouquecido com o poder perante a uma guerra mundial iminente? Absolutamente nada! Não somos assassinos de aluguel, somos pessoas que são pagas para limparem o mundo de vermes como esse. Irônico, não? Vender armas a um homem sabendo que ele iniciará uma chacina de inocentes e ser pago para “limpar” o mundo de homens como nós. A vida é uma piada.

O dia passou, a noite chegou e Raze, El e eu deixamos a Worldwide em meio à madrugada, depois de conversarmos com o grupo que comanda o mundo. Sim, eles existem e controlam tudo, inclusive quanto você comprará no mercado. O grupo é formado pelas pessoas mais poderosas do mundo. Presidentes, comandantes e chefes de governo, sentam-se para discutir e decidir qual será o seu próximo passo.

Você deve estar se perguntando: como isso é possível se os dois países mais fortes, belicamente falando, estão em lados opostos? Quanta inocência a sua, não? Isso não passa de um teatro para que as pessoas acreditem que o mundo é um lugar dividido por vários pensamentos e governado por ideais independentes. A única coisa que não conseguiram controlar, ainda, é o grupo radical religioso, que anda aterrorizando o mundo com ataques letais. Infelizmente, não é possível controlar tudo.

A Worldwide está há dois anos tentando infiltrar-se novamente no meio desses radicais, mas não é algo fácil. Na nossa primeira tentativa, conseguimos encontrar um recruta sírio desiludido com a causa, depois que sua esposa foi brutalmente estuprada por companheiros de luta. Eles consideram as mulheres como propriedades da organização, sendo assim, todos têm direito de desfrutar de seus corpos, independente de serem casadas ou não.

Mantínhamos contato com muita cautela, conseguimos informações preciosas que nos levaram aos líderes, que agora estão mortos. Mas em um desses ataques, nosso soldado foi descoberto e morto. Não encontramos outro combatente natural daquela região que esteja disposto a largar tal vida. Então encontramos um ex-soldado que esteve no Afeganistão e estava sedento por vingança, o treinamos durante sete meses, com lições da sharia[3] até a adaptação com os alimentos com que provavelmente se alimentaria. O que convence são os detalhes.

Ele foi recrutado via internet para se juntar ao grupo em seu território. Mas como ele é do ocidente, não poderia ficar dentro do quartel principal, onde os líderes ladram as ordens de ataque. Para tal proeza, levam-se anos, subindo de degrau a degrau, como se fosse um funcionário de carreira nas empresas. Ele está lá há mais de um ano, nossos contatos são raros e criptografados. A divisão de tecnologia da Worldwide desenvolveu um comunicador que envia mensagens criptografadas como uma espécie de código morse.

Até aqui tivemos pouco êxito. Enquanto ele não provar sua fidelidade e subir mais um posto, estará proibido de entrar no QG central. Segundo nosso soldado, para ser bem quisto na organização, não se deve ter medo de matar e nem ter nojo de ter suas roupas sujas de sangue ao esquartejar suas vítimas. Sabemos que não é fácil, também sabemos que quando ele retornar, se retornar, não estará mais apto para viver na sociedade. Mas ele já terá cumprido sua missão de vida.

Entro em casa e vou em direção à cozinha, despindo-me no meio do caminho. Não sei se estou mais cansado ou faminto. Enquanto ando, percebo que Micaylah está adormecida no sofá.

Aproximo-me dela e a observo. Ela não tira os óculos e nem desamarra o cabelo para dormir? Sua boca entreaberta e um leve ronco faz-me sorrir. Temos trabalhado muito e nosso dever é sobrecarregado.

Minha mão coça com a vontade de acariciar seus lábios carnudos e seu roupão aberto até acima dos seios, dá a impressão de que a minha assistente mal comida pode ter lindos e fartos seios.

Isso me excita para caralho. *Que porra, Gabriel!* Afasto-me e ela desperta, assustada.

— G-Gabriel, tudo bem? Estava preocupada.

A caminho da cozinha, abro a camisa e desabotoo o cinto antes de procurar algo para comer.

Viver sozinho me dá a liberdade de andar de roupa íntima ou nu, depois de um dia cansativo de trabalho. Mas, infelizmente, agora não é possível, pois eu tive a brilhante ideia de trazer a dona da verdade para cá.

— Pedi à senhora Alessia que deixasse seu jantar preparado para aquecer. Quer que eu o aqueça enquanto você toma um banho?

Apesar de não ser uma ideia ruim, algo me diz que não está certo. Micaylah não é esse doce de pessoa, não é do tipo que faria algo de bom para alguém que a atormenta. Estreito meu olhar em sua direção e a observo. Ela troca de pés, um claro sinal de nervosismo.

— O que você está planejando, Micaylah? – seu olhar surpreso só instiga-me a cutucar a fera. — Acha mesmo que eu iria virar as costas, tomar banho e deixaria você aqui, para fazer alguma coisa com a minha refeição? Esqueça!

Passo por ela e alcanço a bandeja que está sobre a bancada.

— Você realmente acredita que eu faria uma coisa assim tão baixa com você? – sua voz é suave demais para as chamas que flamejam em seus olhos.

— Acho, não. Tenho a mais absoluta certeza que faria. Você pode enganar os outros com esse ar de moça virginal recatada, mas eu sei que debaixo dessas roupas de homem há uma mulher que envenenaria alguém. Você é como eu, Micaylah, tem sangue ruim correndo em suas veias.

Seu olhar surpreso torna-se frio e ela abre um sorriso desdenhoso.

— É isso o que você acha, senhor Saints?

Arqueio a sobrancelha.

— Eu tenho certeza – respondo.

Então o inesperado acontece. Micaylah passa por mim e derruba a bandeja que estava em minhas mãos. Toda a comida que antes estava reunida ali, agora era pasta no chão. Filha da...

— Sabe de uma coisa, Porrangelo Saints? Você tem razão. Tenho sangue ruim. Boa noite, chefe – ela cospe a última palavra e sai.

Contemplo a comida esparramada pelo chão e minha ira eleva-se como a minha fome. De longe, vejo um dos seguranças caminhar com algumas caixas de pizza e corro até a geladeira, pego algumas cervejas, saindo em seguida para tentar descolar uma fatia quente de pizza. Por todo o caminho, vou xingando aquela infeliz e orquestrando várias maneiras de como posso dar um fim a ela. Olha só, a porra do chefe do clã dos Saints, uma das famílias mais ricas existentes na Terra, correndo atrás de seus seguranças por causa de comida.

Foda-se Micaylah!

Foda-se seu mau humor! Foda-se sua falta de educação! Foda-se sua má vontade! Foda-se sua língua afiada que merecia ser cortada! Foda-se... foder essa boca de lábios deliciosos e...

— Senhor? – Gregory tira-me do devaneio em que me meti. — Tudo bem?

Assinto. Poderia dizer que tem uma mulher louca vivendo comigo e que ela derrubou meu jantar no chão só por diversão. Mas como tenho uma imagem de homem mau para zelar, apenas falo:

— Eu vi que chegou pizza... – levanto as cervejas. — E vim saber se podemos partilhar.

Ele sorri e aponta para onde alguns soldados estão reunidos e, em meio a eles, Raze e Elemiah.

Junto-me a eles, decretando que, a partir daquele dia, bancaríamos a pizza da madrugada. E enquanto eu comia, tentei me concentrar no assunto do momento, mas aquela *puttana* não sai dos meus pensamentos.

Foda-se, Micaylah!

Capítulo 10

Gabriel

Depois de uma semana cansativa, nada melhor que relaxar na piscina. Nadar à noite é um bom jeito de se livrar do cansaço do dia. Bem, nadar e foder, mas no meu caso, nadar é a melhor saída. Assim que saio da piscina, encontro Micaylah sentada em uma espreguiçadeira, tomando alguma coisa. Seco-me e me sento na outra cadeira.

— Vai pegar um resfriado. Não ligaram o aquecimento da piscina – ela fala.

— Preocupada com o meu bem-estar? – pergunto com deboche.

— Claro que sim! Você paga o meu salário, trouxe-me para ficar nessa casa linda, não quero perder minhas mordomias – ela devolve com certa ironia.

Alcanço o roupão que deixei no encosto do assento em que ela estava e seu perfume alcança-me, fazendo a minha irritação e excitação crescerem. Não consigo entender essa reação a ela. A mulher nem sequer é bonita e é chata para caralho!

— Eu não sei como vocês conseguem manter esse ritmo transloucado de trabalho – Micaylah fala pensativa. — Eu não fazia a menor ideia de que a vida de vocês era assim. Atendo mais de cinquenta ligações por dia, que são prioridade, fora as reuniões. Gabriel, você dorme três ou quatro horas por noite. Isso é muito pouco! Fiz certo em reorganizar sua agenda e em filtrar seus compromissos.

Recosto-me na cadeira e olho para a noite através do telhado de vidro.

— Geralmente, nos fins de semana estou em alguma festa ou premier – dou de ombros. — Essa é a minha vida. A vida que fui destino a ter.

— É engraçado que qualquer um gostaria de estar em seu lugar, mas ninguém faz ideia do fardo pesado que é. Hoje entendo que você comparece aos eventos sociais somente para manter as aparências. Para que o mundo não enxergue o que realmente os Saints são e o que fazem. Levei um tempo para entender que é necessário vestir uma armadura. Vou parecer mais cadela do que já sou, mas eu não gostaria de estar no lugar da tríade. Principalmente no seu lugar.

Respiro fundo.

— Não é tão ruim...

— Mas também não é totalmente bom – ela completa. — Se você não fosse um Saints, o que você gostaria de ser?

Penso em todas as vezes em que estava no meio de um treinamento brutal entre sangue e morte, e meus pensamentos misturavam-se com as minhas dores. Ali imaginava-me sendo um professor de economia ou um corretor da bolsa de valores. Parece tedioso, comparado à vida que tenho, mas a realidade é que ter poder é bom somente para destruir e ser destruído no final de tudo.

O triunvirato Saints não nasce com direitos, apenas com deveres, como o casamento e o nascimento do herdeiro. Muitas vezes desejei ter uma vida monótona, sem ter obrigação de aparecer em eventos, pois tudo não passa de dever.

— Acho que seria funcionário público de carreira.

Micaylah engasga-se e olha-me chocada.

— Nunca imaginei isso – ela por fim fala.

— E você? O que gostaria de ser? – nossos olhos encontram-se e pude ver um raio de dor.

— Eu poderia ser qualquer coisa, desde que eu e minha família não fôssemos quem somos, ou quem éramos, pelo menos.

Sei que está falando sobre a máfia. Ambos temos esse gene em comum, o que nos diferencia é o fato do meu avô ter sido brilhantemente sortudo. Tenho toda a minha família, Micaylah perdeu seus pais em um atentado mal explicado. Até hoje nem os Saints e nem a polícia conseguiram desvendar o que se passou. Algo raro. Meu pai investiu tempo e dinheiro para investigar a fundo, fez uma promessa a Micah de que encontraria os culpados pela morte de sua família.

— A vida não é simples – falo.

— E nem justa – ela complementa.

Nesse momento, Gregory aproxima-se e nos entrega uma pizza, já que eu não apareci para comer com eles. Micaylah e eu ficamos ali compartilhando o jantar em um silêncio pacífico, até uma pergunta saltar da minha boca.

— Você sente falta do Colin?

Seu olhar é impagável. Ela balança a cabeça.

— Acho que não...

Questiono-a com o olhar e depois pergunto ironicamente:

— Acha?

— Eu gostava dele, não era apaixonada, até porque acredito ser incapaz de amar um homem. Mas Colin era uma espécie de tábua de salvação que eu usava quando as coisas saíam do meu

foco. E você, senhor Saints? Já está cortejando a futura senhora Gabriel Saints?

Termino de comer e limpo a boca antes de responder:

— Sim. Mas ela não sabe ainda. — faço uma careta. — Saberá no momento exato.

— Como é ter um casamento arranjado? Acha que será feliz se casando com uma pessoa que não ama? — Micah pergunta, curiosa.

Dou de ombros.

— Não é como se eu estivesse sendo forçado a me casar com alguém que não conheço ou que escolheram por mim. Decido quem será minha companhia.

Nossa conversa é interrompida quando o celular dela toca.

— Alô? — seu rosto perde a cor instantaneamente. Seja o que for, abalou a mulher de gelo à minha frente. — Olá, tio Orazio. *Come stai?* — Micaylah cumprimenta seu tio pelo nome, para que eu saiba quem é. Seu olhar diz que ela não esperava essa ligação.

É curioso, porque até onde sei, Orazio excluiu a sobrinha de sua vida logo depois do enterro dos pais dela. Mesmo ela estando em sua casa, ele a fez sentir-se como uma bastarda. O tom de desprezo de Micaylah chama a minha atenção.

— Não tenho planos de ir à Itália e o meu dever para com a família morreu no mesmo acidente que matou meus pais. *Addio, signore Arigliato!*

Ela desliga o telefone e continua olhando-o em silêncio.

— Eu não sabia que você era próxima do seu tio — tento puxar o assunto.

Micaylah balança a cabeça.

— E não sou. A última vez que nos falamos foi há dez anos, quando ele veio com um entregador para dar-me um presente que os meus pais tinham programado para que eu o recebesse com dezesseis anos — depois de uma longa pausa, ela continua: — De vez em quando eu falo com a minha tia, mas sei que ela não conta a ele. É prisioneira como todos que estão ligados à máfia e ao Orazio.

— Um presente de debutante, suponho.

Ela mexe em seu telefone, agitada.

— Na época seu pai explicou-me que as famílias da m-máfia programam um espólio para os filhos receberem durante a vida, pois temem que a suas fortunas possam ser roubadas e seus filhos mortos.

— A herança é o motivo de muitas guerras em clãs, e seu tio não é a melhor pessoa do mundo — falo.

— E você é? — ela fala com desprezo e levanta o braço para jogar o celular na parede, mas tive sucesso em pará-la. Então, percebo que seu corpo encaixa-se perfeitamente ao meu e a pressiono contra mim. Sua boca abre-se e o seu ofegar faz-me duro. Miro sua boca como se fosse um dos mais raros chocolates a ser saboreado.

— Assim teremos que comprar uma fábrica de celulares — falo próximo ao seu ouvido. Sinto seu corpo tremer e sorrio ao constatar que mexo com ela.

De repente, Micaylah empurra-me.

— Idiota! — ela desvencilha-se dos meus braços e anda de um lado para outro. Uma risada doentia sai de seus lábios. — Sabe por que odeio homens como você, Gabriel? Porque acham

que têm poder sobre a vida dos outros, decidem sobre suas vidas e sobre suas mortes, não se importando com as famílias destruídas que deixam no caminho. Sabe por que odeio a máfia? Porque os cretinos, assim como você, acreditam que são a única verdade absoluta existente. Achem que porque têm algum sobrenome de merda, isso lhes dá direito de dirigir o destino do outro. Julgam, condenam e sentenciam as pessoas por suas próprias leis, que são podres! O diabo dessa mulher desperta o que há de pior em qualquer um... em mim. Enquanto ela vomita seus princípios, descontrolada, minha ira assume o lugar do humor, que há pouco estava intenso. Aproximo-me dela e falo, entre os dentes:

— Deixa de ser hipócrita, sua imbecil. Seu sangue é tão contaminado quanto o meu, querendo ou não, você pertence à máfia italiana! Vê se cresce, Micaylah! Você está insultando o chefe de um clã que destrói vidas para proteger aqueles a quem ama! – perco minha compostura e o volume da minha voz continua crescente. — Eu fui concebido exclusivamente para esse propósito e você nasceu para fortalecer o elo entre famílias deste mundo de facção suja, o que faz de você tão imunda quanto eu.

— Não... – sua voz é um sussurro. Ela fecha os olhos e respira fundo, ao abri-los, pude ver labaredas onde antes havia apenas faíscas. — Não me compare a você, Saints! Eu jamais enviaria capangas para ferir pessoas que provavelmente estavam com a suas famílias – balanço a cabeça e isso a enfurece ainda mais. — Eu ouvi você dar ordens ao Gregory para visitar a *Irish sei-lá-o-quê* e dar o recado ao chefe deles. Você e sua tríade se acham os donos do mundo, mas não passam de meninos ricos e esnobes que brincam de polícia e ladrão.

Dou meu melhor sorriso de escárnio.

— Com qual dos meus primos você fode, Micah? – seu rosto fica ainda mais vermelho e ela levanta a mão para me bater, mas seguro seus pulsos. Toda a minha paciência se esgotou e não sou médico para ter que lidar com gente louca. — Só enviei pessoas ao encontro dos irlandeses porque Raziel e Elemiah repetiam que você é da família. E é dessa maneira que protejo quem pertence a esse clã. Se você acha que somos esses monstros, por que caralho ainda está perto de nós, Micaylah?

Solto seus braços e a empurro para longe de mim.

— Aja como uma mulher adulta e termine seu caso com o Saints que você fode – caminho em direção à casa e, antes de entrar, viro-me o suficiente para que ela ouça: — Meu pai correu todos os riscos indo à Itália para buscá-la e colocou toda a família na linha de tiro ao trazê-la para casa. Eles a amaram e cuidaram como se você fosse parte disso tudo. Eles deram a você mais do que deram a nós, que somos do mesmo sangue.

Antes de atravessar a porta, ouço meu nome seguido por um soluço.

— Gabriel...

— Para você, sou o senhor Saints, o dono da porra toda!

Capítulo 11

Micaylah

Passei a noite me lamentando pelo que aconteceu ontem. Eu não tinha a intenção de ofender Gabriel e muito menos a sua família, que é minha também! Para ser sincera, nem sei como fomos parar nesse assunto. Também não entendi a ligação do tio Orazio e nem o seu pedido descabido. Ele queria que eu voltasse à Itália para cumprir meu dever de filha da máfia.

Nem fodendo!

Só em sonhos que eu voltaria para aquele lugar, com aquelas pessoas, e me casaria com um desconhecido para fortalecer laços que não têm nada a ver comigo. A cena que presenciei do meu tio espancando seu filho vem em minha mente, fazendo meu estômago reclamar. Seu primogênito tão esperado morreu dois anos depois em um confronto com soldados de outra família. O que ninguém sabe, é que o meu primo Lucca se negou a matar um capo para assumir seu posto nas docas. Orazio Arigliato o espancou até deixá-lo inconsciente e o enviou para a ruas três noites depois.

Tia Pietra ficou desesperada, se não fosse pelo pequeno Erico, ela teria enlouquecido e dado fim à sua vida. Pois assim é a vida da mulher da máfia, nada pode separá-la de seu marido, só a morte. Geralmente, a morte *dela*! Ela liga para mim às escondidas, pois não tem permissão para conversar com as pessoas pré-aprovadas por tio Orazio. A vida dela é um inferno e a cada ligação que trocamos, eu tenho mais certeza de que não fui feita para viver nesse mundo nefasto, onde só o que conta é o poder, onde o alvo é um trono sobre cadáveres.

Mas o que tirou meu sono foi a discussão com Gabriel. Eu não quis ofendê-lo... Tudo bem, eu assumo. Eu queria ofendê-lo, só a ele, e, por tabela Raze, e El. Mas nunca a família! Eu os amo demais. Daria a minha vida por eles. Mas a conversa com o meu tio e aquela exigência absurda mexeram comigo, e, quando vi, estava nos braços dele, sentindo seu corpo quente no meu.

Aquele corpo perfeito, esculpido e molhado, coberto apenas por uma sunga...

Ai... ai...

Mas como se alguém acionasse o interruptor dentro de mim, empurrei-o com raiva, pois Gabriel, naquele momento, representava tudo o que eu odeio e de que quero distância. Deixando claro que a parte que odeio é o fato de ser violento, e não de ser gostoso. Por que os monstros não podem ser feios como o meu tio? Por que Deus fez monstros extraordinariamente lindos que nos fazem gozar só por ser rudes... e maus... e brutos... e gostosos... e ruins... e ter pau grande?

Aquele homem deve saber usar aquilo com maestria.

Entro na sala onde é servido o café da manhã e percebo que só há o serviço de café para uma pessoa. A senhora Alessia vem até mim com um café quentinho.

— Bom dia, Micah. Está com uma carinha de quem não dormiu.

— Passei a noite em claro – respondo. Gabriel não levantou ainda?

A senhorinha à minha frente balança a cabeça e faz um “*tsc, tsc, tsc*” de desgosto.

— Gabriel não passou a noite em casa...

— Como não passou a noite em casa? – minha voz sai mais estridente do que eu gostaria. Limpo a garganta e concentro-me em encher a boca de comida.

— Gregory esteve aqui há pouco tempo, para pegar algumas coisas para Gabriel. Ele é novo

demais para carregar uma carga imensa dessa. Não é justo que um moço tão bonito e inteligente não possa desfrutar de sua mocidade como gostaria.

Bufo.

— Pelo amor de Deus, senhora Carmone! O que a senhora entende por desfrutar a vida? Estava comigo quando aquela cadela o chupava tão gananciosamente que por pouco não afinou o pau do mocinho que não aproveita a vida.

Ela coloca as mãos na cintura e solta a bomba:

— Está com ciúmes, Micaylah?

— Não! – encaro-a. — Claro que não! – levanto e saio antes que a senhorinha resolva me convencer de que o “Porrangelo” Saints é um bom partido. Ciúmes de Gabriel... como se eu gostasse dele, para ter ciúmes.

Enquanto Nico atravessa a cidade em direção à empresa, vou ensaiando mentalmente as palavras que falarei a Gabriel. Necessito pedir desculpas pelo que disse ontem a ele. A noite inteira, nadei em arrependimento por aquela explosão. Assim que o carro para e a porta é aberta para que eu saia, percebo que não estamos na Worldwide.

— O chefe instruiu-me a trazê-la – Nico responde minha pergunta silenciosa.

Eu não sei onde estamos, parece-me que aos arredores da cidade. Não há movimentação na rua e não parece haver vizinhança também. O prédio à minha frente não tem identificação nenhuma, o que faz meu sangue gelar. Será que Gabriel me matará? No momento em que o pensamento vem, vacilo ao dar um passo para trás e Nico segura meu braço, fazendo-me gritar.

— Desculpe, senhorita Micaylah. Não tive a intenção de assustá-la.

Fecho os olhos e respiro fundo. Estou ficando paranoica novamente.

— Eu que peço desculpas – falo constrangida. — Não reconheço o prédio, Nico. Sabe o que estamos fazendo aqui? — pergunto, ainda parada em frente à grande porta.

— É o novo clube dos Saints.

— Oh – exclamo surpresa.

Os clubes noturnos *The Triad*, da tríade Saints, são os mais disputados de toda a região e estrategicamente localizados para atrair clientes específicos. Como o do Soho, que é frequentado por artistas, fashionistas, pessoas que gostam de esbanjar dinheiro e sair nas colunas sociais. Esse aqui provavelmente será um de sadomasoquismo, e Gabriel mandou trazer-me para testar as cordas e os açoites.

Nico abre a porta e dá um passo para o lado, para que eu entre. Assim que passo pelo hall, que está cheio caixotes, entro em um ambiente completamente diferente de tudo o que já vi. O lugar é enorme e ao centro há uma piscina rodeada por grandes e pequenas mesas. Daqui, vê-se pelo menos quatro bares espalhados ao redor.

Nico escolta-me até um ambiente onde há sofás brancos em formato de meia-lua, fechado por dosséis e tecidos brancos, transformando o lugar em pequenos ambientes privados. Os lustres de cristais dão um ar ostentoso perante a decoração *clean*. Logo entramos em um ambiente privado, onde uma mulher seminua dança em uma vitrine para Raziél, que estava sentado em uma poltrona. À esquerda há uma gaiola, onde uma bela morena tira sua roupa para Elemiah.

— Trouxeram-me aqui para anotar as medidas das dançarinas ou terá um gostoso tirando a roupa para mim também? – falo rindo. Mas meu sorriso se desvanece quando ouço a voz de Gabriel.

— Assim como elas, você está aqui para trabalhar.

Viro-me à procura dele e dou de cara com uma morena deslumbrante, apenas de calcinha, dançando em seu colo. Ódio me define neste momento. Minha vontade é de socar a cara dele e tirar essa puta daqui a chutes. Mas como uma boa funcionária do caralho que sou, engulo a raiva e tiro meu tablet da bolsa, esperando instruções.

— Acho que aqui não é ambiente para a Micaylah – assusto-me ao ouvir Raze falar logo atrás de mim.

Gabriel estreita os olhos para o seu primo:

— Por que, Raziel? Não estamos aqui transando, apenas testando as habilidades do nosso *staff*.

Por que não é ambiente para a Micaylah?

— Perdoe-me por tentar não deixá-la constrangida – ele responde.

— Micaylah é minha responsabilidade, Raze. Aconselho a não tentar mais nada, não é necessário.

Seu tom de voz é comedido, mas não permite nenhuma resposta. Ele dá um puxão na calcinha da garota e acena para que continue a dançar. Meu estômago revolve de dor ou de ódio. Então, para consolidar minha desgraça, Gabriel fala:

— Micaylah deveria ter a mesma consideração por você, Raziel.

Mesmo tendo uma mulher nua se abrindo em frente a ele, Gabriel não desvia seu olhar de nós, deixando bem claro sua intenção em cada palavra. Seu olhar escuro anuncia a tempestade que me abaterá.

— Quando eu como uma mulher como você, senhorita Arigliato, o mínimo que espero é respeito. Abro a boca para cortá-lo, mas nada sai. Elemiah aproxima-se e questiona-o:

— Por que isso, Gabe?

— Pergunte a ela – Gabriel responde e depois volta-se para mim: — Diga a eles o que me disse ontem, Micaylah.

Todos me olham e eu me apresso em justificar:

— O-ontem eu recebi uma ligação e fiquei atordoa...

— Vá direto ao ponto! – Gabriel ordena.

Assinto, baixo minha cabeça e continuo a falar, envergonhada:

— Disse que odeio homens como Gabriel, que acreditam que têm poder sobre a vida dos outros. Q-que julgam, condenam e executam conforme suas próprias leis, não levando em consideração os estragos pelo caminho.

Uma bolha de raiva estoura dentro de mim e tranco os dentes para controlar a minha língua grande. Mas infelizmente é impossível. Sou treinada em gerenciamento de estragos, e não em prevenção.

— Quer saber? – olho para o Porrangelo e cuspo cada palavra. — É isso mesmo! Acredita ser o senhor da porra toda, mas não passa de um moleque que usa as pessoas para brincar de *Lego* com a vida delas – viro-me para as mulheres e faço cara de nojo. — Tenho pena de quem se submete a você, Gabriel Saints.

Ele salta de sua poltrona e vem em minha direção, fulminando-me com o olhar.

— Pare de posar como uma velha puritana, Micaylah. Você não é melhor que ninguém aqui, é tão imunda quanto nós! Faz cara de boa moça, usa essas roupas de velha matrona, mas por baixo é como qualquer outra cadela.

Antes que minha mão encontre seu rosto, Elemiah puxa-me para trás, colocando-se entre nós:

— Micah, ele a matará! Se controle, por favor – El encara-me com preocupação. — O que está acontecendo, princesa?

— Na-nada. E-ele me tira do sério! Por que me mandar vir aqui assistir a isso? Deixa que eu mesma responderei, Gabriel quer me punir pelo mal-entendido...

— Mal-entendido o caralho! – Gabriel fala entre os dentes e aproxima-se. — Você me ofendeu, insultou a minha família por se achar melhor do que aqueles que a protegeram durante a porra da sua vida toda!

— Não! – falo horrorizada. — Eu os amo! – viro-me para Raze. — Eu os amo. Sã-são a minha família também.

Eles olham-me condescendentes e isso me machuca.

— Nico, leve Micah para casa – Gabriel ordena e os outros assentem em concordância, voltando a sentar em seus lugares.

Por mais que eu tente segurar as lágrimas, elas caem em abundância. Nunca me senti tão humilhada em minha vida. Como ele pôde fazer isso? Eu sei que me excedi ontem, mas eu estava nervosa e... e... Sentindo-me completamente perdida, olho a cidade através da janela do carro.

— Leve-me para a empresa, Nico – peço.

— O chefe mandou levá-la para casa e é para lá que vamos.

Encaramo-nos pelo retrovisor.

— Se não for levar-me para a empresa, então pare o carro que irei daqui.

— Não.

Olho para trás e vejo um carro preto nos seguindo, sei que são os fantasmas. Também sei que assim que eu pisar fora desse carro, sem ser no complexo, irão me arrastar de volta. Afinal, ninguém ousa desafiar o Porrangelo Saints. Mas eu não sou ninguém, sou Micaylah Victoria Arigliato e faço da minha vida o que eu bem entender. Gabriel não a comanda.

— Pare o carro agora ou eu me jogo pela janela, Nico!

— Você não...

Enquanto ele falava eu o vidro. Ele até tentou travá-los, mas já havia espaço para passar. Por sorte, ele teve que parar no semáforo e saí do carro. Nico veio atrás de mim, xingando e implorando para que eu voltasse para o veículo.

— Não nessa vida, meu filho!

Corro para a estação de metrô, pulo a catraca e entro em uma composição que já estava fechando as portas. Eu sou foda! Rio histericamente e os outros me olham como se eu fosse louca. E se pensar bem direitinho, eu sou mesmo. Quem no mundo desafia Gabriel Archangelo Saints e permanece vivo para contar?

Salto na estação mais próxima ao meu apartamento e caminho pelo lugar que outrora era meu

velho conhecido. Quando ficamos um tempo longe, parece que tudo muda. Mas acho que na verdade, só prestamos atenção nos detalhes de que antes não tínhamos nos dado conta. Entro no apartamento e abro as janelas quando meu celular toca, assustando-me. Sorrio ao ver o nome de Martina no visor e não o do seu irmão, que a essas alturas já mandou uma equipe de execução me fazer visitinha. Sento-me no confortável sofá.

— Alô, desaparecida. Já estava enviando uma equipe de busca – falo rindo.

— Oi, Micah. Cheguei à cidade há dois dias, mas Brand e Gabe acharam melhor que eu ficasse com Brandon até decidirmos onde nós duas moraremos.

— Por que não me ligou? – pergunto chateada. — Achei que fosse mais importante para você.

— Desculpa por não ligar, mas acreditei que Gabe a avisaria. Como está, Micah? Estou achando sua voz um pouco estranha.

— Não acontece...

— Micah! – ela fala em tom de repreensão.

— Bom... talvez... eu tenha meio que irritado seu irmão além do limite.

— Jesus Cristo, Micaylah! O que você fez? – ela pergunta apreensiva.

Dou de ombros como se ela pudesse ver.

— Seu irmão é melodramático...

— Micah... – Tina geme.

Nós nos despedimos e desligo o telefone depois que ela aconselhou-me a tentar ser um pouco mais... na verdade, ela pediu que eu fosse um pouco menos eu. Abro todo o apartamento e ligo o som para dar um jeito no lugar, está tudo empoeirado, com cara de abandonado.

Troco de roupa e início a limpeza ao som de *Sorry*, de Justin Bieber. Adoro dançar e essa música é perfeita. Remexo enquanto varro usando a vassoura como pedestal. Em um certo momento, eu estava tão envolvida na batida sexy da música *Work*, da Rihanna, que encostei-me na parede em uma dança sensual. Minhas mãos percorrem o meu corpo suado e a imagem de Gabriel pressionando-me contra a parede vem em minha mente.

Como se ele estivesse aqui, sinto suas mãos percorrerem meu corpo, apertando meus seios. Abro o botão do meu pequeno short e toco-me com luxúria, pois isso é o que aquele idiota desperta em mim. Em meio ao meu delírio erótico, a música *Pillowtalk* soa, lembrando-me do que aconteceu naquela pista de dança. Permito-me ir na onda das lembranças e minha libertação vem, fazendo-me ver estrelas.

— Pelo menos você serve para me fazer gozar, Porrangelo Saints – falo rindo, totalmente descomposta encostada na parede.

O dia passou rápido, só percebi que era final da tarde quando fechei as janelas por causa do vento frio que balançava as cortinas. A caminho do banheiro, ouço batidas vigorosas na porta. Dou dois passos e gelo com a lembrança do que aconteceu essa manhã. Merda! Esqueci que tinha desobedecido ao chefe.

— Viemos buscá-la, senhorita Arigliato – Gregory? Gabriel enviou Gregory para buscar-me? A coisa é mais séria do que eu temia.

Engulo o medo, levanto meu queixo e atendo a porta com a roupa que eu estava. Gregory e mais dois homens engoliram em seco ao me verem de top curto e short mais curto ainda. Não gosto de

me aparecer, mas estou gostando de vê-los tentando desviar os olhos do meu corpo, principalmente dos seios

— Veio me buscar para quê? – pergunto com fingida inocência.

— O chefe enviou você para casa, Micaylah, e não para esse apartamento. Aqui você corre perigo – Greg fala veemente.

— Vim para onde ele ordenou, para casa. Essa é minha casa.

Ele solta uma série de xingamentos e volta a olhar-me.

— Micah, querendo ou não, você é parte dos Saints. Querendo ou não, você deve obediência a Gabriel como todos nós. Você o conhece e sabe que hoje já escapou intacta do que fez mais cedo. Não haverá uma próxima vez, querida. Então, por favor, venha conosco e nos ajude a manter nossos empregos.

Bufo em irritação. Desde quando Gregory conversa dessa maneira? Arrumo-me depressa e fecho novamente o meu cantinho. Vestida com a minha armadura vintage de mulher de negócios, entro no carro e levam-me em direção ao meu castigo ou à minha morte... ou castigo seguido de morte... enfim, seja o que Deus quiser.

Capítulo 12

Micaylah

Assim que param o carro em frente à casa de Gabriel, desço sem esperar que abram a porta para mim. Falo que sou rebelde, mas sei que não passa de infantilidade. Gregory acompanha-me até a sala e diz:

— Somos amigos há anos, Micah, e eu não gostaria de ter que testemunhar sua morte. Então, por favor, pare de provocar o senhor Saints. Ele não é conhecido por sua paciência.

— Prometo que farei meu melhor, Greg – falo com verdade.

— Eles tiveram um compromisso e não sei se estarão de volta cedo. Qualquer coisa de que precise, basta chamar. Ficarei por aqui.

Gregory acena e se retira. Vou para o quarto designado a mim e jogo-me na cama, cansada. Meu estômago agitado me impede ficar deitada. Alcanço o tablet e repasso a agenda de Gabriel para amanhã. |A caixa de entrada está cheia e a maioria das perguntas é: “onde está?” Filtro, respondo e encaminho todas as mensagens, faço algumas anotações e agendo alguns serviços de entregas de documentos.

A fome me castiga e vou até a cozinha ver o que Alessia fez para o jantar do chefinho. Belisco algumas frutas e um pãozinho até ouvir o barulho da porta da sala. Ando na pontinha dos pés para espiar quem é e vejo Gabriel entrar aos beijos com uma mulher. Por que eu o vejo nessas situações? Não tem cabimento ter que testemunhar cada foda que ele tenha.

O celular dele toca e Gabriel pede licença para atender uma ligação importante. Olho para o relógio da cozinha e vejo que é mais de duas da manhã, o que me leva a crer que a ligação

provém da Ásia. Reconheço a moça assim que ela se senta no sofá, é a filha de um importante político. A mulher é conhecida por seus escândalos. Há quem fale que ela é descontrolada e mentalmente perturbada.

Uma ideia cruza minha cabeça e sorrio, engolindo um pedaço de morango. Corro até a área de serviço e pego uma camisa de Gabriel que, provavelmente, está lá para ser lavada. Seu perfume me golpeia e a minha calcinha umedece. Tenho que trancar a respiração para prosseguir com o plano. Solto meu cabelo, guardo os óculos, substituo minha modesta camisola pela camisa dele, deixando botões abertos, suficientemente para mostrar parte dos meus seios.

Passo pela sala como se não houvesse visto ninguém ali. Um... dois... três...

— Quem é você e o que está fazendo aqui?

Tento não sorrir. Viro o rosto em direção a ela e questiono-a:

— Eu moro aqui. E você, quem é? – volto a perguntar.

O rosto da mulher começa a ser colorido com tom de vermelho nada simpático, nem mesmo combina com seus cabelos loiros.

— Mo-mora aqui? Impossível! Eu sou a namorada de Gabriel – ela fala cheia de si. — Você é parente dele?

Dou meu melhor sorriso.

— Ele gosta que eu o chame de papai urso, isso conta? – minha voz é mais doce do que eu gostaria. Olho-a com total inocência. — Não sabia que o mestre traria alguém. Ele não me avisou para que eu saísse e nem falou que teríamos um *ménage* essa noite.

Ela dá um pulo do sofá e marcha para o escritório de Gabriel. Ouço a porta do cômodo bater com toda força, corro para a cozinha para juntar minhas coisas e subo as escadas de dois em dois degraus. Quando eu estava prestes a fechar a porta do meu quarto, ouço gritos. Eles discutem sobre a presença de uma mulher gostosa na casa. Obrigada pelo gostosa, amiga.

— Perdeu o juízo, Brittany? Desligar meu telefone em meio a uma conversa de negócios? Quem você pensa que é?

Não responde, garota. Não res...

— Não muda de assunto, Gabriel! – ela fala aos berros. — Quem é aquela mulher que está morando com você?

— Baixa o tom de voz e trata de ser educada ao falar comigo. Quem é quem? Micaylah? Ela não é ninguém – ele fala com desdém, ferindo-me, mas sua louca transa dessa noite me vinga.

— Como uma mulher gostosa e bonita andando seminua pela sua casa não é ninguém? – ela ainda fala alto.

— Inferno! Gregory! – assusto-me com a reação dele. — A sua loucura pode ter custado a mim mais dinheiro do que seu pai já sonhou em ter!

Fuja, garota! Aproveita o silêncio e fuja.

— Eu não sou uma de suas vadias, Gabriel! – a suicida da mulher continua a falar.

— CALA A BOCA, BRITANY! GREGORY! ONDE VOCÊ SE METEU?

Balanço a cabeça em frustração.

— Senhor? – essa é a voz de Greg.

— Tire Brittany da minha frente, antes que eu a estrangule. Sua sorte é que eu não quero sujar meu tapete branco. Caso contrário, você já estaria morta. Ela está proibida de chegar perto de mim. Entendeu?

— Sim, senhor.

Ouçoo a tal da Brittany sendo tirada aos gritos de amor e loucura ao chefe Saints. É assim que eu pareço quando estou discutindo com ele? Santo céu! Ouço passos e corro para o meu quarto. Tiro sua camisa e enrolo-me no roupão, à espera de ele bater à minha porta. Mas isso não acontece. E surpreendo-me com o quão decepcionada fico com isso.

Três dias! Três intermináveis dias em que esse infeliz me ignora. Sai de casa antes que eu acorde e volta tarde da noite. Na empresa fala comigo somente o necessário, ou então mantém-se em silêncio, ignorando minha presença. Na verdade, ignora-me mesmo que eu esteja falando na frente dele. Gabriel fez questão de que cada um da família soubesse das minhas infelizes palavras naquela noite. Já tentei inúmeras vezes pedir desculpas e explicar minha revolta, mas ele apenas ignora-me.

Hoje mais cedo, enquanto jantava com Tina e Brand, em seu apartamento, Brandon disse algo que me fez refletir:

— Gabriel nasceu e foi criado para amar e cuidar somente de sua família. Então, a única mulher que o tira do sério...

Eu o interrompi:

— A Brittany Richelsen também detém esse título.

Brand fez uma careta.

— Brittany tira até Buda do sério. Voltando ao assunto. Gabriel nasceu e foi criado para amar e cuidar somente de sua família. Então, a mulher que o irrita diz que não gosta de quem a família dele descende e nem de como eles agem.

— Eu não disse isso... ok, eu disse! – olhei para Martina e continuei a justificar-me: — Eu amo todos vocês. Acolheram-me, tratam-me como uma de vocês, amaram-me incondicionalmente. Eu não queria soar ingrata, mas tinha acabado de falar com o meu tio e em algum momento me perdi na frustração e descontei em Gabriel.

Martina segurou minha mão e disse:

— Eu sei, querida. Mas se coloque no lugar da tríade, Micah. A vida deles é a família.

Voltei para o complexo decidida a fazer Gabriel me ouvir. Ele é um imbecil estúpido, mas isso não me dá o direito de falar o que falei. Não via as coisas por esse ângulo, mas sei que não deve ser fácil estar em seu lugar. Todos esperam demais deles, que trabalham com afinco para não decepcionar ninguém.

Coloquei minha camisola e o roupão, alcancei um livro e fui para o santuário do Todo-Poderoso Saints. Seu quarto foi o único lugar em que ainda não estive, e, segundo a senhora Alessia Carmone, ele não costuma levar suas transas ocasionais para lá. Algumas já tentaram invadir, mas ele é muito conciso sobre isso. Ela contou-me que um dia ele comentou que lá é o lugar onde seus filhos serão concebidos e que não macularia o ambiente levando qualquer uma.

Interessante, partindo dele.

Abri as portas duplas do final do corredor e deparei-me com um luxuoso quarto. As luzes acendem assim que entro e fico maravilhada com tudo que vejo. Além de amplo, a decoração do quarto é moderna e impecável. Impressionada, caminho pelo lugar, assimilando cada detalhe. A parede de vidro dá acesso a uma ampla varanda, de onde é possível ver todo o complexo. Em frente à cama há uma parede pintada de preto com uma grande televisão ao centro e pequenos nichos decorados com livros, fotos e objetos, que acredito serem pessoais de Gabriel. Mais à frente há um sofá de três lugares e duas poltronas, que ficam em frente à janela. A cama é grande — grande mesmo! — encostada em uma parede de vidro escuro que tem duas saídas laterais, uma de cada lado, que dão acesso a um banheiro magnífico.

— O que faz aqui?

Assusto-me.

— D-desculpa, Gabriel. Eu queria falar com você...

Ele entra, joga seu terno sobre o chaise que fica aos pés da cama e começa a se despir.

— O que é tão importante que a fez invadir meu quarto, em vez de esperar até amanhã no escritório — ele fala, arrogantemente.

— Queria pedir desculpas... — tento justificar-me.

Gabriel tira a camisa e, de costas para mim, vira só até seus olhos encontrarem os meus. E seu olhar brilha perigo.

— Dispensando suas desculpas.

Mal ouço o que ele fala, estou concentrada em seu corpo e na tatuagem que nunca vi antes. Fico com água na boca ao imaginar-me acariciando cada polegada daquele corpo com a minha língua, a maldita que umedece os lábios enquanto ele vira-se para mim com parte de sua calça aberta. Cenas de sexo suado invadem minha cabeça e...

— Micaylah!

Encontro seus olhos brilhando de diversão e seu sorriso de canto, debochado... e perfeito... e...

— Já falei que não transo com as minhas assistentes. — Gabriel caminha em direção ao banheiro, e, na raiva que sinto por suas palavras, arremesso o livro que estava em minhas mãos. *Ótimo, a Micaylah suicida está de volta.*

Em um piscar de olhos, encontro-me presa entre a parede e Gabriel com seu olhar obscuro e assustador.

— Estou a um passo de acabar com você, mulher! Maldita ideia de trazê-la para perto de mim. Eu deveria estar louco no momento em que fiz isso.

Rio mais de medo do que de raiva.

— Solte-me! — tento gritar sem muito sucesso. — Sai de perto de mim, Gabriel! — tento empurrá-lo sem sucesso e começo a socar seu peito. — Eu te odeio! Você me trata como se eu fosse um lixo, me humilha na frente das pessoas, ignora minha presença... EU TE ODEIO, GABRIEL SAINTS!

Sua boca encontra a minha e guerreamos em um beijo frenético. Meus olhos voam do meu rosto e minhas mãos percorrem seu corpo perfeito. Gabriel esfrega-se em mim e eu gemo ao sentir sua ereção. Ele tira meu roupão e rasga minha camisola sem nenhum esforço, enquanto eu tento,

desajeitadamente, empurrar sua calça e cueca para baixo. Esbarro no interruptor e o quarto cai na escuridão, fazendo-nos cair na realidade. Não me importo, eu o quero. Quero muito. Quero-o mais do que deveria. Então, Gabriel solta-me e afasta-se.

— Saia do meu quarto, Micaylah. E nunca mais entre aqui sem ser convidada – sua voz é baixa, mas cortante o suficiente para me humilhar ainda mais.

Sinto meus olhos arderem e saio correndo para o quarto. Quando a certeza de que ele realmente me odeia fica clara, uma descoberta cai sobre mim como uma bigorna de mil quilos: o meu ódio por Gabriel sempre foi amor. Sou completamente apaixonada por Gabriel *Porrangelo* Saints desde que eu tinha dezesseis anos.

Capítulo 13

Gabriel

— Porra! – caminho de um lado para outro, sem saber o que fazer.

Eu não posso sair atrás de Micaylah, não depois desse beijo. Não depois de descobrir que ela é a mulher que beijei na boate. O beijo, eu jamais esqueci o beijo. Era impossível não reconhecê-la, até porque nunca pude esquecê-la.

— *Inferni cazzo!* [\[4\]](#)

Fecho os olhos e, ao respirar profundamente, sinto o perfume de Micaylah. No momento em que nossas bocas se juntaram e a tive entre meus braços, pareceu tão... certo. Mesmo sabendo que deveria me afastar, continuei ali, grato por saber que ela estava sob meu teto todo esse tempo. Mas, porra! É Micaylah! A Micaylah detestável. A Micaylah que se veste com roupas de homem e óculos de algum defunto dos anos cinquenta. A Micaylah que provoca-me as sensações mais diabólicas possíveis. Eu não posso aceitar, então expulsei-a. *Dio santo!* A vida é uma cadela irônica. Com tantas mulheres no mundo, eu tinha que me interessar logo por Micaylah? E desde quando o diabo daquela mulher é bonita?

Eu não vou ficar aqui debatendo se vou ou não atrás dela, não posso aceitar que a mulher que vem dominando minhas lembranças seja Micaylah Arigliato. Não posso e nem quero! Alcanço o telefone e disco para El, assim que ele atende, anuncio:

— Avisem Nikolov que os Saints o visitarão essa noite. Estarei pronto em sete minutos.

Desligo e vou para o banheiro tomar um banho. Rapidamente, lavo-me e vou ao closet para me vestir. Pronto, com uma roupa informal e bloqueando qualquer pensamento sobre ela ou o que aconteceu, desço para encontrar Raze, El e Gregory na sala de estar da minha casa, conversando animadamente.

— Clube do livro? – pergunto debochado.

Eles se voltam para mim.

— Discutindo algumas coisas – Raze responde. — Vamos. Quero me divertir, pois essa semana foi infernal. Micaylah não irá conosco?

— Não sei de Micaylah – respondo e saio em direção à porta da frente. Não quero pensar nela e

nem em ninguém. Estou saindo para me divertir, beber e transar.

Em frente à casa, a comitiva está pronta para nos escoltar. Isso é uma merda! Às vezes sinto necessidade de me ver liberto disso tudo. Paro diante da SUV designada a mim e decido.

— Não. Eu quero meu carro.

Rapidamente, Gregory reorganiza a segurança com alguns homens saindo antes que nós. Entro em meu carro acompanhado por Raze e El e saímos para o tráfego. Sinto a tensão aliviar conforme rodamos. Ligo o som e a música *Sucker of Pain*, do Imagine Dragons, soa nos fazendo sorrir. Essa é uma das canções de que mais gostamos. Em tempos de músicas ruins, é refrescante quando encontramos algo verdadeiramente incrível! Cantamos como adolescentes a caminho da festa da fraternidade...

“Estou na luta com meus parceiros. Não importa, você não me conhece. Estou na parada com os parceiros, somos os mais irados. Estou dirigindo pela cidade com a galera. Acabamos de postar ‘ficando loucos’, viver assim é incrível! Espere e dê um passo atrás quando chegamos, pois eu sei...”

Somos leais, somos família, você pode confiar em nós. Não vamos hesitar em atingir sua cabeça como concussão. Eu trabalho duro, não há discussões em minha família. Sem hesitar, à distância vejo meu inimigo. Tipo, e aí? Sem problemas, vamos recarregar. Sim, recarrego, sei o que está rolando. Eu torturo você, pegue minha mão entre as chamas. Eu torturo você, sou um escravo dos seus jogos. Eu sou apenas um masoquista, mas quero te acorrentar, te amarrar...”

— O que houve entre você e Micah? – Elemiah pergunta, estragando o prazer da música.

Faço uma careta.

— Por que acha que aconteceu algo? – falo.

— Porque você está respondendo com outra pergunta – encaro Raze pelo retrovisor e ele continua: — Sabemos que logo depois que você ligou para El, Micaylah saiu.

Sinto um peso no peito cada vez que o nome dessa mulher é citado. Desde quando sinto remorso por ter insultado ou expulsado alguém? Ela não tinha que entrar em meu quarto sem permissão. Eu não deveria ter pressionado seu corpo contra o meu.

— Aposto cem mil que discutiram e ela ganhou a briga – Elemiah fala rindo. — O cara está a ponto de arrancar o volante.

Ignoro as risadas dos bastardos. Não nessa vida que admitirei que Micaylah e eu estivemos ao ponto de foder como dois loucos.

— Deixando toda a brincadeira de lado, Micaylah não pode andar por aí sozinha quando bem entender. É perigoso. Não sabemos por que os irlandeses nos atacaram...

Elemiah atravessa Raze:

— Nem quem é o alvo: se ela ou nós.

A raiva que se acumula em mim transborda.

— Por que não cuida dela, Raze. De todos nós, você é o mais interessado – falo entre os dentes.

— Ficarei satisfeito em ter Micah em minha casa. Assim, pelo menos, não teremos que verificar a cada manhã se ela ainda está inteira – Raze retruca.

Encaramo-nos novamente pelo retrovisor. Eu nunca detestei ninguém como detesto Raziel agora. Sorte dele que eu esteja dirigindo, senão, a essa altura, ele já estaria com os dois olhos roxos.

Figlio di puttana!

Assim que estaciono em frente ao clube, os seguranças se colocam a postos para a nossa saída do carro e entrada no local. Seguimos diretamente para a ala VIP no segundo piso. O lugar estava fervendo para uma noite de sexta-feira, geralmente é cheio assim aos sábados. Circulando pela ala, cumprimentamos jogadores excessivamente eufóricos, atrizes seminuas, modelos bêbadas. Elemiah abre os braços:

— Estou no paraíso.

Reviro os olhos e um dos garçons entrega-me uma bebida. Raze e eu ríamos do nosso primo, que estava sentindo-se um sultão. Nikolov junta-se a nós e belas mulheres se aproximam. Uma loira escultural se senta em meu colo e fala:

— Era meu sonho sentar no colo do senhor Gabriel Saints.

Faço-a se sentar escanchada em mim, seguro seu rabo de cavalo com força, fazendo-a inclinar a cabeça, e falo em seu ouvido:

— O meu é comer uma loira gostosa.

Uma nova música ressoa, fazendo a mulher em meu colo rebolar. Deslizo a alça do vestido da loira até seu seio ficar à mostra e ela geme quando belisco seu mamilo. Levo minha mão por baixo de seu vestido e, pelo canto do olho, vejo a troca de olhares entre Raze e El. Olho para onde ambos estão fixados e vejo uma mulher dançar no meio da pista, tendo sobre si todos os olhares de tesão. Seu vestido curto era tão justo que a cada remexida de seu quadril, dava a impressão de que ele subia mais.

A batida eletrônica seguida pela voz de Skylar Grey toma conta do lugar e a bela figura feminina logo abaixo de nós entrega-se com fervor.

“Eles me chamam de ameaça. Dizem que sou amaldiçoada. Mas algo em mim os faz ter inveja. Então escute e aprenda, eu os arrebanho como gado porque estou rodeada de covardes. E eu não dou a mínima quando entro na batalha e é por isso que eu tenho todo o poder...”

A letra da música é perfeita para ela, é como se estivesse encenando para os súditos. Seus cabelos longos grudam em seu rosto por estar suada e isso a deixa ainda mais sexy. Ela está divertindo-se consigo mesma, dançando para si e não para chamar a atenção.

“Estou onde você queria estar. Não há ninguém à minha frente, pois todos os meus inimigos tomaram a decisão de que é melhor seguir-me. Não peço desculpas a ninguém. Todos os meus pecados, eu os repetiria e os repito. Porque eu serei eu mesma até a minha morte...”

Hipnotizado por sua dança, acompanho cada movimento até que ela levanta seu rosto. Nossos olhos se encontram e ela sorri enquanto desliza pelo corpo de um desconhecido.

Recitando cada palavra para mim, ela segue esfregando-se no infeliz e sorrindo para mim.

“A única razão para eu estar aqui é para causar estrago. Todos rezam para que eu mude, yeah! Talvez um dia. Mas amanhã vou continuar do mesmo jeito, porque maus hábitos nunca morrem! Nós vivemos rapidamente, mas morremos lentamente. Bata de frente comigo e você morrerá lentamente...”

Micaylah...

Fechos os olhos para tentar voltar à realidade, pois isso só pode ser culpa, por tê-la tratado mal.

Quando os abro, raiva e frustração me corroem. Tranco os dentes em uma tentativa de manter o controle que se esvai rapidamente. Ver as mãos de outro cara sobre ela mexe com o monstro dentro de mim.

Ela é minha!

Quando dei por mim, eu já estava descendo as escadas, andando em direção a ela. As pessoas abriam caminho para mim sem ao menos precisar pedir-lhes licença. Eu sou a porra de um Saints! Eu não peço nada! E estou a caminho de tomar o que é meu! A coragem do cara que a segurava foi embora tão logo se deu conta de quem eu sou e de que ela me pertence. Ele levanta suas mãos e dá um passo para trás.

Micaylah ainda dança de olhos fechados e eu a circulo, apreciando seu show. Ela abre os olhos e o ódio que vejo faz-me estremecer, mas não recuar.

“E se o amor existe de verdade, talvez eu seja apenas muito ruim para lembrar como ele é bom. Meu coração é petrificado. A única razão para eu estar aqui, é para causar estrago. Todos rezam para que eu mude, yeah! Talvez um dia. Mas amanhã vou continuar do mesmo jeito, porque maus hábitos nunca morrem! Nós vivemos rapidamente, mas morreremos lentamente. Bata de frente comigo e você morrerá lentamente.”

A cada passo que eu dou para frente, ela dá um para trás, desafiando-me com seu olhar altivo. Micaylah tropeça e dou um passo maior, para ampará-la. Ela se desvencilha e empurra-me. Uma calmaria instala-se dentro de mim e o gelo corre por minhas veias. Arqueio minha sobancelha, sorrio de canto e dou um passo à frente. Os olhos dela se arregalam e deleito-me com o seu nervoso.

— Gabriel – irritado, viro e encaro Elemiah. Ele aproxima-se e fala em meu ouvido: —
Atacaram o carro de Brandon.

Ele ganha toda a minha atenção.

— Merda! E Martina? – pergunto apreensivo.

— Ela estava segura no apartamento.

Antes de sair correndo, viro-me para Micaylah e aceno. Saímos correndo e entramos nos carros que já estavam nos esperando na frente do clube.

— O que aconteceu?

Fico tentado a me virar para ver Micaylah, mas continuo concentrado no que Gregory está falando pelos autos falantes autôfalantes do carro:

— Eles estão na mansão Saints, casa de seus pais, que é o lugar mais seguro no momento.

— Como concluíram que foi um ataque? – pergunto.

— O tenente Hernandez enviou-me um relatório há poucos minutos – Greg responde.

Seguimos em um silêncio pesado até chegarmos à casa dos meus pais. Esses ataques estão fora de controle, e o que mais me ira é termos toda a tecnologia a nosso favor e nem mesmo assim descobrirmos o que está acontecendo. Não pode ser uma guerra entre “famílias”, estamos em constante monitoração e nenhuma atividade suspeita foi detectada. Também monitoramos possíveis inimigos que fizemos ao longo dos anos e nada veio à luz.

Salto do carro assim que paramos e entro na casa, à procura de Martina e Brandon. Encontro o casal sentado na sala de televisão, abraçados. Cena tocante. Micaylah passa por mim e corre para

abraçá-los. Brand se afasta das meninas e nos acompanha até o escritório de meu pai. Ele nos conta que estava na esquina de seu escritório e que foi cercado por dois veículos que atiraram em seus pneus.

O carro capotou e, em um golpe de sorte, ele foi arremessado para fora. Brandon relata que de longe pôde ver homens encapuzados se aproximarem do carro e procurar os ocupantes.

Repassamos o relatório da polícia e chegamos à conclusão de que poderia ser alguém que ele colocou na cadeia. Mas alguma coisa me diz que há algo maior para acontecer e que, se não desvendarmos de uma vez, morreremos.

O dia já estava amanhecendo quando voltamos para o complexo. Minha casa é o único lugar onde posso desfrutar de paz sem ter um exército ao meu redor. Subo as escadas, já tirando a camisa, morto de cansado e com a cabeça cheia. Minha vida nunca foi tranquila, mas esses incidentes quase que constantes têm tirado minha tranquilidade.

— Senhor Saints?

Congelo ao ouvir a voz melodiosa de Micaylah. Eu realmente deveria ignorá-la, minha razão grita para fechar a porta do meu quarto e me ver livre desse diabo de mulher. Ao me virar, deparo-me com aquele vestido branco, curto e justo moldando cada curva dela. A mulher é um espetáculo! Seus cabelos longos e meio ondulados caem por seus ombros, a deixando ainda mais bonita.

— Creio que já não há mais motivos para manter minha armadura perante vossa alteza, visto que já percebeu quem sou.

— Micaylah – falo em tom de advertência.

Ela aproxima-se de mim, com ar de deboche.

— Qual é o seu problema, senhor Saints? Vai me colocar para fora novamente? – seu telefone toca e ela atende. — Oi, Raze – ela ouve e sorri: — Claro! Vou adorar ficar em sua casa. Será bom ter alguém para conversar no café da manhã. Sinto-me muito solitária aqui. Já estou...

Tiro seu telefone de sua mão e o jogo na parede, estilhaçando-o. Meu controle, que estava por um fio, esgotou.

— Você não vai a lugar algum – falo entre os dentes.

— Impeça-me se for capaz.

Micaylah vai em direção à porta e em dois passos a alcanço. Fecho a porta e empurro Micah contra ela.

— Você não vai a lugar nenhum!

— Eu vou aonde bem entender, Gabriel – ela abre um sorriso diabólico. — Está arrependido por ter me dispensado?

— Micaylah... – ela provoca o monstro que trabalho arduamente para disfarçar.

— Eu não sou sua propriedade e nem uma de suas vagabundas, Gabriel. Eu vou me mudar para a casa de seu primo e quem sabe não acabemos ficando juntos.

Rio com escárnio.

— Não é uma das minhas vagabundas, mas deseja que eu a foda como uma. Invadiu meu quarto para tran...

— Canalha! — Micaylah fala entre os dentes e levanta a mão para me bater:

Seguro sua mão e a pressiono contra a porta.

— Cretina!

Nossos olhos fixos um no outro, enquanto sua mão livre segurava meu braço com força.

— Eu quero odiá-lo... – sua voz é suave, contradizendo a força que ambos exercemos para não devorar o outro.

— Eu não quero desejá-la tanto... – respondo no mesmo tom.

— Você deseja a mulher da boate, e não eu. – posso sentir sua fragilidade e isso aperta minha garganta. Geralmente eu me alimento da fraqueza dos outros. Mas ela é... diferente.

— Desejo a porra da mulher que não perde a oportunidade de me insultar, a que se veste como um homem, a que é a minha insuportável assistente perfeita. Desejei a mulher da boate porque ela é você!

Eu não sei de onde surgiu isso, mas não me arrependo de ter dito cada uma dessas palavras.

— Maldito seja, Porrangelo Saints! – ela amaldiçoa. — Foda-me, agora!

Sorrio.

— Com todo prazer.

Choco minha boca contra a dela em um beijo efusivo. Seguro seus cabelos e faço uma trilha úmida, descendo por seu pescoço. Conforme desço a língua pelo seu corpo, trago seu justo vestido comigo, deixando sua pele exposta para a minha louca luxúria. Dá-me água na boca ao ver seus fartos seios expostos e seguro-os juntos, gemendo como um moleque, quase gozando nas calças. Levo meu tempo chupando, mordendo e acariciando com a língua cada mamilo seu. Os sons que Micaylah emite faz meu pau protestar por ainda estar impedido de participar da cena desenrolando entre nós. A mulher é cheia de curvas, um parque de diversões para qualquer homem deleitar-se pelo resto de seus dias. Desço minha boca por sua barriga e acaricio seus quadris. Já abaixando diante dela, tiro sua pequena calcinha de renda branca e aspiro entre suas pernas. É o paraíso.

Mordo suas coxas, marcando-as, e em seguida passo a língua, fazendo a mulher perante mim gemer como uma gata no cio. Olhando para cima, contemplo uma das mais belas visões, Micaylah com os olhos fechados e boca meio aberta, ofegante. Seus longos cabelos caindo pelo ombro e cobrindo parte de seu peito, que sobe e desce em ritmo acelerado. Acaricio suas pernas e peço:

— Abra-se para mim, *princesa*.

Assim que ela afasta suas pernas, passo a língua em sua entrada molhada. Ela geme e meu pau dolorido exige estar onde a língua paira neste momento. Levanto-me e a beijo enquanto a puxo para a cama. Levo minhas mãos para abrir a calça, mas ela me para.

— Deixa que eu faça isso.

Ousada, ela desce pelo meu corpo lambendo e chupando sem vergonha nenhuma. A mulher é uma feiticeira! Seus olhos encontram os meus, e neles posso ver admiração, desejo e... loucura. Ela tira minha calça e umedece os lábios assim que percebe que estou sem roupa íntima, segura meu pau e passa a língua pela cabeça, fazendo-me trancar os dentes e quase abrir mão do meu autocontrole.

— Quando eu tinha dezesseis anos, assisti você subjugar uma garota, ordenando-lhe que chupasse seu pau. Aquilo me fez ter nojo de você, acreditei que estava abusando dela. — suas palavras chamam minha atenção. Ela continua a falar, olhando sua mão subindo e descendo pelo meu membro: — Aos dezessete, entendi o que acontecia. Os sons que ela fazia eram de puro contentamento. E aos dezoito...

Ela para de falar, mas eu insisto.

— Aos dezoito?...

Seus olhos encontram os meus e um arrepio percorre minha espinha quando ela diz:

— Aos dezoito, eu desejava estar no lugar dela — sem me dar a chance de assimilar suas palavras, Micaylah toma-me em sua boca, fazendo com que o fio do meu autocontrole se rompesse.

— Puta que pariu! — falo entre os dentes enquanto a desgraçada ri com a boca em torno do meu pau. Seguro seus cabelos e dito o ritmo que eu gosto. — Masturbe-me mais forte, gostosa. Sim... isso... mais força. Oh, inferno!

Retiro-me de sua boca e traço seu lábio inferior com o meu polegar.

— Você irá se submeter a mim como todas as outras vagabundas. Entendeu, Micaylah? — ela assente. Enfio um dedo em sua boca. — Agora vou foder essa sua boca inteligente, te dar uma amostra do que farei com sua boceta.

Ela geme enquanto puxo seus cabelos com força. Obediente, Micaylah abre a boca e eu enfio até tocar sua garganta, provocando seu reflexo. Assim, suas glândulas produzem mais saliva, que lubrifica meu pau, e sua garganta convulsiona, acariciando-o. Retiro-me para que respire e volto a preencher sua boca. Ela sabe exatamente o que fazer e sua total falta de pudores a transforma em uma mestra do boquete.

— Porra! Ah... assim... Caralho, mulher!

Antes que eu goze em sua boca, faço-a se levantar e a jogo sobre a cama. Sem perda de tempo, fico de joelhos entre suas pernas e a penetro com dois dedos.

— Ah... — ela grita de tesão. — Mais, Gabriel. Por favor...

Com o polegar e o indicador, abro a sua boceta rosada e chupo seu clitóris. Corro minha língua por toda a sua abertura penetrando-a em seguida. Suas pernas apertam minha cabeça e ela puxa meu cabelo, usando-o como arreio para cavalgar em minha boca. Ao sentir sua boceta se contrair, ergo-me e a penetro com o meu pau. Micaylah grita com o prazer da invasão e a intensidade do orgasmo.

Deleito-me chupando seus mamilos enquanto a fodo. Tento não ser um animal descontrolado, mas Micaylah testa meus limites até mesmo no sexo.

— Você nunca me poupou de sua maldita escuridão e não quero que comece hoje — ela me puxa pelos cabelos até que sua boca encontra a minha e a desgraçada morde meu lábio inferior, rasgando minha pele e fazendo-me sangrar.

Ela acabou de abrir a jaula do monstro que trabalho arduamente para controlar. Viro-a de quatro e a penetro brutalmente, fazendo seus cabelos como arreio. Bato em sua bunda deliciosa e, segurando seus cabelos mais firmemente, trago-a para mim. Quando suas costas encontram meu peito, a mão que estava em seus cabelos vai para o seu pescoço e falo em seu ouvido:

— Você é uma cadela má, Micaylah Arigliato — mordo seu ombro até sentir seu sangue em

minha língua. Ela grita de dor e tesão. — Você é louca.

— Sim! – belisco seu mamilo. — SIM!

— Gosta de sentir dor enquanto é fodida. Como você é vadia, senhorita Arigliato.

— Vo-você adora isso! – suas palavras saem entrecortadas, mas altas o suficiente para qualquer um que esteja no corredor a ouça.

— A cada maldito minuto que passo dentro de você, eu fico mais obcecado – trago seu queixo até sua boca encontrar com a minha.

Beijo-a como nunca beijei outra mulher. Entrego-me como nunca pensei que fosse possível. Isso assusta o inferno fora de mim, mas o prazer é tão grandioso, que nubla o meu racional. Forço seu torso em direção ao colchão, fazendo sua bunda empinar. Seguro-a pelo quadril e estoco mais forte. Coloco um dedo em sua boca e ordeno que o lubrifique. Quando acho que está bom, tiro de sua boca e o enfio em sua bunda. Ela grita com outro orgasmo a sufocando, contraindo-se em meu dedo e no meu pau ao mesmo tempo, fazendo-me gozar uivando como um louco.

Ainda dentro dela, deito-me de lado, trazendo-a comigo, perfeitamente encaixados, é assustador. Como no inferno posso me sentir assim com Micaylah, a quem eu tanto desprezava? Não sei! Olho-a corada e ofegante em meus braços, surpreendendo-me com a satisfação que se aloja em mim. Acaricio seu cabelo e toco com cuidado a ferida que abri em seu ombro.

— Eu a marquei.

— Você me machucou! Isso dói muito – ela fala como uma menina emburrada.

— Você queria dor, eu te dei dor.

— Agora começou a dar o que quero? – ela bufa.

O clima é leve, sei que está tentando manter sua postura de indignada. Eu gosto disso. Elevo-me sobre ela, que me olha com carinho, apesar de não sorrir.

— Admita! – digo.

— Não!

— Micaylah – dou uma advertência oral sem muita convicção. — Admita.

— Que droga, Gabriel! Eu não acredito que gostei de transar com você. Meu Deus, acho que nunca fui bem comida assim. Isso me irrita, porque é você! E não quero gostar de você. Você é mau, sem educação, um idiota controlador e fode como um deus.

Caio na risada como há muito não fazia.

— Eu sou um deus do sexo?

Ela geme e fecha os olhos.

— O que fui dizer, *Dio mio*?

Escovo meus lábios nos seus.

— Você é uma deusa, Micah. Uma feiticeira que me hipnotizou com seus encantos, apesar de ter seus momentos de vadia sem noção – encaro-a em silêncio por meros segundos e contemplo uma das mulheres mais bonitas que já vi. — Beije-me, Micaylah.

Sua voz é apenas um sussurro:

— Sim, senhor Saints.

Já recuperado, deito sobre ela para um novo *round*, quando o meu celular toca. Ela assente que eu atenda, pois sabe e entende as minhas obrigações. Alcanço o aparelho e o atendo:

— Gabriel falando.
— Bom dia, meu filho. Estou ligando, pois o espero na missa daqui a pouco. Depois venha almoçar conosco, compartilhar de uma refeição em família.
— Tudo bem, *mamma*.
— Se caso não apareça, eu o buscarei pela orelha, Gabriel Archangelo Saints! Beijos, querido. Ela desliga e eu saio de cima de Micaylah, que ri.
— Vamos à missa – ela fala, já se levantando.
— Quero transar – resmungo de mau humor.
Ela junta sua roupa e, antes de sair, fala:
— Eu sou sua assistente, senhor Saints – seu olhar malicioso não passa despercebido. — Tempo é o que mais teremos.

Capítulo 14

Gabriel

Após uma missa de cinquenta e cinco minutos, um sermão sobre fornicação e pecar cada vez que olhava para Micaylah, lembrando-me da nossa transa, fomos para a casa dos meus pais para um domingo em família. Com o ataque de Brandon esquecido por um dia, desfrutamos de um tempo calmo. A certa altura do dia, quando eu estava sozinho à beira da piscina, Micaylah aproxima-se e fala:

— Há alguns dias eu queria desculpar-me pelo que falei no dia em que meu tio ligou – ambos olhávamos além da piscina. — Gabriel, eu amo sua família, eles são minha família também. Mas eu não suporto a minha descendência, detesto meu tio, odiei ter que testemunhar tantas vidas se perdendo por causa da violência da máfia – sua voz se torna apenas um sussurro. — Eu perdi as pessoas que mais amava no mundo! Entre mim e você sempre houve essa implicância tácita e... Ainda sem nos olharmos, pergunto:

— Por que você não gosta de mim?

Ela ri.

— Conte isso mais cedo, quando estava ajoelhada à sua frente, com seu pau na minha boca. Abro um largo sorriso e viro-me de frente para ela.

— Boa lembrança. Eu lembro que você sempre foi mais cheinha quando era mais nova, era muito bonita. Algum tempo depois, quando voltei para a cidade, você já usava essas roupas horríveis. Por que isso, Micaylah? Você é linda!

— Cheinha sou hoje, naquele tempo eu era muito gorda. Mas minha autoestima era superelevada. Diferente de hoje. Não sou magra, tenho estrias e celulites, um quadril de égua parideira e peitos que chocariam uma atriz de filme pornô dos anos noventa. Mas obrigada pelo elogio. Enfrentei muita desconfiança quando comecei na Worldwide e resolvi preservar-me. Aproximo-me de seu ouvido:

— Eu acho que você é perfeita, com quadril de égua parideira e peitos de atriz pornô.

— Idiota – ela fala sorrindo. — Voltando ao que interessa, gostaria de pedir desculpas por ofender aos Saints.

— E ofender a mim, não?

Micaylah fica séria.

— Não. Para mim, você ainda é um ditador que abusa do poder que tem, um idiota que acha que manda na vida de todos. – estreito meu olhar em sua direção. Ela continua a falar, sem acovardar-se: — Continuo achando que é um bruto que me trata mal. Um bruto que fode bem, mas ainda é ruim. Eu não posso lidar com o fato de alguém que não tem a consciência pesada por vender armas a governantes que têm seus egos maiores que os seus paus, para exterminar seu próprio povo.

— Cuidado com o que fala, Micaylah – advirto-a. — Eu poderia fazer um esforço para entender esse seu asco por quem somos. Mas seu inflamado discurso hipócrita matou isso. Estou começando a acreditar que você tem um sério problema psicológico. Acorda, Micaylah. Você fodeu comigo, no meio da transa libertou essa fera masoquista que tem aí dentro e faz de tudo para matá-la. Você é a porra de uma princesinha da máfia, uma cadela sem alma, apesar de posar de boa. Você sou eu, de saias. Somos hipócritas, sujos, jogamos com a vida das pessoas e passamos por cima de todos.

Ela respira fundo e olha para a piscina novamente.

— Como falei, continua sendo um idiota.

Bastou uma palmadinha em suas costas e ela foi parar dentro da piscina. Quando emerge, falo irritado:

— É para você esfriar a cabeça.

— EU TE ODEIO! ODEIO!

— Não, não odeia. Você tem tesão em mim e adorou ter meu pau enterrado em de você. Seu problema é essa carapuça de hipocrisia cristã, pregar um bom coração que não possui. Ambos sabemos disso.

— Dio Santo, Micah! O que houve? Gabriel, tire-a da piscina, ela congelará – minha mãe fala desesperada.

Viro as costas e vou em direção ao interior da casa. Antes de sair, digo:

— É bom ela começar a medir as palavras. Micaylah não é uma Saints e eu não tenho obrigação nenhuma de zelar por sua vida.

— Gabriel Archangelo Saints! Eu não lhe criei para ser um monstro frio assim.

— Criou-me para ser o Chefe dos chefes, ser um monstro frio é só parte do pacote, mãe.

Permiti-me acreditar por algumas horas que as coisas poderiam ser diferentes, mais leves. Ledo engano. Parto para a minha casa, deixando-a para trás. Não quero molhar meu carro. Micaylah chegou em casa no começo da noite. Trancou-se em seu quarto e manteve-se lá. Pensei em cada palavra dita por ela e cansei de ouvir o mesmo sermão de não querer ser quem é. Infelizmente, a principessa della máfia terá que se acostumar com seu sangue e com seu destino.

Tarde da noite, sem conseguir dormir, porque meu pau estava duro, levanto e vou até seu quarto. Testo para ver se a porta está trancada, mas tenho a grata surpresa de encontrá-la aberta. Entro e sou brindado com a visão dela deitada com uma camisola fina e banhada pela luz da lua que

infiltra o quarto. Deito-me ao seu lado e acaricio sua coxa exposta. Ela remexe-se, mas continua de olhos fechados.

Baixo a taça de sua camisola e sugo seu mamilo.

— Gabriel.... – ela geme. — Sim...

Assumo seu gemido como consentimento e levo minha mão até sua abertura sob o tecido da calcinha. Ela está molhada e quase pronta para mim.

— Tira a mão de mim, seu bastardo doente! – Micaylah tenta se mexer, mas eu a impeço de sair do lugar.

— Acalme-se.

— Me acalmar? Está brincando comigo? Você me empurrou na piscina de água congelante e me deixou lá para morrer de hipotermia. Cada dia que passa, tenho mais raiva de você – ela cospe cada palavra.

Sorrio e mordo o lóbulo de sua orelha.

— Você pode me odiar o quanto quiser, isso não me impede de fodê-la. Talvez até deixe tudo mais interessante – vejo seus mamilos ficarem rijos e, satisfeito, termino meu discurso: —

Vamos fazer o seguinte, eu vou enfiar o meu dedo em sua boceta, se ela estiver molhada, transaremos. Caso esteja seca, eu abandono sua cama e dou minha palavra de que nunca mais a procuro.

Ela começa a protestar, mas minha mão já estava em sua calcinha e dois dedos a penetraram, fazendo-a engasgar.

— Como pensei, está encharcada para mim.

— Eu não vou transar com você – ela fala entre os dentes. Belisco seu clitóris e ela geme alto. — Eu te odeio, Gabriel. Agora foda-me de uma vez!

— Você não tem comparecido a evento nenhum, Gabe. E sabemos o quanto isso é necessário. Então, tomei a liberdade de aceitar o convite do evento de gala, em seu nome.

— Não – respondo.

— Gabriel, por favor. O fato de você estar ausente da mídia tem chamado a atenção e isso não é legal – Micaylah explica.

— Prefiro ficar em casa.

Ela vira minha cadeira para ficar cara a cara comigo.

— Eu sei. E eu também prefiro você em casa, me fodendo, mas, você tem obrigações, senhor Saints.

Micaylah e eu estamos transando há mais de quatro semanas. Nossa rotina é perfeita. Eu a tenho ao meu dispor, aqui e em casa, e ela é sempre solícita em atender os caprichos de seu chefe.

Continuamos a discutir na maior parte do tempo, se ela não fosse uma assistente impecável, já a teria demitido há muito tempo. Ninguém percebeu que se passa algo entre nós, até porque Micaylah não facilita, continua sendo insubordinada, tempestuosa e exasperante.

Depois de cada round de discussão, transamos como dois lunáticos. Andamos constantemente marcados sob nossas roupas. Ela gosta de dor na hora do sexo, o que a faz ainda mais ousada.

Micaylah não tem pudores, nem tabus, nem vergonha, no que se trata de sexo. Ela é desprovida de limites na cama, o que a torna um perigo. Se quer dor, ela provocará o monstro que sou até que eu dê a ela o que deseja.

Apesar de nos darmos bem na cama, sua frieza e distância não diminuem. Qualquer outra mulher no mundo se incomodaria em ter seu amigo de foda saindo sozinho ou comparecendo a eventos com acompanhantes que visam o sexo. Mas não Micaylah. Ela não se importa, às vezes acho que faz questão que eu saia com outras pessoas. Sou abençoado, não?

— Irei, mas com uma condição.

Ela sorri.

— Qual?

— Que você me espere nua no sofá – algo cruza seus olhos, mas não identifiquei o que era.

— Infelizmente, não poderei prometer nada, não sei a que horas chegarei. Mas estar nua para você não será um problema, assim que chegar.

Se ela não se importa que eu saia com outras, o problema é dela, mas eu não divido! Irritado, aceno e volto para o trabalho. Talvez eu tenha dado crédito demais a essa transa.

— Você está proibida de sair – a comunico-a sem me dar ao trabalho de olhá-la.

— Você não é meu dono para proibir ou deixar de proibir algo, querido. Ainda decido o que fazer com a minha vida, mas prometo transar com você assim que chegar – não preciso olhá-la para saber que está sendo sarcástica.

— Estou cansando desse jogo de bate-bocas, Micaylah. Não ouse sair com outra pessoa que não seja eu, ou me encarregarei de que se arrependa – encerro o assunto ao sair para uma reunião, a deixando para trás, irritada.

Mais tarde, pronto para o evento beneficente, encontro minha acompanhante da noite, que está deslumbrante. Elemiah e Raziel também estão indo, afinal, isso não é algo que só eu tenha que fazer. El nos arranjou belas acompanhantes, todas fazem parte de um seleto casting de modelos de uma marca famosa de lingerie. Tudo isso não passa de teatro, eu não queria estar aqui e tenho certeza que os meus primos também não.

Caminhamos entre os convidados, cumprimos conhecidos e deixei a minha acompanhante agarrar-se a mim para posar para as fotos. Elas são divertidas, mas se fosse Micaylah, seria infinitamente melhor.

— Nunca o vi tão distraído, cara. O que se passa? – Raze pergunta-me.

Balanço a cabeça e bebo meu uísque.

— Não é nada. Só não estou no clima para festas – respondo, dando de ombros.

— Conhecemos ela?

— Ela quem? – faço-me de desentendido.

— A mulher que castrou Gabriel Saints! – abro a boca para responder sua afirmação absurda, mas ele continua sem dar-me a chance de resposta. — Você está com uma belíssima ruiva em seus braços, ela não para de esfregar-se em sua virilha e até agora sua pessoa olha para tudo e para o nada, menos para o decote da mulher. Ou está gravemente doente ou caiu de amores.

Penso por um momento em Micaylah e na nossa estranha relação. Nós nos detestamos fora da cama e, apesar dela ser uma excelente profissional, a garota não perde a oportunidade de manter

a boca aberta. Até pouco tempo atrás, irritava-me sua postura desafiadora. Mas com o passar do tempo e com o convívio, descobri-me estranhamente fascinado por sua insubordinação. Sorrio ao me lembrar da última vez que discutimos. Ela estava perto demais e eu irado demais. Micah respondeu-me atravessado e eu a joguei sobre a minha mesa, levantei sua saia e enterrei-me nela. A mulher é obscena, tão pervertida quanto eu.

Não estamos amarrados em uma relação enfadonha, apenas nos curtimos. Não há cobranças e nem sentimentos fortes para que haja rancor. Somos dois adultos satisfazendo as loucuras um do outro. Micaylah é inteligente e sagaz, sabe exatamente o que quer e como quer. E isso excita o inferno fora de mim. Ela é forte e destemida, livre de qualquer preconceito e gostosa pra caralho! Volto minha atenção para Raziel.

— Estou indo embora.

Ele bate em meu ombro, sorrindo.

— Vá se divertir. Deixe que nos encarregamos aqui.

Envio uma mensagem para Gregory preparar-se para irmos embora. Assim que consigo desvencilhar-me de alguns convidados que insistiam em cumprimentar-me, encontro minha equipe já pronta para partir. Durante todo trajeto até o complexo, penso na mulher nua em sua cama, esperando-me. Ajeito-me no banco para dar alívio ao meu pau duro, na expectativa do que me aguarda.

Entro na casa que está mergulhada na escuridão e subo as escadas, já tirando a roupa. Vou até o quarto de Micah, para encontrá-lo vazio. Caminho até a minha suíte para vê-la tão vazia quanto o quarto dela. Saio pela casa procurando por ela, mas não a encontro. Por fim, sirvo-me de uma dose da bebida mais forte que tenho, para queimar minha ira.

Abro minha camisa e calça, que sufocam-me, e jogo-me na poltrona no canto da sala. Em meio ao breu, amaldiçoo aquela cadela por ter me desobedecido. Micaylah é frustrante! Por que caralho aquela cadela não faz o que quero pelo menos uma vez? Será difícil para ela entender que não pode foder por aí enquanto está comigo? Será que ela está com Colin? Não, ela não seria louca. Eu a mataria, e ela sabe disso.

Quase uma garrafa de conhaque depois, ouço a porta abrir e Micaylah entrar. Mesmo no escuro, eu a observo tirar os sapatos e colocar sua bolsa sobre o sofá, e quando está indo para a cozinha, levanto-me o mais discretamente possível e a acompanho. Ela levanta sua mão para abrir a geladeira, mas a surpreendo, abafando seu grito com a minha mão. Pressiono-a entre mim e geladeira, seu perfume invade minhas narinas, excitando-me ainda mais. Arrasto seu cabelo de lado e falo em seu ouvido:

— Você me desobedeceu, principessa. E agora terei que puni-la.

Sinto seu corpo estremecer. A mulher é sexo ambulante! Abro sua calça e levo minha mão até sua abertura, que, claro, já estava encharcada. Pressiono seu clitóris e suas pernas fraquejam.

Penetro-a com dois dedos enquanto Micaylah escora sua cabeça em meu ombro e geme na minha mão, que ainda fecha sua boca. Quando sua boceta começa a contrair em meus dedos, paro o movimento.

— Você deixou alguém tocar no que é meu, Micaylah? – ela demora a responder e belisco seu clitóris, fazendo-a gritar. Pergunto, irritado: — Alguém tocou em você, Micaylah?

Ela nega, mas ainda quero torturá-la.

— Você deixou algum bastardo se esfregar nos meus seios? Deixou que fodessem a minha boceta? Permitiu que esfregassem o pau na minha bunda, Micayah? Você é minha! Todo seu corpo me pertence, seus gemidos, seus orgasmos, a sua loucura. Tudo meu, entendeu?

Minha mão desce de sua boca para a garganta, pressionando levemente.

— S-sim... por favor...

— Por favor o quê?

— Me coma agora – sua voz sai entrecortada por causa do tesão. — Gabe... por favor...

Esfrego meus dedos mais uma vez e os retiro justamente quando ela está às portas de gozar.

Afasto-me dela, deixando seu corpo trêmulo escorado na geladeira. Saio da cozinha sem olhar para trás, sei que logo se recuperará e virá descontar sua frustração. Eu esperarei ansiosamente.

Capítulo 15

Micayah

— *DESGRAÇADO! – respire, Micayah... respire... faça o que fizer, não junte e nem cruze as pernas...*

Ele deixou-me quase tendo uma convulsão sexual e saiu. SAIU! Isso não se faz com uma mulher. Fecho os olhos e penso em tio Ândrio de sunga vermelha, aquele dia ele estava horrível! Inspira... expira... Penso no pobre cachorrinho que foi atropelado em frente ao clube, mas que, ainda bem, socorreram em tempo. Inspira... expira... Amanhã tenho que lembrar El sobre a nova sucursal no Oriente.

Mais tarde, com a libido quase controlada, saio à procura de Gabriel. Vejo suas roupas sobre a sua cama, mas ele não se encontra em seu quarto. Procuro-o na cozinha, piscina, sala, escritório e nada. Frustrada, abro a porta que dá para o jardim e ouço de longe a música *Sucker of Pain*, do Imagine Dragons. Caminho em direção à batida pesada e deparo-me com uma academia escandalosamente grande ao lado da piscina.

Entro no miniginásio e vejo Gabriel socar um saco de areia. Suas mãos estão enroladas com faixas brancas, sua bermuda baixa deixa aquele “v” do caminho da perdição à mostra. Meu desejo volta com força total...

“Faço pela família, isso, cara, chego no objetivo, isso aí, cara. Amor e lealdade, nós lutamos por isso. Alienado pela sociedade, essa pressão me dá ansiedade, andamos devagar pelo fogo. Tipo, quem vai nos enfrentar? Sentindo o mundo se virar contra nós, o colocamos em nossos ombros. Eu torturo você, pegue minha mão entre as chamas. Quero torturar você, mas sou um escravo dos seus jogos. Eu sou apenas um masoquista, mas quero te acorrentar, quero te amarrar...”

Seus cabelos pingando suor, que escorre pelo seu peito nu até desaparecer naquele caminho do pecado. Engulo em seco quando ele chuta o saco de areia, que bate na parede com força. Santo Deus! Seus golpes são certos, seus chutes são precisos e seu jogo de pernas é como uma dança

sincronizada. Lembranças das nossas noites de sexo cegam-me e permito que meus pensamentos viajem no mar de imagens eróticas. Gabriel curvando-me sobre sua mesa e penetrando-me... colocando-me sobre si para que eu o cavalgasse... ele puxando meus cabelos e mordendo meu ombro... marcando-me e lambendo suas marcas em mim.

Volto a olhá-lo com desejo e caminho até o *dock station*, trocando a música. Eu não sei o que me deu, só sei que o quero aqui e agora. Escolho *Dangerous Woman*, da Ariana Grande, que fala da mulher perigosa. Caminho até Gabriel, que olha-me com luxúria. Tiro a blusa e em seguida a minha calça, ficando apenas de calcinha e sutiã.

“Não preciso de autorização. Tomei a decisão de testar meus limites, pois só diz respeito a mim, Deus é minha testemunha. Terminar o que comecei sem hesitar. Tomando o controle deste tipo de situação, estou pronta e segura, completamente focada e minha mente está aberta...”

Logo que tiro minha roupa íntima, desato as faixas de suas mãos, entregando-lhes. Em silêncio, estendo meus braços com os punhos cruzados para que ele me ate. Seu olhar escurece e faz-me temê-lo na mesma proporção. Ainda assim, é isso o que quero, brincar com o perigo.

“Algo em você faz-me sentir uma mulher perigosa. Algo em você leva-me a fazer coisas que eu não deveria. Nada a provar, pois sou à prova de balas e sei o que estou fazendo. O jeito como nos movemos, como estamos sendo introduzidos a algo novo. Eu quero provar, salvar para mais tarde o sabor. Pois eu sou pegadora. Eu sou uma doadora, é minha natureza. Eu vivo pelo perigo...”

Gabriel amarra meus braços no alto, onde estava o saco de areia, e desliza suas mãos pelo meu corpo. Eu estou completamente entregue a ele, completamente e inegavelmente apaixonada por esse homem perigoso. Sua boca encontra a minha e ele beija-me com brutalidade. E que Deus me perdoe, eu amo isso.

“Tudo o que você faz, pele na pele... Ah, meu Deus! Não pare, garoto! Algo em você faz-me sentir uma mulher perigosa. Algo em você leva-me a fazer coisas que eu não deveria. Todas as garotas querem ser assim, meninas más. Você sabe como estou me sentindo por dentro... algo em você faz-me sentir uma mulher perigosa...”

Sua boca percorre meu corpo, parando nos seios para torturar meus mamilos enquanto sua mão faz coisas indizíveis entre minhas pernas. Ele abaixa-se e levanta minha perna, colocando-a em seu ombro. Sua língua encontra meu nervo sensível, fazendo-me gemer.

— Gabriel...

Ele levanta e beija-me para que eu sinta o meu gosto. Vai até a parede oposta, solta a corrente, desatando-me, mas não desamarra os pulsos. Ele caminha ao meu redor e para atrás de mim. Bate em uma nádega e depois na outra, até que a ardência espalha-se. Gabriel aperta minha bunda, puxa meu cabelo e fala:

— Você é perigosamente louca, Micaylah. – ele leva-me até uma mesa flexora e curva-me, deixando minha bunda no ar. — Eu queria prolongar nossa diversão, *princesa*. Mas estou quase gozando em minhas calças. Será rápido, mas prometo que gozará forte.

Mal termina de falar e entra em mim sem pudor.

— Sim! Oh... mais, Gabe... dê-me mais...

Ele me atende prontamente, puxando meus pulsos amarrados, fazendo meu corpo arquear de um modo pouco natural. Meus músculos queimam, suas estocadas são fortes e a soma de tudo é um orgasmo devastador. Ele segura-me mais forte, penetrando mais fundo e, sem demorar, vira-me e goza em meus seios, respigando em minha boca. Sorrio com a bagunça e passo a língua pelos lábios. Gabriel abaixa-se e beija-me para sentir seu próprio gosto em minha boca. Nunca mais serei a mesma depois desse homem, ele me matou para o mundo. Ninguém mais ocupa o lugar onde Gabriel Archangelo Saints já esteve.

Essas transas com Gabe são intensas a ponto de deixar-me sonolenta. Não me lembro de muita coisa antes de adormecer, apenas dele deitando-me na cama e sussurrando:

— *Sogni d'oro, mia dea.*

Ao acordar, apalpo o colchão à procura do homem que me fez satisfeita, mas não o encontro, e a decepção inunda-me novamente. No começo eu não me incomodava com isso, até gostava dessa distância. Mas com o passar do tempo, tem me deixado triste, assim como não ter me convidado para acompanhá-lo no evento.

Temos passado um bom tempo juntos, ele trata-me com muito carinho quando não estamos discutindo. E mesmo nossas discussões são boas, mas nos levam a fazer coisas más... sim, eu amo as coisas más que ele faz. Só que achei que, em algum momento, Gabriel se abria para gostar de mim como gosto dele. Achei que isso o que temos fosse mais... Sei que ele não sai com mais ninguém, que não transa mais por aí. E isso levou-me a acreditar que estávamos rumo a um relacionamento.

Desisto de ficar remoendo minha decepção e levanto para aproveitar o dia. Um estojo azul sobre a mesinha chama minha atenção, e sob ele há um bilhete com a caligrafia de Gabriel.

“Espero que goste do presente. Combinam com os seus olhos.

Fomos convocados para uma reunião de emergência da cúpula.

Gabe.”

Abro a caixa de veludo para encontrar uma pulseira de brilhantes de uma conhecida joalheria que mantém o estoque de Gabriel abastecido. Meu coração aperta e meus olhos ardem pelo amargor da decepção. Ele tem um pequeno acervo de presentes caros para satisfazer suas amigas de foda. Ouvi-o dizer que esses presentinhos são para as mulheres acreditarem que são importantes, mas elas não passam de objetos sexuais que ele quer manter satisfeitos.

Largo tanto a pulseira quanto a minha tristeza de lado e vou para um banho demorado. Após vestir-me, desço para o café e um aperto no peito corta-me a ponto de faltar-me ar. Um pressentimento de que algo ruim acontecerá forma um nó em minha garganta. Alcanço o celular na bolsa e envio mensagens a Raze, Elemiah, Martina e Brand, preciso saber que todos estão bem. Enquanto me sirvo, eles respondem que está tudo em paz. *Grazie a Dio!* Devem estar se perguntando por que eu não entrei em contato com Gabriel, para saber de seu bem-estar. A infelicidade de estar apaixonada e ter uma ligação íntima com o ser, é sentir na pele o que se passa com ele, até mesmo estando a milhas de distância.

Bem, vou trabalhar. Afinal, não sou uma Saints dona da porra toda!

* * *

— Todos somos filhos de Deus! Não cabe a mim ou a você julgar a vida do outro, esse direito pertence ao Altíssimo. Nossa obrigação é amar uns aos outros. Em Mateus, capítulo cinco, Jesus disse: “a quem te esbofetear a face direita, oferece-lhe também a outra.” Ele não dizia para sermos passivos, apenas para não levarmos tudo a ferro e fogo, procurando vingança por tudo que nos acontece de ruim, pois sabemos que nossos sofrimentos provêm de nossas escolhas... O sacerdote está inspirado hoje com esse papo de esbofetear. Passo os olhos por toda a igreja e encontro aquele olhar que há oito semanas me faz suspirar. Gabriel pisca e presenteia-me com um sorriso de canto. Deus! Como é lindo. Por falar em presente, hoje é aniversário de Gabriel, ele completa trinta e três anos. Tia Gio organizou um grande almoço para comemorar os anos de seu rebento.

As últimas semanas têm sido conturbadas para mim. É complicado mostrar indiferença quando realmente gostamos de alguém. Gabriel tem saído mais com Raze e El, já não sei se só eu frequento sua cama, mas apesar disso, quando ele encosta um dedo em mim, já tem-me nua em seus braços. Eu sei, deveria me valorizar mais. Mas respondam-me: como pensar em valores tendo um loiro de mais de um metro e oitenta e cinco, olhos obscuramente azuis, corpo esculpido pelos deuses, um pau grande e um sorriso diabólico prometendo um inferno de sexo? Pois é, foi o que pensei. Não tem como!

Eu tento ser difícil, para ter-me onde quer sempre há uma luta. Finjo ser indiferente a ele, faço-me de cega para tudo ao redor. Mas não é fácil! O preço é alto demais quando temos um coração envolvido. Gabriel sabe como tratar uma mulher na cama, sabe o que fazer, como fazer e as trata com cuidado. Tem toda aquela pegada dura, estocada forte e palavras doces como *princesa* ou *deusa*...

Ai... ai...

— Caros irmãos, não deixeis que seus pensamentos vaguem pelos lugares maus. A luxúria não deve fazer parte dos pensamentos de um homem bem-aventurado, assim como a ira não deve descer aos vossos corações.

MISERICÓRDIA!

Baixo a cabeça, aperto meu rosário na mão e começo minha autopenitencia. *Perdão, Senhor. Eu não deveria permitir tais pensamentos dentro de Sua casa. Mas como evitar a imagem daquele homem? A culpa é Sua, Altíssimo! Para que tanta beleza e pa... ostentosos atributos a um homem só, com tantos desprovidos de tudo isso? Perdão novamente. Mas é complicado.* O resto da missa foi uma tortura para mim. Foco na reza depois de entregar meus pensamentos nas mãos do Deus Todo-Poderoso e rezo, rezo muito. Por fim, rezei tanto que nem me lembro do sermão do fervoroso sacerdote.

Já na mansão Saints, com toda a família da tríade reunida, conversamos e rimos como o grande clã que somos. Caminho entre as pessoas que tanto amo com muita alegria. Eu não tenho dúvidas de que pertenço aqui. Não tenho dúvidas de que pertenço a ele. Gabriel olha-me de longe e acena para que o siga. Disfarçadamente, caminho pela casa até sentir alguém puxar-me. Meu sorriso não vacila, aliás, não me lembro de ter sorrido tanto assim há muito tempo. É que tenho uma

pontinha de esperança que ele olhe para mim como sua futura esposa.

— Parabéns, senhor Saints – sussurro antes beijar-lhe os lábios.

— Quero desfrutar do meu presente mais uma vez – ele fala em meu pescoço. — Não pude aproveitar muito essa manhã.

— Nós enrolamos mais de duas horas.

Ele afasta-se.

— Quero lhe dar um presente, Micah. – ele retira de seu bolso um pequeno estojo preto e meu coração pula horrores dentro do peito.

Meus olhos ardem de emoção.

— Oh, Ga... – minhas palavras são cortadas ao ver o que há dentro da caixinha.

— Encomendei esse par de brincos para combinar com a sua pulseira, *dea*.

Deusa o cacete! Um par de brincos? Sério? Eu aqui toda em lágrimas, achando que ia ser pedida em casamento, e o bastardo me dá brincos? Estamos juntos há malditos dois meses... DOIS MESES fodendo como uma ninfomaníaca apaixonada pelo lobo mau mafioso, para no fim descobrir que não será a dona lobo mau.

Engulo minha decepção e sorrio. Permito que ele coloque os brincos em mim e beije meu pescoço. Gabriel mal teve tempo de dar um passo para o lado quando Martina entra e nos chama:

— Hoje não é dia de trabalho. Vamos até a sala, mamãe está chamando Gabriel, pois tem um presente.

Sinceramente? Quero que esse presente exploda em sua cara, literalmente. Seguimos para a grande sala onde todos estavam reunidos e procuro o canto mais afastado que encontro. Retiro os brincos e os deixo sobre o aparador. Sinto-me uma rebelde, ousada por desafiar o Chefe dos Saints. Mas minha rebeldia dura até tio Ítalo tomar o centro da sala nesse minuto.

— Todos sabem que Gabriel já tinha escolhido sua futura esposa, e como já se esperava, hoje, aos trinta e três anos, ele nos apresentará a mulher que será a futura senhora Saints.

Abro a boca e fecho, mas nada sai. Se ele apresentaria sua noiva hoje, então aquela encenação comigo, minutos atrás, foi apenas um agradecimento por ser sua foda eventual? Nossos olhos se encontram no exato momento em que tia Giovanna joga a bomba:

— Eu me adiantei e a convidei para reunir-se conosco – ela estende a mão para alguém que eu não tinha visto antes. — Essa é Valentina Accorsi.

Gabriel ainda não se deu ao trabalho de olhar para sua futura esposa, ele está encarando-me, esperando minha reação. Eu mesma espero minha reação. É uma mistura de dor pela perda, raiva pela traição e revolta por deixar-me criar ilusões. Levanto meu queixo para falar em alto e bom som:

— Felicidades, senhor Saints.

Todos explodem em aplausos e eu assisto à tensão na mandíbula dele. Sua mãe o chama, quebrando nossa luta. Eu deveria sair daqui, mas a masoquista que mora em mim quer assistir ao meu coração ser esmagado. Ele se vira para a recatada moça, que baixa o olhar em sinal de submissão. Eu bufo e todos olham para mim.

— O quê? – Martina sinaliza que para que eu fique quieta, mas a Micaylah suicida está a fim de brincar com fogo. — Não sei se sinto pena dela, pois sua submissão não a levará a nada, a não

ser a uma vida de fingimento. Terá que fingir que não vê nada do que seu marido, o todo poderoso Porrangelo Saints, faz – viro meu olhar de mulher amarga para a pobre coitada. — Meus pêames, senhorita Accorsi.

Elemiah e Raziel caem na risada e todos voltam-se para a loucura de ambos. Assim que percebem que Gabriel não matou ninguém, todos riem e brincam com o novo “apelidinho” do chefe. Tia Giovanna olha-me com curiosidade, mas balança a cabeça em decepção, e isso faz com que me arrependa de ter aberto a boca.

— Peço desculpas... – volto-me para a moça que está vermelha como um tomate. — Gabriel e eu convivemos muito anos juntos, Valentina. É comum esses cabos de guerra. Mas me policiarei daqui em diante.

— I-imagina, senhorita Arigliato – reviro os olhos para o gaguejar da mulher. Porra! Valentina é mais velha que eu, para que tanto recato? Gabriel está a um passo de sacar sua arma e atirar em mim. — Entendo que são p-primos e...

— Não somos parentes! – Gabriel e eu dissemos ao mesmo tempo. Tia Gio e agora todos os tios da sala olham-me com curiosidade.

Cadê os buracos negros mesmo?

— Estou indo – falo apontando para fora e saio em seguida. Embrenho-me naquele jardim, que mais parece uma floresta, e caminho cada vez mais para o isolamento. Olho para o céu e percebo que há dias não ficava tão limpo como está agora. E apesar do sol que aparece, o frio ainda é intenso. Sinto alguém se aproximar e não me dou ao trabalho de virar, sei quem é. — Não deveria estar colocando um anel em sua futura esposa?

— Não. Hoje não é o meu noivado – sua voz grave retumba dentro de mim.

Fecho os olhos e respiro fundo.

— O que quer aqui, Gabriel?

— Encontrei isso no aparador de fotos – ele coloca-se de frente para mim e abre sua mão com o maldito par de brincos.

— Está livre para dar à sua noiva. Oh, espere. Como você disse algum tempo atrás para os seus primos? – finjo pensar. — Ah, sim, esses presentinhos de brilhantes são para as mulheres acreditam que são importantes, e a sua esposa será adornada com joias opulentas.

Vejo sua mandíbula tensionar e seus lábios se tornam apenas uma linha fina. Por fim, ele baixa a cabeça e segura a ponta do nariz entre o indicador e o polegar.

— Micaylah, eu não sabia que a minha mãe a traria hoje. Merda! Eu nem lembrava mais que era obrigado a anunciar o casamento – ele se aproxima e acaricia meu rosto. — Teremos muito tempo até que eu me case, dea. Podemos...

Uma gargalhada horripilante sai da minha garganta e dou um passo para trás, a fim de distanciar-me dele.

— Tempo para ser ora sua amante, ora seu saco de pancadas? – tento controlar minhas lágrimas.

— Não, Gabriel. Agradeço sua oferta, mas não sou a segunda de ninguém, muito menos sua. Saio desesperada daquele labirinto de árvores e, assim que encontro a saída, assisto de longe Martina e Brandon abraçados, provavelmente fazendo juras de amor. Eles são perfeitos juntos, sempre foram, e eu os invejo nesse instante. O pressentimento que vem me perseguindo aperta

meu peito com força enquanto assisto à cena à minha frente.

Deus proteja-os!

— Micaylah – Gabriel me chama mais alto do que deveria, fazendo o casal olhar em minha direção e me ver chorando. Tina dá um passo em minha direção e eu saio correndo até encontrar Nico saindo do carro e seguro sua mão.

— Por favor, tire-me daqui.

Acredito que ele se compadece do meu sofrimento. Abre a porta para que eu entre e rapidamente liga o carro e tira-nos da casa dos Saints. Peço para deixar-me próximo ao meu apartamento, e quando abriu a porta do carro para mim, entregou-me um cartão de crédito e disse-me para usá-lo, pois ninguém me encontraria até que eu quisesse ser encontrada. Assim que o carro vira a esquina, aceno para um táxi e peço para que leve-me para um hotel não muito longe dali. Preciso acostumar-me com ideia de que não sou correspondida, que entreguei meu coração a alguém que é capaz de amar somente a si mesmo.

Capítulo 16

Micaylah

Sou acordada por uma tremenda dor de estômago e corro para vomitar no banheiro. Será que pode piorar? Sento-me ao lado vaso sanitário e choro. Nunca chorei tanto em minha vida! Não pensei que o casamento de Gabriel me abalaria tanto. Eu esperava que fosse eu, mas sou uma mulher preparada para o não. Outra onda de náusea me domina e curvo-me, colocando para fora o nada que havia em meu estômago.

Após um banho, sinto-me não tão ruim. Atravesso o quarto e abro a cortina para ver os primeiros raios do amanhecer do segundo dia do meu enclausuramento. Estou fechada nesse hotel desde domingo e os Saints não foram capazes de me achar, pois usei o nome que está no cartão que Nico me entregou. Olho para o relógio sobre a escrivaninha marcando cinco e três da manhã. Estou aqui há mais de doze horas e dormi pelo menos sete. Alcanço meu celular, que estava desligado, e o ligo para enviar uma mensagem a Martina para falar que estou bem. Notificações de mensagens e ligações pipocam na tela e vou ignorando conforme meu interesse.

Um número estranho aparece em minha tela, chamando a minha atenção, e algo me diz que devo atender. Então ouço a voz familiar do meu tio.

— Como está minha sobrinha adorada? – meu sangue gela e um calafrio percorre meu corpo, deixando-me alerta. — Eu tive muita paciência com você até agora, caríssima. Tentei dizer-lhe que vir para a Itália não era um convite, e sim uma ordem. Mas infelizmente você não me ouviu – ele suspira como se estivesse cansado. — Tive que tomar algumas providências drásticas para que você, sua menina mimada, entenda que estou falando sério.

Nesse momento, a voz de Martina soa desesperada:

— Micah, e-eles me trouxeram para cá... onde está, Micah? Por favor... me deixa falar com ela!

– Martina grita para alguém, em seguida ouço um fraco estalo e um gemido dela. Minhas pernas

fraquejam e escoro-me na parede.

— NÃO A MACHUQUE! Por favor, não a machuque – falo entre lágrimas.

— Eu não quero machucá-la, mas isso depende de você. A vida de sua amiga depende de você, Micaylah. Venha para casa, piccola.

A ansiedade pode levar o homem à ruína. Por pior que seja o quadro, sempre há um tempo para respirar antes de anunciar sua decisão – palavras do meu pai. Ao lembrá-las, uma calma gélida corre por minhas veias e assino o decreto da minha morte.

— Estou indo para casa.

— Sabia que você não me decepcionaria. Há olhos meus por todos os lugares, cuidado. Não envolva mais ninguém nisso, querida sobrinha. Não quero matar sua amiga. Há um carro em frente ao hotel, à sua espera, ele a levará direto para a pista de decolagem.

— Preciso trocar de roupa e pegar meu passaporte – falo, tentando ganhar tempo. Se eu conseguir deixar um bilhete para alguém...

— Não há necessidade – ele corta-me.

— Será muito suspeito se Martina e eu desaparecermos sem levar nada. Logo verão que algo aconteceu – digo, mostrando-me exasperada.

— Certo. Alguém a acompanhará aonde precisar ir. Titio está ansioso para vê-la, querida. Não demore.

Desligo e encaro a cidade diante de mim por alguns minutos. Minhas pernas estão pesadas e sinto um grande peso sobre as minhas costas. Não tenho tempo para me lamentar, tenho que correr contra o tempo para salvar Tina daquele louco. O que Orazzio quer desesperadamente a ponto de sequestrar um membro importante de um dos clãs mais letais do mundo?

Conheço a dinâmica da máfia, ele não faria algo assim por nada. Algo grande está para acontecer e a chave sou eu. Mas o que eu tenho que possa levar meu tio a fazer algo realmente estúpido assim? Se eu acionar os Saints agora, talvez não tenha a chance de descobrir o que está por trás de tudo isso. Algo dentro de mim diz que assinei minha sentença de morte. Pode até ser, mas morrerei tentando salvar minha melhor amiga, que é minha irmã, poupando o sofrimento da família que tanto amo e o sofrimento daquele que detém meu coração.

Determinada, termino de me vestir, e um minuto depois batem à minha porta. Abro-a, deparando-me com um ser mal-encarado, provavelmente um dos pau-mandados de Orazzio. Pego minha bolsa e aceno para o homem, que dá quase dois de mim. Saindo do elevador, caminho para a recepção para fazer o check-out. Mas o brutamontes segura-me pelo cotovelo e outro homem vem em nossa direção.

— Está tudo certo. Vamos.

Saímos do hotel e entro no carro que estava à nossa espera. Mantenho-me em silêncio, com os pensamentos voando a mil por hora para chegar a alguma solução. Meu raciocínio é interrompido quando eles param o carro em frente ao prédio em que moro com Tina. Assim que descemos, outro estranho esperava na porta do condomínio.

— Há alguém aí? – o que me acompanha desde o hotel pergunta.

— O noivo acabou de voltar sozinho. Não podem demorar, sempre há alguém vigiando.

O que segura meu braço assente e seguimos para o meu apartamento. Será que o noivo é

Brandon? Será que o matarão? Um nó de desespero forma-se em minha garganta.

— Por favor, não o machuque – peço.

— Não tenho intenção nenhuma de fazer isso, álainn. Mas lembre-se de que depende de você.

Entra e sai sem dizer nada. Entendeu? – seu tom é de ameaça, mas há algo nesse homem que é diferente dos outros. Ele é mais... educado. Paramos em frente à porta e ele fala: — Ficarei aqui no corredor. Seja rápida, senhorita.

Assim que entro, esbarro em Brand, e seu semblante corta meu coração. Olhos preocupados e vermelhos, ele está pálido e muito abatido.

— Micah! – ele abraça-me forte. — Onde está Martina?

Ele procura atrás de mim. Lembro-me de que a vida dela está em minhas mãos e tento ser o mais convincente possível.

— Eu não sei de Martina. Por quê?

Desvencilho-me dele e vou para o meu antigo quarto.

— Você desapareceu e no mesmo dia Martina também some. O que está acontecendo, Micaylah? Alcanço uma pequena mala no armário e jogo algumas peças de roupa para livrar-me do olhar de Brand.

— Eu não sei de Martina, Brandon.

Ele puxa-me pelo braço e fala entre os dentes.

— Sabe. Vocês sempre sabem uma da outra. O que houve para vocês desaparecerem? – ele me sacode. — DIGA-ME, MICAYLAH!

Meu desespero torna-se pânico e uso todas as artimanhas que minha descendência gentilmente me designou.

— Eu desapareci porque fui chutada por um Saints. Gabriel me comeu por dois meses, Brandon, e ontem me presenteou minutos antes de anunciar sua noiva. Ele me seguiu até o jardim para dizer que teríamos bastante tempo para sermos amantes. – rio amargamente. — Já pensou que Martina pode fazer o mesmo com você? Ela é a porra de uma Saints!

Ele vacila e dá um passo para trás como se eu tivesse lhe batido no rosto. Envergonhada, desvio meu olhar do dele e fecho minha mala. Pego meu passaporte na gaveta e caminho em direção à sala.

— Gabriel está miserável desde o seu desaparecimento no domingo – bufo desacreditada. — Depois a irmã dele simplesmente evaporou do mapa junto com seus seguranças. Ninguém sabe o que houve com ela, Micah.

Sua voz se quebra nas últimas palavras.

— Eu realmente não sei dela, Brandon. E no que se trata do senhor Saints e sua família... – faço uma careta. — Não quero nada com eles. Para Gabriel, eu não passo de uma boceta fácil que estava sob seu teto.

— Tina pode estar correndo risco de vida – Ah, se você soubesse, Brand.

— Eu não tenho nada a ver com isso – falo sem emoção.

O telefone dele toca e o ouço:

— Ela está aqui, sim. Não, Martina não está com ela.

Brandon coloca-se entre mim e a porta aberta. Com ódio fervendo em seus olhos, ele grita:

— Ela é o caralho da sua melhor amiga! A família dela te acolheu como se fosse deles e por causa de um incidente com o seu amante, você está jogando tudo isso no ar? Eu esperava mais de você, Micaylah – tento passar por ele, mas Brand não permite. — Gabriel estará aqui em menos de cinco minutos e você se entenderá com ele.

— NÃO! – Dio! Vão matar Gabriel e eu não poderei fazer nada. Não! Não! Não! Antes que eu pudesse fazer mais alguma coisa, o estranho bate com a arma na cabeça de Brandon, que cai desacordado. — Não! Brand, Brand... acorda... sinto muito, Brandon... – braços me cercam e um pano é colocado em meu nariz com um cheiro adocicado. Meus sentidos me abandonam lentamente. Antes de fechar os olhos, tento sem sucesso dizer: — Sinto muito...

* * *

Abro os olhos e sinto uma dor de cabeça lancinante. Náuseas me fazem sentir tontura e tento levantar-me para correr ao banheiro, mas encontro-me atada. Puxo as restrições desesperadamente, mas nada acontece. Começo a xingar e gritar, até que o brutamente educado aparece na porta.

— Eu vou vomitar, por favor, solte-me.

Ele sai do pequeno quarto e volta com um balde de gelo.

— Foi a única coisa que encontrei – ele aproxima-se, ajudando-me a levantar a cabeça. Uma nova onda de náuseas me acomete e o pouco que está em meu estômago volta. — Era só o que faltava, ter que ser babá de uma doente.

— Solte-me e se livrará da doente – digo. — Preciso ir ao banheiro, de qualquer modo.

— Não posso soltá-la, avisaram-me de que você não é exatamente fácil.

— Vai me deixar molhar a cama por causa de um aviso imbecil? – pergunto sem emoção. Não há necessidade de lutar agora.

O homem desamarra-me e fala a seguir:

— Estamos a uma hora da Itália, seu destino final. Peço que não banque a esperta, pois não tenho problemas em lhe matar – bufo em consternação. — Estou aqui por causa de uma dívida que o meu irmão contraiu com a máfia. Ele já está morto, mas minha família, não. E é a eles que protejo aceitando essa missão, já que o seu namorado e seus homens exterminaram todos os contratados.

Ele aponta o banheiro e deixa-me sozinha ali. Sento-me no vaso sanitário e penso em tudo o que ouvi, começando por álainn, que, somando ao seu sotaque, diz-me que são irlandeses. Então... arregalo os olhos e meu estômago contrai novamente com a minha descoberta. Esse tempo todo, eles não estavam atrás dos Saints, e sim de mim! Meu Deus... por quê? Enquanto lavo-me, minha cabeça dá voltas e voltas, não chegando a conclusão nenhuma, só aumentando o peso da minha culpa.

Sou mantida enclausurada naquele quarto, sentindo fome depois de dias sem comer direito.

Tenho que planejar até mesmo as palavras que sairão da minha boca em frente, ao Orazio.

Tenho que pensar como Gabriel responderia a isso. Sem sentimentos como ele é, só posso imaginar que invadiria a casa do meu tio e explodiria tudo como o Rambo. Pego-me rindo dos meus loucos pensamentos. Logo o soluço toma o lugar do riso e choro copiosamente.

Por que fui me apaixonar por você, Gabriel? Por que não por Elemiah ou Raze? Não poderia. Nenhum deles exala o poder de Gabriel. Nenhum deles foi capaz de mexer comigo, assim como Gabriel faz. Mais um soluço irrompe pela minha garganta, rasgando-a com a minha dor. Com os olhos fechados, sinto aquele cheiro adocicado novamente. Mas quando dei por mim, já estava em um campo brilhante, saltitante com um coelho. Coelho?

Sacodem meus ombros e resmungo para que saiam. Aos poucos, minha consciência retorna e abro os olhos rapidamente. Descubro estar deitada no sofá da sala dos meus tios, em Nápoles. Apesar da dor de cabeça, levanto e tento ajeitar-me da melhor maneira possível. Passo os olhos pela casa onde nasci e vivi parte da minha vida. A tristeza aperta meu peito ao lembrar-me dos meus pais dançando pela sala, rindo como dois adolescentes. Eles eram felizes. Nós éramos felizes. E nesse momento dou-me conta de tudo o que já perdi e fico mais resoluta de que não quero mais perder ninguém.

Orazio dá um passo em minha direção com os braços abertos. O inferno que vai me abraçar! Levanto meu queixo e estendo minha mão.

— Como vai, Orazio?

Ele para abruptamente e faz uma careta.

— Eu sou seu tio, deve-me respeito, menina.

— Respeito é uma coisa que se conquista, não se toma a força, como é o caso aqui. Já tem a mim onde quer, pode enviar Martina para sua família.

Ele ri alto.

— As coisas não funcionam assim. Não vai cumprimentar sua tia e seu primo? Ambos estavam ansiosos pela sua chegada.

Orazio dá um passo para o lado e meu coração dói ao ver a imagem da minha tia, que outrora era linda e vivaz, e que agora é somente o rascunho daquela mulher que um dia foi. Vou em sua direção e a abraço.

— Como vai, tia Pietra?

— Com saudades suas, querida – visivelmente emocionada, ela acaricia meu rosto. — Você se tornou uma bela mulher, como sua mãe. Lembra-se de Erico?

Um bonito menino de óculos dá um passo para frente com a mão estendida. Meus olhos ardem com a lembrança de Lucca. Olho para a minha tia, que compartilha a mesma emoção.

— O-olá, Erico. Posso dar-lhe um abraço?

— Sim, senhorita.

— Me chame por Micah, ok? – ele assente e eu o enlaço enquanto luto bravamente para conter as lágrimas. Erico é a cara de Lucca, exceto pelos óculos. Ele é a minha família também, é o único laço de sangue que tenho no mundo já que nego-me a aceitar que tenho o mesmo sangue que Orazio.

Recomponho-me e volto a olhar para o homem à minha frente.

— Vamos aos negócios ou ficaremos aqui matando as saudades? – pergunto sarcasticamente.

Seu sorriso vacila ante a minha audácia, mas logo recupera-se.

— Você é ousadamente confiante para uma mulher.

— Mas não o suficiente para uma Arigliato. – um dos conselhos de meu pai vem à minha cabeça:

“Não deixe que o adversário enxergue uma fraqueza em você, blinde-se! Se estiver com medo, finja coragem.”

— Pietra, acomode Micaylah na ala da família. Depois que descansar, querida sobrinha, desça e junte-se a nós para jantar.

Sento-me no sofá como se a casa fosse minha.

— Acredito que deveríamos negociar agora, Orazio. Martina tem um avião para embarcar em breve.

Meu tio fica furioso com a minha atitude.

— Quem você pensa que é, piccola cagna ? Sabe o que acontece com quem desafia a autoridade de um chefe?

Meu corpo treme incessantemente, meu coração parece que vai explodir e posso desmaiar a qualquer momento. Reúno todas as minhas forças e mantenho a fachada fria.

— Eu sou Micaylah Victoria Arigliato, Orazio. Sei exatamente o que acontece com quem desafia a autoridade de um chefe. Agora me diga: lembra-se do lugar que ocupo nessa sujeira? Sou la principessa della famiglia. Então não me venha ensinar o que é autoridade.

— Acha que tomará meu lugar, cadela? – ele zomba. — Isso é lugar para homens, não para meninas que mal conseguem segurar os caras com quem fodem! – Sinto meu rosto gelar e o bastardo sorri. — Achava que eu não sabia que o Saints estava te fodendo? Para melhorar ainda mais, um dos meus homens esteve no restaurante dos pais da noiva dele, que comemoravam que a filha foi apresentada à família de seu futuro marido.

— De que você sempre foi um porco, não tinha dúvidas, mas uma matrona fofqueira... é novidade para mim – falo com deboche.

Em dois passos Orazio chega a mim e bate-me no rosto.

— Tenha mais respeito comigo, menina. – ele aponta para alguém. — Leve-a para o quarto e a tranque até amanhã pela manhã. Não sirva nada para essa cadela sem educação.

— Orazio, ela viajou por horas...

— Cale-se, Pietra. Ou quer ser trancada também?

Seu soldado segura-me com brutalidade e arrasta-me para um dos quartos do segundo andar. Sou arremessada para dentro do cômodo, tropeço e acabo batendo a cabeça na quina da mesa, apagando ali mesmo.

Capítulo 17

Gabriel

— Eu não acredito que Micaylah esteja em perigo.

— Mas deveria levar em conta – Raziel insiste. — Não sabemos onde está, ninguém a localiza...

— Isso não significa nada! – falo enquanto examino os relatórios que enviaram da polícia local sobre o desaparecimento da minha irmã. — Micaylah apareceu vinte e quatro horas depois do

desaparecimento de Martina. Se estivesse em perigo, não teria dado as caras.

— Conte-me novamente, Brandon. Talvez Gabriel precise ouvir sua história uma terceira vez para se convencer – Raze continua.

Brand balança a cabeça e geme.

— Pela terceira e última vez. Micaylah esteve no apartamento, arrumou uma pequena mala. Aquela não era a nossa Micah, seu olhar apagado e a tensão de seu corpo dizia que algo estava errado.

— Ela bateu na sua cabeça, idiota! – falo com raiva.

— Não! Ela não bateu. Eu não sei quem foi, mas Micaylah gritou “não” para quem quer que fosse, e antes de apagar totalmente, eu a ouvi dizer, repetidamente, que sentia muito. Micaylah e Martina estão em perigo, Gabriel.

— Perigo corre quem está com Micaylah – resmungo.

Brandon levanta e se aproxima de mim.

— A culpa da Micah estar assim é sua, seu fodido de merda!

— Brandon – o advirto.

— Gabriel, eu o conheço o suficiente para temê-lo, acredite, já vi coisas suas que me aterrorizam até hoje. Você é irmão da mulher que eu amo. O respeito e admiro por tudo o que faz, mas será possível tirar a cabeça do seu rabo e ver o que se passa em torno de nós?

— E vamos ser sinceros... – Raze volta a falar: — Você a teve sob o seu teto e sob seu corpo há dois meses, Gabe. Por que caralho anunciou seu casamento?

Brandon encara-me.

— Sabe o que Micah disse a mim antes de ir? Que Martina é uma Saints e que provavelmente está fazendo comigo o que você fez com ela. Você a humilhou quando pediu para ser sua amante. Olho para ambos à minha frente.

— Como sabem que eu estava com ela?

— Como Micaylah? – pergunta Elemiah, entrando em minha sala.

— Sim – Raze responde.

Elemiah faz uma careta.

— É difícil não ver o clima entre vocês. Passaram uma vida brigando com o ódio nos olhos e de uns tempos para cá brigavam como se quisessem devorar um ao outro. Fora que tinha momentos em que Micah era muito vocal, vamos dizer assim. Oh, Gabe... Mais forte... Dio Santo, Gabriel... Oh... ah... foda-me, ba...

— CHEGA! – ladro. — Voltou com alguma novidade ou estava batendo punheta com os gemidos dos outros?

Elemiah coloca os papéis à minha frente.

— Conseguimos algo novo, enviei uma equipe para buscar o controlador de uma pista particular fora da cidade. Nenhuma das duas deixou o país por transporte legal. Então, pedi a alguns amigos que fizessem uma busca nas pistas clandestinas. – ele aponta para anotações no papel à frente. — Um jatinho chegou no domingo à tarde, com dois passageiros, e decolou quatro horas depois com três. Na terça-feira, aconteceu uma operação parecida, mas quando a aeronave pousou, já havia três pessoas esperando para embarcar. O destino de todos era Milão.

— Milão? – pergunto para mim mesmo.

Meu pai e meus tios chegam para saber das últimas novidades.

— Cecilia convenceu sua mãe a tomar um remédio para descansar. Não tenho muito tempo, sua mãe tem me preocupado.

O rosto cansado e abatido do meu pai faz-me sentir um lixo. Onde eu estava quando minha irmã foi levada? Trabalho dia e noite para que nada assim aconteça com ninguém. Onde errei para que o mal se abatesse logo sobre a minha casa? Sinto uma mão em meu ombro.

— Não, meu filho. Não vá por aí. Você leva esse clã superprotegido, Gabriel. Tenho muito orgulho disso. Não levaram Martina porque você falhou, a levaram porque não têm amor à vida – apenas aceno.

— Digam-nos até onde chegaram para que possamos ajudar – tio Felipe, pai de Raze, fala. Entrego-lhes algumas imagens.

— Este é o carro em que Micaylah estava com o seu segurança e motorista. Esse outro é da equipe de fantasmas que a acompanhava sempre. Ambos foram encontrados queimados com os corpos dentro, exceto o de Martina. Não encontramos nenhuma imagem nas câmeras de segurança da cidade, nada suspeito onde costumava frequentar, nada de ameaças por telefone ou mensagens.

Elemiah continua:

— As últimas informações que tivemos são sobre duas aeronaves de pequeno porte que pousaram e decolaram de uma pista clandestina, com destino a Milão. Estamos esperando que nos tragam o controlador dessa pista.

— Nessa madrugada reuni todos os chefes que podem nos ajudar com suas redes de informações. Pedi-lhes que nos repassassem qualquer detalhe, por mais insignificante que fosse, pois estamos correndo contra o tempo. Se fosse um sequestro comum, por dinheiro, já teriam feito contato. Sabem quem Martina é, sabem a que família pertence, seria burrice levar muito tempo para pedir resgate.

— E sobre Micaylah? – meu pai pergunta.

— Não temos nada a ver com a Micaylah. Ele não é da família – afirmo.

Metade da sala amaldiçoa minhas palavras, mas ninguém as interpõe.

— Acha que a sua mãe irá gostar de saber que Micaylah está em perigo e você se nega a ajudá-la? Por que, Gabriel? O que Micah te fez para guardar tal rancor? – meu pai insiste.

— Micaylah se negou a ser amante de Gabriel. Ele pediu a ela que ocupasse essa nobre vaga em seu mundinho, depois de sugar dois meses da vida da garota – Brandon fala com desgosto.

Antes que alguém possa piscar, estou com o grandalhão preso na parede pelo pescoço. Os outros tentam fazer com que eu o solte, mas quanto mais intercedem, com mais raiva fico. Brandon, por outro lado, apenas dá um sorriso torcido.

— Mate-me, bastardo! – ele solta um riso estrangulado. — V-você posa de fodão, mas não p-passa de um covarde. Se apaixonou por quem odiava há até pouco tempo e não sabe lidar com isso – Brand puxa o ar e volta a falar: — Não... na v-verdade você tem vergonha do fato de não conseguir dominar Micaylah como faz com o resto do mundo.

— Cala a boca, imbecil. Estou a um passo de arrancar sua cabeça com as minhas mãos – falo

entre os dentes.

— Vá em frente! Nada vale a pena sem sua irmã na minha vida – eu o solto como se estivesse pegando fogo. Dou um passo para trás com a força das suas palavras.

Alguém bate na porta e enquanto veem quem é, recomponho-me e me sento de volta em minha cadeira. Gregory entra com um homem desconhecido e senta-o na cadeira de frente para mim.

— Esse é Eliot, o controlador da pista de pouso particular. Segundo ele, aquela pista pertence a contrabandistas – Greg dá um tapa na nuca do homem, que quase desmonta. — Conte o que sabe sobre os aviões dos italianos.

— Já falei tudo o que sabia.

— Caro senhor Eliot, nós não temos muito tempo, como você pode perceber – digo com um tom de voz suave. — Se você nos contar tudo o que viu, lhe daremos uma boa recompensa e sairá daqui vivo para gastar o montante como desejar. Caso você resolva testar minha paciência, coisa que não aconselho, tirarei essas informações à força, arrancando unha por unha, dente por dente e o deixarei em um porão sangrando até a morte. – sorrio. — Qual será sua opção?

— Tu-tudo bem, eu conto. Domingo pela manhã, antes de eu voltar para casa, um homem com sotaque estranho apareceu na cabine em que eu estava e me ofereceu cinco mil dólares para permitir que uma aeronave pousasse no final da tarde, e outra na terça, ambas decolariam poucas horas depois. Como o próximo carregamento só pousaria na quarta de manhã, não achei nada de mais.

— Você viu algum desses passageiros? – Raziell pergunta.

— Na terça-feira vi o casal e mais um homem que os acompanhava. Eles disseram que estavam em lua de mel e o outro era o segurança. Mas os homens eram rudes demais, o que dizia ser o noivo não estava com cara de lua de mel.

— Como era a mulher? – pergunto apreensivo.

— Muito bonita. Acordada devia ser um espetáculo! Ela tinha longos cabelos castanhos, lábios grossos e rosados...

Brandon se aproxima.

— Ela estava com calça escura, blusa vermelha e um lenço...

— Sim, sim. Um dos homens disse que a celebração do casamento foi até aquela hora e só tiveram tempo para trocar de roupa. Ela estava em um profundo sono.

Brandon vira-se para mim com aquele olhar “não falei?”. Ignoro e volto minha atenção para o homem à minha frente.

— Alguma coisa chamou sua atenção? Algo diferente do que é de costume? Sei que toda a situação é estranha, mas houve algo que chamasse sua atenção? – insisto.

— Não... – ele pensa por um momento e volta a falar: — Eu sou muito curioso, sabe? Brinco de controlador aéreo de verdade, converso com controladores do mundo todo. E por um acaso eu soube que o avião que decolou na terça pousou em Nápoles, e não em Milão.

— Orazzio... – falo sem pensar.

Enquanto todos discutem onde Orazzio Arigliato entra nessa história, caminho até a janela e penso em Micaylah. Minha mãe me surpreendeu no domingo, ao trazer Valentina para o almoço de comemoração do meu aniversário. Para ser sincero, não me lembro de ter dito a ela quem era

minha escolhida. Eu estava tão envolvido com Micaylah que não dei conta de que meu prazo para anunciar o casamento estava esgotando.

Sei que fui idiota ao propor aquilo a ela, mas eu só gostaria de ganhar tempo para resolver essa confusão que a minha mãe tinha feito. Admito que dei aquelas joias para categorizar Micaylah em minha vida. Eu sou um filho da puta, assumo, estava muito confortável com a minha rotina, tendo Micah sempre ao meu lado. Não quero outra mulher. Eu a quero!

Micaylah é inteligente, tem um senso de humor negro que me excita e sua força é o que realmente me atrai. Ela não abaixa a cabeça para qualquer um, entrega-se sem reservas e ama loucamente. Não consigo cogitar a possibilidade de não tê-la mais em minha vida. Constatei isso no momento em que a vi correndo para longe de mim. Eu sou louco por aquela mulher!

Passo a mão no cabelo exasperado e começando a ficar desesperado.

— Senhor? – Gregory chama-me. — Nikolov e Eoghan estão aqui, dizem que têm informações.

— Traga-os.

Sento-me em minha cadeira, tentando bravamente não deixar meu desespero transparecer. Todos ficam em silêncio quando os dois homens entram. Eles nos cumprimentam e peço que se sentem. Eoghan, chefe da máfia irlandesa, é o primeiro a falar:

— Desde os atentados, tenho investigado de onde surgiram aqueles homens. Já sabíamos que eram mercenários, queríamos saber quem os tinha contratado. Não conseguimos um nome, mas nos deram algo interessante. Surgiu uma oferta anônima para uma missão de resgate aqui, nos Estados Unidos. Eles deveriam tirá-la daqui clandestinamente e levá-la para a Itália. Sabe-se que o grupo que aceitou a oferta era de mercenários.

Esfrego o meu rosto para manter-me alerta. Já são mais de quarenta e oito horas acordado.

— Talvez você deva descansar, filho. Está à frente de tudo desde domingo, uma hora terá que dormir.

— Não – encaro meu pai. — Eu preciso trazê-las de volta.

Volto minha atenção a Nikolov.

— Diga-me o que sabe, russo.

— Sei que um dos capos de La Famiglia estava recrutando chefes para exterminar o Capo di capo e tomar o poder. Houve uma pomposa oferta a soldados russos para promoverem um ataque a um restaurante em que a cúpula italiana estava reunida.

Olho para os meus tios.

— Vocês souberam de alguma coisa?

— Não.

Nenhum deles e nem mesmo nós sabíamos. Santo inferno! O que acontece na Itália? Onde Tina e Micah entram nisso?

— Só soube disso porque um dos soldados ficou bêbado e contou ao seu czar, que acabou repassando para mim agora há pouco.

Minha cabeça trabalha rapidamente.

— Se estavam recrutando fora do país, é porque ninguém mais tem conhecimento disso. Orazio nunca se conformou por seu irmão ser o subchefe e reter toda a fortuna da família. Então, um dia seu irmão e a esposa morrem em um atentado nunca solucionado...

— Onde o principal suspeito é Orazio – tio Ândrio recorda.

— Atentado esse em que só sua filha permaneceu viva. Sabemos que por linha de sucessão, Micaylah seria a chefe da família. Ela não poderia ser subchefe, mas, ainda assim, controlaria o clã Arigliato.

Olho para o meu pai e meus tios, que assentem. Então continuo a minha linha de raciocínio.

— Vamos supor que Orazio esteja tramando tomar o poder à força se livrando de Micaylah, para não correr o risco de ela exigir o que lhe é de direito, onde Martina entra nisso?

Elemiah sentencia:

— Martina é a chave para ter Micaylah na Itália.

— Certo. Mas por que ele teria o trabalho de levá-las à Itália se poderia ter dado fim à vida delas aqui. Micaylah foi raptada e quase estuprada. Outra coisa, Orazio não é néscio, sabe as consequências de ter sequestrado Martina. Agora a questão é: o que Micaylah tem de tão precioso a ponto de seu tio sequestrar sua melhor amiga, que não é qualquer pessoa, e levar ambas para a Itália, sabendo que haverá retaliação?

— Se você for o Capo di capo, já estará com seu exército pronto para a guerra — Raziel complementa.

— Será que realmente querem as meninas ou apenas atingir-nos? – tio Ândrio questiona.

Meu pai volta a falar:

— Orazio é inescrupuloso. Não costuma calcular as consequências antes de algo estúpido assim. Talvez ele esteja devendo a alguém que seja mais letal que nós. Ou Micaylah é moeda de troca, para nós ou para outros.

— Moeda de troca para uma aliança que intenciona um golpe para tomar o poder – Elemiah esfrega o rosto em consternação. — Inferno! Minha cabeça parece que vai explodir!

Salto da minha cadeira e encaro-os.

— Senhores, vamos à Itália!

Capítulo 18

Gabriel

Estou há mais de uma hora tentando me concentrar nesses papéis que Nikolov nos entregou. Precisamos estar prontos para agir assim que desembarcamos, qualquer passo errado pode resultar na morte de alguém. E Deus sabe como estou esforçando-me para não planejar a forma que irei torturar Orazio Arigliato na hora em que colocar as mãos nele.

Nossos pais queriam vir, mas achamos melhor tomar isso em nossas mãos enquanto eles guardam nossa família. Antes de embarcar, não tive tempo para muita coisa. Passei em casa para um banho, e, graças a Deus, a senhora Carmone tinha uma pequena bagagem pronta para mim. E no meio da corrida apressada para sair de casa, paro abruptamente na porta do quarto de Micaylah. Impulsionado pela culpa, entrei e arrependi-me no mesmo instante.

Sentimentos desconhecidos e inomináveis rondaram meu peito e minha cabeça. Uma dor chata apertava meu peito por saber que ela não estava ali e, possivelmente, nunca mais estaria. Recusei-me a levar tais pensamentos adiante. O medo de perder Tina e Micaylah tem me deixado no limite. Em breve ela estaria de volta ao meu quarto, na minha cama, e nunca mais sairá da minha vida!

Volto à realidade e olho para fora da janela. Não sei quando aquele diabo de mulher se tornou tão importante em minha vida. A única coisa que sei, é que não posso imaginar um mundo onde Micaylah Victoria Arigliato não exista. Inferno! Eu não saberia viver nem mesmo sem seus insultos, e muito menos sem seus gemidos.

— Oh, caralho!

Volto minha atenção para a maldição enfática de Elemiah e um calafrio de medo percorre meu corpo ao vê-lo encarando-me. Pulo da poltrona e caminho até ele, temendo o que possa ser.

— Diga de uma vez, El! – ordeno.

— Eu estou analisando os e-mails de Micah e acabou de chegar os resultados dos check-ups que somos obrigados a fazer a cada seis meses.

Ele continua a encarar-me, e eu, mais tenso a cada segundo. Peco a paciência e falo entre os dentes:

— Diga o que caralho tem de grave, Elemiah!

— De grave nada. É só que... hum... – ele limpa a garganta. Aquela que estou a um passo de apertar. — Micaylah está grávida.

Tudo ao meu redor para e sinto cada pedaço do meu mundo se estilhaçar. Escoro-me na poltrona à minha frente e fecho os olhos. Micaylah está grávida... grávida... Ainda de cabeça baixa, pergunto:

— Aí diz de quanto tempo?

— Entre sete e nove semanas.

Meu Deus! Micaylah e meu filho estão correndo perigo. O que farei se algo acontecer a eles? O que será de mim? Um desespero atormentado faz-me ofegar e abro a camisa para poder respirar. Eu fui um filho da puta ao pedir-lhe para ser minha amante. Deixei-a correr riscos desnecessários por ser um cabeça de merda. Deus, não permita que nada aconteça a eles. Eu não sou sua melhor criação, mas, por favor, atenda um pai desesperado.

Pai... eu serei pai.

Sinto alguém tocar-me.

— Gabriel?

Encaro Brandon e vejo minha dor refletida em seus olhos. E pela primeira vez em minha vida, abro-me o suficiente para que alguém me veja despedaçado.

— Eu a amo. No momento em que minha mãe anunciou Valentina, eu soube que não poderia ter outra mulher. Eu soube que não queria outra mulher a não ser Micaylah. Eu compartilho da sua dor e desespero, Brandon, desde o maldito momento em que a vi correndo para longe de mim, chorando naquele jardim. Eu não queria amá-la... – volto-me a todos os presentes dentro do avião e sorrio. — Vamos resgatar minha mulher e meu filho!

Brandon, Elemiah e Raziel comemoram enquanto o resto da minha tripulação encara-me

descrente. Com essa afirmação, uma nova onda de força apodera-se de mim e começo a latir ordens sobre os nossos próximos passos.

* * *

Desembarcamos na cidade vizinha e tarde da noite nos locomovemos em carros para passarmos despercebidos. Fomos diretamente para a vila de um grande amigo da nossa família. Antes de embarcamos, entramos em contato com pessoas que poderiam ser nossos reforços. E nossa primeira parada é na casa do Capo della famiglia. Acredito que no momento, ele é o mais interessado no que acontece sob seu nariz.

Cada homem toma sua posição enquanto nos esgueiramos até ao quarto do Lucarinni. Somos tão impressionantes quanto nossos seguranças na arte da invisibilidade. Antes de invadirmos, silenciosamente, peço a Deus que me ajude a recuperar a minha família intacta. Dei sinal para que todos mexam-se com a sincronia combinada. Assim feito, Elemiah, Raziel e eu entramos numa das mansões mais vigiadas da Itália.

Depois de apagar alguns capangas, entramos na suíte do Capo e tomamos nossos lugares. Raziel se posicionou em frente à janela e Elemiah ligou a luz enquanto eu puxava uma cadeira para sentar-me de frente para o casal que nos olhava em pânico.

— Buonasera, signore i signora Lucarinni . Quanto tempo, não? – dou meu melhor sorriso.

O senhor à minha frente passa a mão pelos ralos cabelos grisalhos.

— Como está, Gabriel Saints?

— Eu poderia estar melhor, mas, infelizmente, não é o que acontece no momento.

Sua mulher começa a chorar silenciosamente e assisto ao homem abraçá-la e confortá-la, com uma incrível inveja.

— Será que minha mulher pode ficar com os nossos filhos? – ele pergunta.

Sorrio em entendimento para a senhora, mas balanço a cabeça negativamente.

— Ninguém em sua casa está correndo perigo, nem mesmo seus soldados, senhores. E a minha visita é rápida – recosto-me na cadeira novamente. — Sabe, senhora Lucarinni, minha mulher está grávida – sorrio com tristeza. — Mas ela foi sequestrada e está presa aqui, na Itália, juntamente com a minha irmã.

— S-sinto muito, senhor Saints – ela se volta para o marido. — Foi você?

Dionísio nega e olha-me.

— O que se passa, Saints?

Aceno para que El entregue os papéis ao homem, que alcança seus óculos e os analisa.

— Há algumas semanas, fomos pegos em uma onda de ataques. Micaylah foi atacada a plena luz do dia, o estuprador quase teve êxito, se eu não interviesse. Agora, estamos lidando com o desaparecimento de Martina, minha irmã, e de Micaylah Arigliato. Então, iniciamos uma intensa investigação, e até aqui temos coisas muito interessantes, como, por exemplo, um movimento para matar o Capo Lucarinni – sua mulher ofega. — Como você pode ver, os russos se negaram a atacar você e sua família. Mas, ao que parece, há chefes da sua casa envolvidos nisso, Dionísio.

— Agora aquele convite faz todo o sentido – o homem fala para a sua mulher, que assente. — Fomos convidados para o jantar de noivado entre Cesare e Micaylah recém-chegada dos Estados

Unidos.

Sinto o meu sangue se esvair e enxergo tudo vermelho à minha frente.

— Caralho! Perdoe meu linguajar, senhora Lucarinni – El desculpa-se. — Cesare não tem noventa anos?

— Setenta e alguma coisa – o Capo fala. — Há alguns poucos dias, soube-se que Micaylah tem uma fortuna para receber. Ontem eu soube que Orazzio está há mais de cinco meses tentando recebê-la, mas os pais dela redigiram de um modo que, se não for entregue diretamente a ela, até seis meses após seu vigésimo sexto aniversário, automaticamente será distribuído entre várias instituições pelo mundo.

— O velho bastardo não se contentou com tudo que já tirou dela? – Raze questiona.

— Ao que parece, não – respondo exasperado. — Quando você entregou Micah ao meu pai, soubemos que tudo o que Orazzio tinha pertencia legalmente a ela. Mas papa decidiu que ela não precisaria lutar por isso, pois seu tio seria capaz de qualquer coisa para ter o que queria. Agora tudo faz sentido – respiro fundo e volto a falar: — Se você me garantir que Micaylah assumirá o que lhe é de direito, os meus homens e a tríade Saints garantirão que se mantenha no poder.

— Você tem a minha palavra – Lucarinni afirma convicto.

Levanto-me da cadeira.

— Ótimo! Vamos nos arrumar, temos um noivado para comparecer.

Capítulo 19

Micaylah

Olho no espelho e contemplo-me vestida com perfeição para firmar um compromisso repugnante. Eu, Micaylah Victoria Arigliato, me casarei com um homem de setenta anos para garantir a liberdade da minha Martina. Depois de incontáveis horas de negociação, duas surras e dois dias faminta, consegui com que Martina volte sã e salva para a sua família, nos Estados Unidos.

Meus olhos ardem pelas lágrimas não derramadas. Penso em meus pais, nos Saints e em Gabriel. Penso em toda dor que sofri nesses últimos dias, nas que sofri anos atrás, e lamento por não ter feito tudo o que queria.

— Micah? – tia Pietra entra e coloca-se ao meu lado. — Tem certeza do que está fazendo, querida?

Caminho até a cama, sento-me na beirada e minha tia senta-se ao meu lado.

— Tia? – chamo-a sem olhá-la.

Ela segura minha mão.

— Sim, querida?

— Se alguma coisa acontecer, prometa que lutará para ser feliz e fazer Erico feliz?

— Eu faço o meu melhor para que Erico seja feliz e nada acontecerá – ela fala com fé.

Olho para a minha tia, que está com o lado direito da face com hematomas escuros. Um nó aperta minha garganta com a lembrança do descontrole de Orazio. Ela só queria me alimentar, ele não gostou e bateu nela. Então Erico pulou em seu pai e foi arremessado contra a parede. Quando percebi que aquele monstro iria em direção ao menino, tinha certeza de que iria matá-lo, coloquei-me entre ele e Erico, desafiando-o a me bater mais do que já havia feito. A minha força provém do ódio que queima dentro de mim, acredito que Orazio viu isso e se afastou. Ele narrou que contratou um grupo de assassinos para trazer-me até a Itália para receber o fundo fiduciário que meus pais deixaram para mim. Orazio tinha prometido dar Martina ao chefe do bando e dei um suspiro de alívio quando ele terminou dizendo que Gabriel o matara. Mesmo conhecendo a podridão que esse mundo é, fiquei impressionada com a personalidade deformada do meu tio e perguntei-me constantemente como podia ser irmão do meu pai. Não suportei ouvir que Erico perdeu sua visão por Orazio ter batido nele até ficar inconsciente. Deus! O menino só queria defender sua mãe, que apanhou de seu marido até ficar com duas costelas e um braço quebrados.

Procurei alimentar meu ódio por esses homens imundos e pedi perdão a Deus por ter comparado Gabriel a eles. Ele não é nada disso, pelo contrário, luta para que coisas assim não aconteçam em seu clã. Quando aquele imundo disse que a única maneira de Martina voltar para casa seria se eu me casasse com um velho bastardo, eu vomitei nele, literalmente. Mais uma vez eu não tive escolha, mas no momento em que disse sim a essa ideia asquerosa, jurei que mataria cada um desses bastardos.

Ouvir os planos de Orazio não foi fácil, mas pude gravar cada detalhe para que depois entregar a quem pudesse fazer bom uso dessas informações.

— Minha sobrinha não é linda, Cesare? Imagine-se casado com essa bela jovem na flor da idade e, de bônus, ser consigliere do Chefe. Aquele idiota do Lucarinni não saberá de que lado veio a bomba que o atingiu.

— Por que não conta ao meu futuro noivo a que preço você está me vendendo a ele? – digo com nojo. — E você, senhor Cesare, seu pau ainda levanta para foder sua nova esposa ou terei que me satisfazer com sua tripulação?

Antes que eu pudesse piscar, Orazio já tinha dado um tapa em meu rosto. Como se isso não bastasse, Cesare achou que poderia fazer o mesmo. Ele achou, até ver minha ira estampada nos olhos.

— Retire-a da mesa e tranque-a até o jantar de amanhã. Eu a entregarei a Cesare assim que essa cadela assinar a documentação.

Volto para o hoje e encaro minha tia.

— Eu vi o modo com que Cardi a olha, tia. E não pude deixar de perceber que Erico o tem como seu pai. Eu vou arrumar a vida de todos que puder e a senhora tem que me prometer que lutará bravamente. Promete?

Lágrimas caem dos olhos dessa linda mulher tão maltratada pela vida.

— Sua mãe estaria orgulhosa de você, Micah! – ela me abraça e, dessa vez, não consigo conter as lágrimas.

— Pode me prometer outra coisa? – pergunto. Ela assente e eu continuo: — Quero que Gabriel

saiba que eu o amei muito. Que o que fiz foi pouco comparado a tudo o que ele e sua família fizeram por mim. Sei que Cardi garantirá que Martina chegue à sua família sã e salva. Cardi é o segurança particular de tia Pietra e Erico. Pelo pouco que pude conversar com ela sobre ele, percebi que são apaixonados. Ele é um homem sisudo, conversa pouco e executa suas funções discretamente. Meu coração encheu de admiração ao vê-lo orientar Erico, que o olhava como se fosse seu herói.

Quando Orazio se for, Erico será o próximo a ocupar a cadeira, mas como ainda é pequeno demais, deve ficar sob tutela de alguém. Eu trabalharei com afinco para que seja Cardi. Assim eles terão uma chance de ser felizes.

— O que está planejando, Micaylah? Por favor, minha filha, não faça nada de que venha se arrepender depois.

Levanto e começo a reaplicar a maquiagem para tapar o hematoma esverdeado em meu queixo.

— Hoje estou planejando passar por esse maldito jantar sem vomitar.

* * *

Caminho entre os desconhecidos, agradecendo as falsas felicitações. Deveria me lembrar de alguns, mas nem faço questão de puxar em minha memória. Sorrio ao ver a cara de desgosto do meu tio e do velho tarado que será meu marido. Mal sabe o vovô que morrerá com um infarto fulminante em nossa lua de mel. Meu sorriso fica ainda maior ao imaginar a cena.

A cara de desgosto do meu tio se deve ao meu traje. Ele mandou entregar-me um vestido longo de uma pálida seda amarela, que me deixava com cara de doente. Convenci o idiota do meu tio a satisfazer meu último desejo e fui escoltada até uma loja em busca de um novo vestido. Achei um que tenho certeza de ter sido feito para mim. O vestido longo, de um ombro só, é de seda vermelho-sangue, bem marcado na cintura, e ressalta minhas curvas.

Mas a extravagância do traje ficou por conta da fenda que deixa toda a minha perna direita à mostra. Quando digo toda, é toda mesmo. O vestido só fecha no alto da minha coxa, onde começa o quadril. Minha tatuagem exposta quase deu um AVC no velho Cesare. Uma cruz com a palavra Saints entrelaçada. E para ressaltar tudo isso, optei por um sapato nude altíssimo.

Sim, estou gostosa pra caralho! Matando as vovós do coração, com as jovens senhoras fofoqueiras chamando-me de puta, meu tio desejando minha morte e todos os outros homens do lugar desejando-me em suas camas. Eu estou adorando ser odiada! Olhem e aprendam com a futura senhora Cesare. Rio sozinha da minha loucura. Só espero não terminar em um manicômio antes de matar meu tio.

De repente, todo o lugar fica em silêncio e viro-me para ver o que acontece. Nada me preparou para esse momento. Nada me preparou para ver Gabriel em um terno azul que ressalta seus olhos mortalmente brilhantes, acompanhado de Raziel e Elemiah, igualmente elegantes e perigosos. Só me dei conta do meu enorme sorriso quando Orazio se colocou ao meu lado.

O casal que está em sua companhia fica em meio à sala e o homem dirige-se a nós:

— Espero que não se incomodem com os meus convidados – não foi uma pergunta, é uma afirmação. Esse deve ser Dionísio Lucarinni, o Capo di capo. Ele aproxima-se de mim juntamente com a sua esposa, alcança minha mão e a beija. — Essa deve ser a famosa Micaylah

Arigliato. Piacere, signorina.

— O prazer é todo meu, senhor Lucarinni – volto-me para sua sorridente esposa. — Belíssimo vestido, senhora Lucarinni.

— Não mais belo que o seu – ela responde. — Na verdade, há muito não vejo uma mulher tão linda quanto você – posso ver a sinceridade em seus olhos.

O chefe coloca Gabriel frente a frente comigo. Ele enlaça-me pela cintura e puxa-me, pressionando seu corpo contra o meu. Gabriel beija meu rosto demoradamente.

— Você está espetacular – voltando a encarar-me com aquele sorriso perigoso, diz: — Como está, cara mia?

— Gabriel... – foi só o que pude dizer até Orazio se colocar entre nós dois.

— Chefe, seus convidados serão bem-vindos, desde que respeitem a minha casa. Minha sobrinha está comprometida e não deve ser intimidada assim.

Dionísio encara Orazio e tenho a impressão de que todos os convidados ofegaram.

— Por um momento achei que você estava desafiando-me, Orazio. Acredito estar enganado – o homem encara meu tio até que ele desvia o olhar, reconhecendo a soberania de seu Chefe.

— Não foi minha intenção, chefe. Peço que desculpe-me.

Sorrio para Raziél e Elemiah, que retribuem dando-me esperança. Orazio e Cesare se mantêm ao meu lado enquanto os outros confraternizam. Em algum momento da noite, ouvi dizer que toda a cúpula da máfia está aqui. Meu tio convida a todos para o brinde e, antes de deixar sua posição de cão de guarda, ele fala:

— Tenho alguém apontando uma arma para a cabeça de sua amiguinha. Pense bem no que fará, cadela.

Ele mostra-me uma imagem em seu celular de Martina vendada, sob a mira de uma arma, e engulo em seco. Aos pouquinhos minha esperança deixa meu coração. Assinto e mantenho-me ao lado do velho tarado, que insiste em apertar minha bunda.

— É com enorme prazer que hoje comemoramos a união das famílias Arigliato e Cesare, com o matrimônio entre meu amigo e minha sobrinha. Sabemos como...

Gabriel limpa a garganta e dá um passo à frente.

— Desculpe-me por interrompê-lo, Orazio – ele olha ao redor com o seu sorriso político, levando todos a ficarem sob seu feitiço. — Acredito que isso não será possível.

— Não! – era para ser um grito, mas saiu apenas um sussurro. Dou um passo à frente, mas Cesare me segura. Suplico com o olhar para Raze e El, mas ambos continuam com sorrisos, como se tudo estivesse bem.

— Eu não acredito que uma mulher comprometida possa se comprometer novamente – Gabriel diz. — Pelo menos não na nossa lei. Se eu estiver enganado, Dionísio, por favor, corrija-me.

— Você está corretíssimo, Gabriel – o Capo afirma sorridente.

— Minha sobrinha não está comprometida com ninguém, senhor Saints. Então não há motivos para postergação – Orazio fala, tenso.

— Senhor Arigliato, faça a gentileza e leia – Gabriel acena e Elemiah entrega um papel ao meu tio, que empalidece assim que o lê.

Eu estou enlouquecendo, eles matarão Martina e eu nunca me perdoarei por isso! Será que esses

porras Saints não enxergam o meu desespero? E o que diabos há naquele papel que calou o filho da puta que se diz meu tio?

— Isso não quer dizer nada, Saints – Orazzio fala e, apesar de transparecer calmo, sua máscara de controle está caindo e seu celular em sua mão está deixando-me em pânico. Com sarcasmo pingando em cada palavra, ele completa: — Micaylah nunca disse o nome do pai, talvez porque ele a tenha abandonado no momento em que ela mais precisava.

Nome do pai? Abandono? Do que estão falando?

Gabriel sorri em minha direção:

— Estou aqui para reivindicar minha mulher e meu filho, já que foram cruelmente sequestrados. Oi? Filho? Mulher? Olho-o com a boca aberta, sem saber o que dizer. Procuo o olhar de Gabriel, que aproxima-se e entrega-me o maldito papel. Vejo o logo da Worldwide e o nome do laboratório responsável pelos check-ups semestrais. Eu? Grávida?

Capítulo 20

Gabriel

O clima tenso na mansão deixa todos apreensivos. Minha preocupação é que Micaylah seja ferida em meio à confusão que está para se instalar. Deus! Não consigo desviar meus olhos dela. Aquele vestido a abraçou como uma luva e a abertura lateral quase me fez gozar. Seus seios estão levemente maiores e preenchem todo o corpete do vestido, fazendo com que os homens morram só para contemplá-los. Ela está gerando o meu filho, o nosso filho, o que a deixa ainda mais preciosa.

Desde que nos encontramos com Dionísio, temos corrido contra o tempo. Foi convocada com urgência uma reunião secreta com alguns chefes para contar-lhes o que acontece no seio da família. Os poucos em que o Capo confia apareceram em menos de uma hora e ficaram ensandecidos com a ideia de golpe. Ainda mais porque fala-se em exterminar a família do Chefe e todos temem que suas famílias tenham igual destino.

Uma ideia começou a ser moldada naquele momento. Lucarinni nos revelou que ele tem soldados fieis infiltrados em várias casas e sabe que Cardio é uma rica fonte de informação. Assim que o trouxeram, o homem fechou-se de tal maneira que por um momento pensamos que teríamos que matá-lo. Pedi licença e me sentei frente a frente com o homem que poderia ser a nossa única chance de encontrar minha irmã viva.

— Cardi, eu sei que você tem o menino de Orazzio como seu filho. – ele fica tenso. — Estou aqui para pedir de pai para pai. Micaylah está grávida de um filho meu e nós sabemos que Cesare me tirará isso assim que souber da situação dela. Nós sabemos que Orazzio e Cesare são aliados para derrubar Lucarinni. E agora você também sabe que não sairá daqui vivo, caso fique do lado errado nessa história. Se eu tiver que matá-lo, quem cuidará de Erico? – ao som do nome do menino, a fachada do homem começa a desmoronar. — Você quer que Erico tenha o mesmo destino de Lucca? Quer mesmo que Orazzio seja o novo Capo e faça com essa família o que faz

com Pietra e Erico?

— NÃO! – seu rosto retorce em desgosto. — Eu odeio Orazio Arigliato! Quero que aquele filho da puta do caralho queime no inferno. Eu o vi quase matar sua esposa, assisti a um menino de nove anos perder a visão depois do seu pai espancá-lo até perder a consciência. – ele procura em mim a ligação que antes usei para chegar até ele. — Eu não posso deixar que nada aconteça com Erico e Pietra.

— Erico e Pietra são os únicos que Micaylah considera como família. Se ajudar a resgatar minha irmã e minha mulher, garantirei a proteção deles e conversarei com Dionísio para permitir seu casamento com a Pietra e a adoção de Erico – proponho.

— Você pode me prometer isso? – seu tom é baixo.

Aceno para Lucarinni, que se aproxima.

— Se Cardi nos ajudar, você permitirá que ele formalize o casamento com Pietra e adote Erico? O Chefe fixa seu olhar no soldado à minha frente.

— Se você nos ajudar a derrubar Orazio, eu não só garanto isso, como também será meu novo chefe de frente.

Apertamos as mãos e Cardi abriu a torneira de informações. Por fim, descobrimos que Martina era mantida no porão e que Micaylah não teve acesso a ela desde que colocou os pés na Itália. Orazio ordenou que Martina não sofresse uma arranhadura, mas em compensação, Micaylah tem servido de saco de pancadas e passado fome. Elemiah, Raziel e Gregory quase foram incapazes de me segurar.

Todo plano foi construído sobre as informações que Cardi nos passou. Nosso único problema está sentado à minha frente, vestida para matar. Micaylah pode colocar tudo a perder e todos sairemos mortos daqui. Anciãos do conselho, que estão conosco nesse barco, apenas observam todo o desenrolar, prontos para agir a qualquer momento. Orazio Arigliato, enfurecido, rompe o silêncio:

— Essa é a minha casa e eu não permitirei que você... – ele aponta para mim. — ... venha implantar discórdia e confusão dentro da minha família!

— Eu jamais faria uma coisa dessas, senhor Arigliato – coloco a mão no peito e faço cara de falsa inocência. — Eu estou aqui como qualquer homem apaixonado o faria quando sua mulher grávida está prestes a ser vendida para outro homem.

Olho ao redor e uso todo o meu sex appeal.

— Minha mulher foi tirada de mim logo depois que minha irmã caçula foi sequestrada. Vocês não podem fazer ideia da dimensão do meu desespero quando soube que a minha mulher grávida estava sendo espancada e a deixavam passar fome! Como eu poderia estar em paz se o amor da minha vida estava à mercê do homem que mandou matar os pais dela? – Orazio empalidece e vejo Micaylah ofegar. Ela leva a mão ao hematoma em seu queixo, que ela achou que a maquiagem cobria, e a tristeza em seus olhos corta meu coração. — Agora imaginem minha surpresa ao saber que o sofrimento da minha mulher serve para que o consigliere do Chefe enriqueça e contrate um exército para eliminar o Capo di capo – sinalizo ao meu redor. — Essa casa e toda a fortuna de Orazio, na verdade, pertencem a Micaylah Arigliato. Assim como o comando da família Arigliato.

— DESGRAÇADO! – o tom nervoso do velho faz com que eu me jogue sobre Micaylah antes de ele disparar. E como esperávamos, o lugar torna-se um caos, mulheres gritando, crianças chorando e Micaylah desesperada pelo seu primo.

— Calma, dea – digo com dificuldade. Só então me dou conta de que fui atingido.

— Gabe, está tudo bem? – ela sussurra.

— Sim, mia dea – a queimação espalha pelo meu corpo. Seguro seu rosto entre minhas mãos e a encaro. — M-micah, eu te amo tanto... – fecho os olhos para tentar achar as palavras e me esquecer da dor. — Fi-fiquei tão feliz quando soube do nosso fi-filho... – engulo em seco, lutando para a minha visão clarear. — Eu já amo esse pedacinho de mim q-que há em v-você.

— Gabriel! – ela chacoalha-me. — Não ouse morrer, imbecil! Seu filho e eu precisamos de você, baby – suas lágrimas despertam-me e encontro seus lindos olhos esmeralda. — Eu te amo, Porrangelos Saints.

Faço o melhor para sair de cima dela e arrasto-me até poder escorar-me no sofá. Orazzio e Cesare estavam no centro da sala, cercados por muitos homens armados. Assisto, em pânico, Micaylah levantar, pegar a arma do meu coldre e caminhar até seu tio. Procuro Elemiah, Raze ou qualquer um que possa levar essa maluca para fora daqui. Gregory se aproxima de mim e ordeno, irritado:

— Tire aquela maluca dali, agora! Aquele diabo de mulher vai me matar qualquer hora dessas. Gregory tem a oportunidade de dar um passo antes que ela aponte a arma para ele e o pare.

— Fica quietinho aí, bonitão.

— Micaylah! – falo entre os dentes. — Tive todo esse trabalho para você deixar lhe matarem agora?

As pessoas observam como se nada houvesse acontecido minutos antes. Agora entendo o que Micaylah fala sobre a máfia, perdemos a sensibilidade da vida pacata. Temos medo, mas tudo se extingue quando a situação passa, restando se equilibrar para enfrentar outro momento igual. Não esperamos a paz, esperamos o próximo tiro.

Ela olha para Dionísio e fala:

— Peço sua autorização para limpar minha casa, senhor.

— A casa é sua, senhora. Sinta-se à vontade – ele fala com um grande sorriso no rosto. Eu reviro os olhos, nada surpreso pelo homem babar sobre ela. Idiota!

Ela atira nos joelhos de seu tio, que cai no chão.

— Eu sempre desconfiei que tinha sido você quem matou meus pais. Sempre soube que você era uma merda de homem, um lixo de pessoa. Eu odeio todo o fardo que a máfia traz consigo... – ela encara Lucarinni e dá de ombros. — Sem ofensas, senhor. Mas hoje agradeço à porra da máfia por ser a mulher que sou. Arrivederci, Orazzio. Não se esqueça de guardar lugar para a sua tripulação no inferno! – ela atira bem no meio da testa de seu tio.

Oookaaaay... estou começando a ficar com receio dela. A mulher está gostosa em um vestido vermelho-sangue, tem pulso de ferro e atira como um franco-atirador. Porra! Ela é a minha mulher! Agora estou excitado.

— Cesare, seu velho doente, vou matar cada um de sua tripulação que intervir na minha tomada de poder. A partir de agora, sua família pertencerá ao clã Arigliato, e como sou uma pessoa boa,

darei o direito a seus filhos para que gastem todo o seu dinheiro que está escondido sob o colchão. Arriverdela, e dê um abraço no capeta por mim.

Todos assistimos, de boca aberta, a Micaylah atirar na cabeça do velho e estender a mão, esperando outra arma. Cardi lhe entregou, e ela atirou em cada homem que encostou nela, nos aliados e soldados que eram fiéis ao seu tio.

Eu já estive em meio a uma guerra, vi mulheres e crianças serem mortas. Passei fome e sede, fiquei dias sem dormir. Fui atormentado durante anos, depois do meu treinamento. Sou um homem duro, porque a vida me moldou assim. Mas nada, absolutamente nada, foi tão surpreendente quanto à cena à minha frente. Com dificuldade, tento levantar-me e só tenho êxito quando Gregory me ajuda. Caminho até Micaylah e tiro a arma de sua mão, entregando-a a Cardi.

Enlaço-a com o braço bom e pressiono seu corpo ao meu.

— Você é perigosamente louca, dea.

Ela ri e seus olhos brilham com a palavra perigo. Micaylah abraça-me.

— O poder é viciante – ela fala em meu ouvido. — E excitante. Estou completamente molhada.

— Porra, mulher! Não se diz isso a homem que acabou de levar um tiro e está vazando sangue.

— Oh! Tragam um médico agora para tratar meu homem! – ela sorri contagiando-me. — Hoje, eu que sou a dona da porra toda!

Capítulo 21

Micaylah

Uma semana depois...

— Está pronta para a reunião? – olho através do espelho para o homem que encara-me com seus intensos olhos azuis. Assinto, sentindo-me um pouco tímida. Ele coloca meus cabelos de lado e beija meu pescoço. — Você está magnífica, *dea*.

— Você acha– baixo a cabeça. — Você acha que eu me sairei bem?

Gabriel coloca sua mão sob meu queixo e o levanta até meus olhos encontrarem os dele.

— Olhe-se! Você é forte, inteligente e sabe atirar melhor que noventa por cento dos homens que conheço – ele passa sua mão pelo meu corpo. — Você é linda, uma verdadeira deusa, que tem o poder de deixar todos aos seus pés, incluindo um poderoso Porrangelo Saints.

— Obrigada por me ajudar, Gabe. Obrigada por me salvar...

Ele vira-me até ficarmos frente a frente.

— Não me agradeça. Sou eu quem devo pedir perdão a você por tudo o que a fiz passar. Se eu não tivesse a tratado daquela maneira, você não teria fugido, e se eu fizesse meu trabalho direito, Martina não teria...

Seguro seu rosto entre minhas mãos e o calo com pequenos beijos.

— Não... não... não. Esqueça tudo, Gabriel. Vê-lo se cobrar assim me machuca. O que aconteceu comigo e Martina aconteceria de qualquer maneira. Orazzio estava desesperado e

impulsionado pela ambição, nada o pararia. Martina está bem, eu e nosso filho estamos bem...

— Mas a que preço? — ele se afasta e vira-se para que eu não veja seu rosto torturado. Gabriel vem se condenando a cada dia. — Eles a machucaram, não a alimentaram e Deus sabe o que mais fizeram. Como pude falhar dessa maneira?

— Gabriel Archangelo Saints, eu o proíbo de repetir isso! Não foi erro seu o...

— Sim, foi! E não há lugar para erros em minha vida! Eu quase perdi vocês.

— Em compensação, matou mais gente do que deveria, para tentar expiar seu suposto erro — falo ironicamente, para aliviar o clima.

— Falou a mulher que matou metade de um salão só por estar irritada. Lembre-me de deixar as armas fora do seu alcance quando estiver na TPM.

Contemplo meu futuro marido e o calor do meu coração eleva-se. Mesmo com um de seus braços imobilizado, por causa do tiro, Gabriel é absurdamente bonito, e esse seu jeito ogro de ser mexe comigo de tal forma, que esqueço até meu nome. Seu olhar, que expressa o quanto é letal, e o sorriso de canto, que faz qualquer mulher gozar, o fazem imbatível. Ele não precisa dizer quem é para que as pessoas o respeitem, Gabriel exala poder. Por onde passa, arrasta a atenção e o respeito de todos. E nada me excita mais do que essa veia mau que ele tem.

Gabe ajoelha-se diante de mim e levanta a minha blusa, beija minha barriga e acaricia os hematomas das minhas costelas com os lábios, como se pudesse fazê-los desaparecer.

— Eu poderia ter perdido vocês três, Micah.

— Mas não perdeu! Eu estou ficando excitada e temos uma reunião em poucos minutos — falo enquanto debato quanto tempo de atraso teria, caso eu tire a roupa de Gabriel.

Ele levanta-se e, mesmo com um de seus braços imobilizados, pressiona-me contra a parede e beija-me apaixonadamente. Sua mão livre percorre meu corpo possessivamente, fazendo-me desejá-lo cada vez mais. Levanta uma de minhas pernas e esfrega sua ereção em mim, mostrando-me o quanto me deseja. Com dificuldade, separa sua boca da minha.

— Eu te amo, Micah.

— Doeu falar que me ama? — provoco-o.

Ele segura minha nuca e encosta sua testa na minha, fechando os olhos.

— Doeu muito mais quando a vi correndo de mim naquele jardim. E foi muito pior quando pensei que poderia te perder para sempre — a crua sinceridade na admissão de seus sentimentos surpreende-me. — Nunca mais a deixarei longe de mim, senhora Saints.

— Ainda não nos casamos, senhor Saints. Por enquanto, sou senhorita Arigliato.

— Você se tornou minha desde que me beijou naquela boate, sobrenome é somente um detalhe. Vamos! Se eu ficar aqui com você mais um segundo, não sairemos da cama até a hora da cerimônia do nosso casamento.

De uma simples assistente e executiva, passei a chefe de uma família da máfia na Itália e à futura senhora Gabriel Saints. Nossos tios e primos desembarcaram na Itália vinte e quatro horas após o ocorrido e, desde então, minhas tias trabalham arduamente para que nosso casamento seja perfeito. A notícia da minha gravidez os tornou tão superprotetores quanto Gabriel. Por eles, eu não sairia da cama nem para tomar banho. Bom, quando Gabriel a compartilha comigo, as dificuldades de ficar na cama simplesmente não existem!

Os dias que se seguiram após aquela fatídica noite foram intensos. Tomei conhecimento da contabilidade com a ajuda de Gabriel e Raze, que me auxiliaram a colocar as coisas em ordem. Brandon se tornou oficialmente meu advogado e arregaçou as mangas, começando com a restituição de bens às pessoas que foram lesadas e ressarcindo famílias que perderam mais que entes queridos, que foram pegos em meio ao fogo cruzado.

Cardi e Elemiah se encarregaram de mostrar-me como a organização funciona e filtraram a tripulação da nossa nova aquisição, a família Di Cesare. O senhor Lucarinni tem mostrado grande satisfação em ter a mim como aliada, mesmo eu mostrando como detesto esse estilo de vida.

E por falar em estilo de vida detestável, faço careta na hora que vejo o tamanho da minha escolta para a reunião do QG da gangue mafiosa. Admito que esse negócio de poder é perigosamente sedutor.

Passo a mão pela minha barriga e penso no que essa criança já passou sem ter nascido ainda, e eu não quero que ele ou ela veja a brutalidade. Quero que sua infância seja perfeita e, se for um menino, os Saints terão que se acostumar à ideia de que não passará por tudo o que o seu pai passou. Eu não deixarei o meu bebê passar fome e frio, viver entre criminosos só para ser moldado a ferro e fogo. Não mesmo! Ele será educado por seus pais e aprenderá tudo o que tem que aprender para se sentar no trono Saints, com seu pai e tios.

Tudo mudou do dia para a noite. Eu mudei do dia para a noite. E cada um dos que estão comigo nesse momento mudaram. Por mais que esses homens já tenham passado por situações difíceis, nada se comparou com a perda iminente de pessoas próximas. Gabriel acaricia minha mão em apoio e aperto a sua em agradecimento. Todos dizem que “atrás de um grande homem, sempre há uma grande mulher”, mas hoje, eu só sou o que sou e estou onde estou, pois ao meu lado há um grande homem.

O carro para em frente a um grande armazém e, pela primeira vez, o medo apodera-se de mim. E se entrarmos e nos metralharem? Afinal, eu matei um monte de homens que achei que deveriam morrer e...

— *Dea mia...* – Gabriel vira minha mão e beija a palma. — Minha deusa... – ele beija meu pulso, onde tatuamos nossas iniciais entrelaçadas na cruz Saints. — Não se preocupe, nós estamos aqui para garantir sua segurança, querida. E eu estou aqui para apoiá-la em tudo que precisar.

— Obrigada, vida.

Ao descer, fomos escoltados porta adentro e todos se colocaram de pé ao nos ver. A grande mesa no centro estava cercada pelos chefes, e na cabeceira Dionísio Lucarinni esperava-nos de braços abertos e sorridente.

— Fico imensamente feliz que a senhora Arigliato...

— Saints – Gabriel o corrige.

O Chefe sorri e corrige-se:

— Senhora Saints, estamos honrados com a sua presença nessa reunião. Tome seu lugar, por favor.

Assinto e caminho, seguida pela tríade Saints e Cardi, que gentilmente aceitou acompanhar-me.

Sento-me na cadeira à esquerda de Dionísio, antigo lugar de seu subchefe, que agora é o *consigliere* e senta-se à direita nesse momento. Dionísio inicia seu discurso expondo a todos os detalhes do plano de Orazzio e Cesare. Poucos dos que estão aqui presente não tinham conhecimento de todo o conteúdo, por isso o tópico foi rápido. Então, com um discurso veemente, valida a posição da família Arigliato na organização.

— Sendo assim, damos nosso bem-vinda a Micaylah Arigliato Saints.

Antes que pudessem assentir, um dos chefes levanta-se e interrompe:

— Não reconheço essa mulher como uma de nós. Primeiro porque é mulher, e mulheres na organização trariam muitos problemas por serem suscetíveis. Segundo, porque se apoderou de uma família e a destruiu para provar alguma coisa fútil. E em terceiro, e não menos importante, é uma Saints! Eles são conhecidos por sua traição à organização.

Reviro os olhos e coloco-me de pé. Gabriel se coloca ao meu lado e diz:

— Não. Somos conhecidos por livrar a bunda de vocês! – Gabriel fala irritado. — Somos nós quem limpamos a lambança que homens como você, que acham que podem tudo, fazem por aí. Você assistiu em primeira mão ao que aconteceu com Orazzio e Cesare, vai querer entrar para a lista? Acredito que não. Não é burro a esse ponto.

Raze e El se colocam logo atrás de nós, Cardi também se moveu para o meu lado, juntamente com Gregory.

— Eu não preciso do seu reconhecimento, senhor... – estalo os dedos. — Seja lá quem você for. Eu não destruí família alguma, pelo contrário, os libertei daquele caquético. E sim, eu sou uma Saints, que ao contrário de alguns de vocês, são fiéis à família. Não tramam pelas costas uns dos outros. Por último, e não menos importante, eu sou a subchefe e me parece que você não tem amor à vida. Eu matei mais homens em uma noite do que você matou em sua vida, e, ainda assim, insiste em atravessar o meu caminho?

— Eu não a reconheço! – ele insiste.

— Já disse que não preciso do seu reconhecimento, senhor. Mas todos nós vivemos sob a mesma hierarquia nesse momento. Então lhe aconselho a baixar a bola com a subchefe dessa porra toda – aponte para ele. — Sente-se antes que eu atire em você.

O homem sabiamente atende e eu volto a falar:

— Como chefe da família Arigliato, tomei algumas decisões juntamente com o meu futuro marido e o senhor Lucarinni, que beneficiarão a organização e a minha família. Deixo Cardi Scuzziatto no comando da cadeira de minha família, com poder total de decisões. Abençoei seu casamento com a minha tia Pietra Arigliato, assim como a adoção de Erico Adamo Arigliato, agora também Scuzziatto.

Volto-me para Cardi, que está visivelmente emocionado.

— Você cuidou de ambos em momentos difíceis, como também me amparou quando mais precisei. Você é um homem honrado e leal, Cardi. Essa organização tem sorte em tê-lo como subchefe, as famílias que a compõem estão em ótimas mãos. Enfim, aqui acaba o meu papel de chefe e começa a de senhora Gabriel Saints.

Retiramo-nos antes mesmo de finalizar a reunião e fomos levados para a mansão, que agora é de Erico. O lugar está um caos, pessoas andam de um lado para outro carregando cadeiras, vasos,

tecidos. Procuro Gabriel por alguns ambientes e desisto assim que as tias Gio e Piah me perseguem para decidir as flores que irão sobre os pratos de doces. Eu nem sabia que deveria colocar flores nesses pratos. Então fugi, esgueirando-me pelo casarão.

Cansada, subo as escadas na esperança de descansar antes do jantar. Andando distraída pelo corredor, assusto-me ao ser puxada para um quarto que está banhado por luzes de pequenas velas. Com a boca tapada por uma mão conhecida, sou pressionada contra a porta que acabou de ser fechada.

— Estava te esperando – a voz faz um arrepio percorrer meu corpo. Enquanto uma das mãos continua em minha boca, a outra acaricia entre minhas pernas sobre a roupa. — Uma semana. A porra de uma semana sem poder desfrutar de seu corpo. Eu estava ficando louco.

Gabriel tira minha blusa e, em seguida o sutiã. Ele acaricia meus seios, beliscando cada mamilo meu. Empurro-me em sua direção, querendo sentir mais dele. Paro abruptamente ao me dar conta de que ele não deveria mexer o braço até amanhã.

— Você não pode movimentar o braço, Gabe.

Ele não me dá ouvidos e desce pela minha barriga. Abre minha calça e a retira, junto com a calcinha, deixando-me completamente nua. Assisto a Gabriel, apenas de cueca, caminhar até a cômoda. Suas costas mostram a força que o homem detém em seu corpo. A tatuagem colorida em seu ombro esquerdo está parcialmente coberta pelo curativo, mas não atrapalha em nada minha visão do paraíso.

Ele vira-se e nos encaramos por alguns segundos. Estou a um passo de lambê-lo de cima a baixo, gastando um bom tempo em seu pau. Ele volta para mim e uma bela música preenche o quarto.

— Dance comigo, *dea* – ele aproxima-se de mim, enlaça minha cintura e segura minha mão.

Um nó forma-se em minha garganta, emocionada pelo romantismo do momento.

“Você é o mais belo amanhecer. Pinta em meu rosto um sorriso ao vê-la de novo. Como chuva no deserto, você se impregnou em mim. O mundo mudou desde o momento no qual te conheci. Somos corpo e alma, par de gotas d’água. Você e eu, somos mais que amor. Somos noite e lua, como mar e espuma. Você e eu, somos mais que amor...”

— Eu não fiz um pedido como deveria ter feito, anjo. E os dias foram complicados, você estava absorvida e eu não quis incomodá-la. Perdoe-me se não sou um romântico, mas estou fazendo o meu melhor. – ele alcança uma pequena caixa e coloca-se de joelho em frente a mim. — Eu não consigo imaginar minha vida sem você. Na verdade, eu não quero nem pensar nisso. Eu preciso de você para continuar a viver, Micaylah. Preciso da sua força, do seu apoio e do seu amor. E prometo ser um marido devoto, um pai exemplar e o homem que você merece ter. Case-se comigo e seja *la dea mia per sempre*?

Tantos sentimentos cruzam meu peito nesse momento e a única coisa que consigo fazer é assentir. Ele coloca um lindo solitário em meu dedo, toma-me em seus braços e me deita na cama. Gabriel se deita ao meu lado e seca minhas lágrimas.

— Acredita em destino? – pergunto a ele que assente. — Acreditaria se eu dissesse que nasci para ser sua?

— Você nasceu para ser minha.

— Eu te amo tanto, Gabriel. Amo essa partezinha de você que está crescendo em mim... – ele cala-me com um beijo.

— Deixa eu mostrar como a amo e a amarei para o resto de nossos dias, *dea mia*.

Gabriel mostrou-me como será o “para o resto de nossos dias” quase a noite toda, com a música que se tornou a trilha sonora da nossa história.

” Olhe-me nos olhos, coração. Diga-me que o nosso amor não é um sonho, que isso é mais que amor. Depois beije-me devagar, na escuridão. Quero derreter entre os seus braços e essa solidão. Somos corpo e alma, par de gotas d'água. Você e eu, somos mais que amor. Somos noite e lua, como mar e espuma. Você e eu, somos mais que amor.”

“*Más que Amor*” – *Il Volo*

Epílogo

— Matem todos!

— Ma-mas, senhora, não podemos fazer isso. Lá há mulheres que...

— Está questionando uma ordem minha, Mike?

— Nã-não, é-é que...

— Nã-não o que, Mike? Estamos perdendo a capacidade de falar também? Simplesmente vá lá e faça! – ela ordena.

— Desista de discutir, Mike. Apenas vá e execute a ordem – dispenso o amedrontado homem à minha frente e volto-me para a minha esposa. — Você tem que pegar leve, Micah. Está traumatizando meus homens.

— Seus homens são uns frouxos! – ela faz uma careta.

Caminho até sua cadeira, inclino-me e falo em seu ouvido:

— Você está muito tensa, *dea*. Que tal relaxarmos um pouco? – deslizo minhas mãos pelas laterais de seu corpo. — Eu faço coisas incríveis com a boca e minha língua tem uma destreza impecável em penetração.

Sinto seu corpo estremecer.

— N-não podemos transar, vida – ela fala ofegante.

Mordo a curva de seu pescoço e depois beijo.

— Não vamos transar, apenas farei com que se sinta bem.

Quando minha mão está prestes a chegar sob seu vestido, a porta do meu escritório abre e um menino de dois anos entra correndo.

— Papa! Papa! – abaixo-me e sorrio ao enlaçar a pequena figura que é a cópia de sua mãe.

— Raffaele, não corra no escritório do seu pai, querido – Micaylah fala suavemente.

— Raffaele e eu passamos bons momentos juntos. Não é, garotão? – Elemiah fala, e meu filho sorri para o tio.

— Está usando meu filho para pegar garotas novamente, El?

Elemiah vai até ela, beija sua testa e a ajuda a levantar-se.

— Eu não uso meu sobrinho, Micah. Apenas sou um tio atencioso e que gosta de passar um

tempo de qualidade com seu sobrinho. Agora, não tenho culpa se as mulheres ficam loucas com o charme do pequeno Saints.

Raziel entra na sala resmungando:

— Viu o que me arranjaram, casal perfeito?

Micaylah e eu nos olhamos.

— O que nós te arranjamos, Raze? – Micah pergunta, curiosa.

Ele aponta para nós.

— Minha mãe não para de pegar no meu pé para me casar novamente. Agora tenho até um ultimato. Se eu não anunciar uma esposa nos próximos trinta dias, ela trará Filomena Accorsi para casar-se comigo.

— Filomena Accorsi, a prima encalhada da Valentina? – pergunto já rindo.

— Vai rindo, bastardo – ele vai até Raffaele e beija sua cabecinha. — Mais tarde o *zio* volta para brincar com você. Agora ele tem que arranjar uma esposa.

Antes dele sair, Micah fala:

— Graças a mim, você e Elemiah ganharam mais um ano de solteirice. Deveriam me agradecer de joelhos, seus ingratos.

Abraço Micaylah e acaricio com orgulho sua barriga, que traz nossa menina que está prestes a chegar. Ao repensar minha vida, posso afirmar com convicção que os últimos três anos têm sido os melhores! Tenho a esposa perfeita, que transformou minha casa em nosso lar. Deu-me um filho que é o meu orgulho e tão sagaz quanto a sua mãe.

Não se sabe o que significa amor incondicional até segurar seu filho no colo. Não se sabe o que é morrer por alguém, até que se ame de verdade. Por minha família sou capaz de tudo: matar e morrer. Antes, eu acreditava que tinha sido concebido para ser somente o chefe de uma poderosa organização. Hoje, tenho a mais absoluta certeza de que nasci para cuidar de minha família.

Eu sou Gabriel Archangelo Saints, e essa é a minha história.

Fim.

[1] Xingamento italiano que significa “caralho”.

[2] Expressão em italiano – “O que faço, Deus Santo?”

[3] Refere-se ao conjunto de leis da fé, compreendida pelo Alcorão, a Suna (obra que narra a vida do profeta Maomé), além de sistemas de direito árabe mais antigos, tradições.

[4] Xingamento italiano mais ou menos como “Putá que pariu!”

